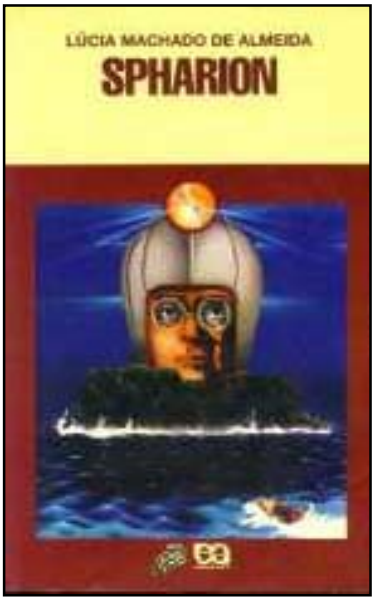


SPHARION

Lúcia Machado de Almeida

OCRBR

Sobre a digitalização desta obra:

Esta obra foi digitalizada para proporcionar de maneira totalmente gratuita o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-livro ou mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância.
A generosidade é a marca da distribuição, portanto:

Distribua este livro livremente!

Brasil, Fevereiro de 2004
"Para aqueles que buscam entender os aspectos físicos e reais antes de se aventurar pelo metafísico e subjetivo"

Crime e Enigma

O que significa Spharion e por que esta palavra aparece misteriosamente gravada no rosto de um velho garimpeiro encontrado morto no interior de Minas Gerais? É o que vai tentar descobrir Dico Saburó, um rapaz que tem poderes paranormais, com o auxílio do jornalista Pedro e de um investigador famoso, o inspetor Pimentel.

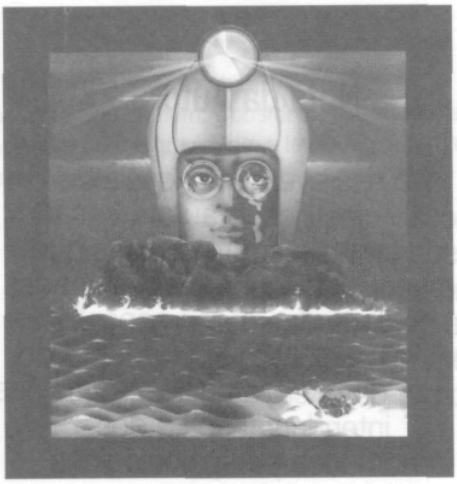
No decorrer das investigações são muitos os fatos sobrenaturais que acontecem, além de continuarem a ocorrer outros crimes tão enigmáticos quanto o primeiro.

Você vai atravessar as fronteiras da realidade e descobrir que o impossível pode acontecer, acompanhando as aventuras de Dico Saburó e seus amigos em Spharion. Vai penetrar num universo muito além da imaginação. Prepare-se para uma sucessão de surpresas, que vão mantê-lo intrigado da primeira à última página.

*A região onde se ambienta a trama de **Spharion** é bem conhecida de Lúcia Machado de Almeida: ela nasceu no interior de Minas Gerais, na fazenda Nova Granja, município de Santa Luzia. Ainda criança, mudou-se para Belo Horizonte. Estudou literatura, história da arte, línguas, piano e canto. Pertence a uma família de intelectuais: é irmã dos escritores Aníbal Machado, Paulo Machado e Carolina Machado, tia de Maria Clara Machado e cunhada do poeta Guilherme de Almeida. Como jornalista, colabora em jornais e revistas do Brasil. Autora de grande sucesso, principalmente entre o púbico jovem, já conquistou vários prêmios literários.*

Lúcia Machado de Almeida

SPHARION



Para Antônio Joaquim

Para meus filhos Para Eduardo Schmidt Monteiro de Castro

Nota da Autora

Ao escrever esta novela de
ficção científica, a autora baseou
sua fantasia em realidades que
vão sendo descobertas, estudadas
e confirmadas nessa espantosa
era que estamos vivendo: era do
átomo, da energia nuclear, dos vôos
interplanetários e dos
fenômenos parapsicológicos.
Assim sendo, ela recorreu
a especialistas em diversas
áreas, sem a colaboração dos quais
lhe teria sido impossível dar
asas a sua imaginação.

"...escrevo acerca das forças naturais, e não das
operadas pela mão do homem. Considero, sobretudo, as coisas
que se relacionam com a gravidade, a levitação, a força
elástica, a resistência dos fluidos e forças semelhantes
de atração ou repulsão..."
ISAAC NEWTON

De "Philosophiae Naturalis Principia Mathematica". Traduzido do Prefácio da 1* edição (1686) diretamente do latim pelo Professor Sylvio Barbosa.

O BEBÊ SOLTO NO AR

— Esse menino está com um febrão danado! — disse a mãe, contrariada, mostrando ao marido o filho deitado no berço.

Mergulhada na ignorância da vida vegetativa (havia menos de uma semana que deixara o útero materno), a criança permanecia alheia a tudo. Um barulho qualquer vindo de fora entrou pela janela, e, por instinto, os pais viraram o rosto para aquela direção. Dez segundos depois, olharam de volta. Então se assustaram: o menino já não estava mais no berço. . . Evaporara-se ali mesmo à frente deles!

— Dico, meu filho! Onde está Dico? — gritava a mãe, revolvendo o berço com mãos vorazes, ainda sentindo o resto de calor que o corpinho deixara nos panos, e a umidade que escorrera da fralda molhada. Ninguém entrara no quarto — isso eles podiam garantir! No auge da aflição, o pai e a mãe desandaram a correr pela casa, que estava deserta, porque era dia de Carnaval, e a cozinheira havia ido à cidade para ver o povo sambar e cantar pelas ruas de Diamantina. E Dina, a filha mais velha, passava as férias no sítio de parentes. Chegaram até o quintal da chácara, e não encontraram ninguém, muito menos o menino. Alheios a tudo, em sua indiferença de vegetais, apenas lá estavam os pés de manga e de jabuticaba, as laranjeiras e os aba-cateiros.

Soluçando, a mãe voltou para dentro. Mal entrou no quarto, soltou um grito, apontou para o teto e dobrou os

joelhos caindo desfalecida no chão. O marido não sabia se desviava os olhos para baixo e acudia a mulher, ou se continuava com a cabeça voltada para cima, siderado pelo que seus olhos estavam vendo. Ó fato é que, envolto em mantas, quase colado ao teto, bem rente às tábuas, se achava imóvel e solto no ar, o filho de cinco dias. Três minutos se passaram, até que o pai percebesse o que realmente estava acontencendo: o bebê tinha. . . levitado! Dois minutos depois, e sem conseguir despregar os olhos do que via (esquecera-se até da mulher desmaiada no chão), o homem notou que o recém-nascido veio baixando lentamente, sempre na mesma direção, até se encaixar de novo no próprio berço! Perplexo, o pai chegou perto e tocou de leve na mão do bebê. Tanto bastou para que recebesse um violento choque elétrico que quase o derrubou, enquanto dos dedos do menino saíam faíscas que crepita-vam como lenha na fornalha. . . Quis falar e não pôde: a garra do medo apertava-lhe a garganta segurando a voz. Finalmente conseguiu:

UM ENDEMONIADO?

— Nosso filho está endemoniado! — exclamou ele para a mulher, que começara a voltar a si.

— Endemoniado! Endemoniado! — repetia ela, andando de um lado para outro.

A mãe se aproximou do berço e lançou ao bebê um olhar aflito. Tocou-lhe o rosto, e estremeceu dos pés à cabeça, como se também tivesse recebido um choque elétrico. Um endemoniado! Era "isso" o que nascera da semente que, num momento de ternura, o seu homem depositara dentro dela.

Um endemoniado! E durante nove meses abrigara aquela coisa no mais íntimo de seu corpo! Por isso enjoara e vomitara tanto, muito mais que da primeira vez, quando ficara grávida de sua filha Dina. O homem correu para fora, entrou no caminhão e seguiu à toda para a cidade. (Ainda bem que não tinha de transportar cascalho naquele domingo de Carnaval!)

Então, o pai percebeu o que realmente estava acontecendo: o bebê tinha… levitado!

Pediria a seu padrinho, o Pároco, que benzesse o menino. Que lhe fizesse o tal de exorcismo para tirar o diabo do corpo. Era disso que seu filho precisava, E com urgência!

Foi bem diferente, entretanto, a conversa que teve com o Padre. Uma longa conversa, na qual coisas ainda não explicadas lhe foram reveladas. E ele acabou compreendendo: sua mulher dera à luz um ser dotado de poderes para-normais. . . um "sensitivo", como chamavam.

— Esses "sensitivos" — disse o Pároco — talvez possam ser futuramente os auxiliares dos médicos. Poderão ajudá-los a diagnosticar e curar moléstias desconhecidas, e farão outras coisas, como localizar objetos perdidos, por exemplo.

Estava tudo ali escrito, bem explicadinho, nos livros de parapsicologia que se achavam na estante e que lhe foram mostrados. Um deles dizia, por exemplo, referindo-se às condições favoráveis à levitação, que qualquer técnica que excite o inconsciente dos paranormais, como susto, tensão nervosa, golpe na cabeça, envenenamento ou febre alta, pode provocar esse fenômeno. Fora isso o que acontecera a Dico. Apesar de chocado com a revelação, o homem a recebeu com humildade, respeito e cuidado. O Pároco, que entendia perfeitamente destes assuntos, prometeu ficar atento e acompanhar de

longe o desenvolvimento da criança.

— As faculdades desse menino — disse ele — representam o germe do homem superior que pertencerá a gerações futuras. Estimular esses fenômenos é perigoso e desaconselhável, entretanto. Convém deixar que eles se apresentem espontaneamente. Milagre existe, João, mas é outra coisa. Coisa rara. Muito rara. É o fato sobrenatural interpretado como tal. Coisa de Deus, assim como pode haver também coisa do espírito mau. Porém, isso já é outro assunto. O que está acontecendo com seu filho, entretanto, não passa de fenômeno natural ainda não explicado.

O Pároco recomendou segredo. Que a coisa ficasse, tanto quanto possível, entre os quatro apenas: o pai, a mãe, Dina e ele. O próprio Dico jamais tomaria conhecimento do inusitado fato ligado aos primeiros dias de sua vida. Seria criado de modo saudável e natural, como se ele fosse um menino em tudo igual aos outros. Conviria que fizesse muito

esporte, natação, sobretudo, para contrabalançar, por assim dizer, a sua "paranormalidade".

CORAÇÃO MOLE

— To com pena, mãe! — repetia sempre Dico, que tinha o coração mole que nem mingau. Tinha pena de tudo e de todos. Desde cedo, sem ninguém saber por quê, não comia nada que houvesse sofrido morte: nem carne de boi, nem de frango. Só de peixe, uma vez ou outra, e assim mesmo, com remorsos. Pescar, ele não pescava mesmo. A única vez que fez isso, quando viu o peixe pulando fora d'água, fisgado no anzol, logo o soltou, pediu desculpas, e o devolveu ao riacho que escorria vagaroso pelo fundo da chácara.

— Daqui a pouco nem flor você deixa apanhar do pé — disse Joana.

— Depende — tornou Dico. — Se arrancá-la com raiva, garanto que ela sente dor, mas se for apanhada com carinho, ela até gosta, porque vai enfeitar algum lugar e alegrar alguém.

Uma vez Joana o viu sentado à beira do córrego da chácara, com uma varinha na mão.

— Está catando diamante? perguntou ela, de brincadeira.

— Não. Estou vendo se salvo umas formigas que estão se afogando. Sabia que elas têm coração, mãe? Um coração simplificado, como um fiapo de cabelo que fica mexendo e movimentando uma espécie de água branca, o sangue-zinho delas.. . coitadinhas.

— Você sabe tanta coisa, Dico! — tornou a mãe. Anoiteceu.

Ouviu-se lá fora o barulho do caminhão de João Sabu-ró que chegava do trabalho. As botas sujas do homem de corpo suado e cansado pisaram forte no assoalho e ele disse para a mulher que correra até a porta, a esperá-lo:

— Tive um dia duríssimo, Joana! Estou exausto! Carreguei cascalho que não foi brinquedo. Tomo um banho,

como qualquer coisa, e vou logo para a cama. Onde está o Dico?

Foi ao quarto do mocinho e o encontrou sentado na cadeira. Tinha acabado de colar

com araldite o casco de uma tartaruga, que lhe fora quebrado quando um carro passou em cima dela.

Ao ver o pai, Dico disfarçadamente tampou com o braço esquerdo um pequeno álbum de fotografias intitulado "Belezas Nuas". Percebendo que um enorme pernilon-go mordia o outro braço do filho, João Saburó exclamou:

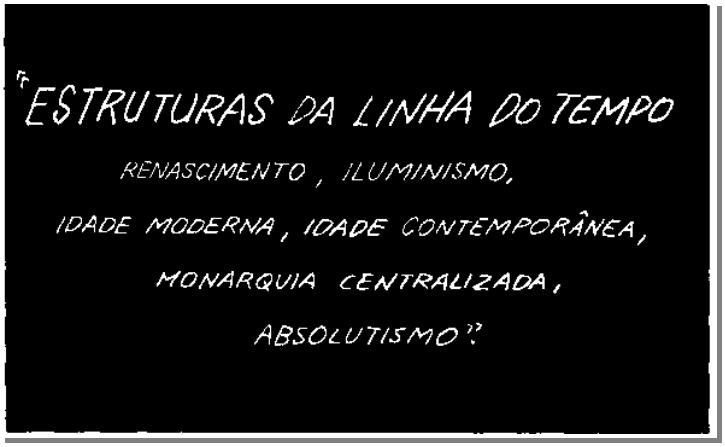
— Fique bem quieto, Dico! Não se mexa! Vou matar esse mosquitão safado que está chupando o seu sangue!

— Já vi, Pai! Deixe o pernilongo morder sossegado. Tá com fome, coitadinho.

João Saburó saiu do quarto contrariado, dizendo para a mulher:

— Nosso filho não regula, Joana! Ser bom é uma coisa. Ser bobo é outra. Esse menino, se continuar assim, acaba massacrado pela vida! Chego a pensar que ele é desequilibrado mesmo. E sei lá o que vem por aí. . .

COISAS ESQUISITAS ACONTECEM



De vez em quando, coisas esquisitas aconteciam na chácara de Saburó: certo dia, quando Dico estudava as lições no quarto, objetos que estavam no chão — sapatos, pasta da escola, aeromodelo (um Spitfire, exatamente) e uma revista em quadrinhos — começaram a se arrastar sozinhos no assoalho, como se estivessem sendo varridos por vassoura invisível. Nesse mesmo instante, o olhar do menino se tornou distante, ausente, e ele viu, isto é, "assistiu" a uma cena que acontecia longe: um prédio que pegava fogo em certa cidade grande. No dia seguinte, os jornais noticiaram o incêndio. Mas isso acontecia de raro em raro, independente da vontade do menino. A princípio Dico ficava assustado consigo mesmo, depois acabou se acostumando. Quando isso acontecia, ficava quietinho, calado, disfarçando tudo, de modo que os outros não percebessem nada. Apenas o Pároco, Joana, João e Dina Saburó estavam a par do rumo que as coisas iam tomando.

E aconteceu que, dias depois, na escola onde Dico estudava, o professor entrou na sala, conferiu a hora no grande relógio da parede, e constatou que eram exatamente doze horas. Então ele escreveu no quadro-negro a lição:

— Como vocês podem ver, meus alunos — começou o professor — vamos estudar hoje. . . — (sem querer, olha o relógio na parede: já são 6 horas da tarde).

O homem nota que a sala está escurecendo, perturba--se, empalidece, gagueja, e depois de ficar calado alguns instantes, diz:

— Por hoje é só, meus alunos.

E sai da sala, visivelmente alterado. Os garotos olham uns para os outros, alguns conferem no relógio de pulso: são exatamente 6 horas da tarde. É quase noite. Passara o tempo de aula e, pareceu-lhes que esta ainda nem começara! Os meninos correm para o pátio e começam a entender ainda menos: não está anoitecendo coisa nenhuma. Apenas uma grande nuvem negra que tapara o sol vai-se deslocando até deixar a descoberto um sol glorioso explodindo em pleno dia! Como que envergonhado, de rosto vermelho, só Dico percebe o que acontecera: fora ele o responsável involuntário por aquela cena. Não era essa a primeira vez que, de repente, sem saber como nem por quê, os relógios que estavam à sua volta, se adiantavam rapidamente, ou então. . . paravam! O menino não disse nada. Afastou-se discretamente e rumou para casa. No dia seguinte, João Saburó foi ao Colégio, acompanhado do Pároco, disposto a explicar tudo ao diretor e ao professor. Que compreendessem e tolerassem a situação, e que — isso era essencial — guardassem só para eles o inusitado acontecimento. Os alunos comentaram durante algum tempo que os relógios tinham enlouquecido aquele dia, e uma semana depois, ninguém falava mais no assunto. Dico Saburó tinha então apenas quinze anos de idade. Crescera bastante, mas continuava magrinho, apesar de nadar sempre no clube. E fazia isso tão bem que chegou a ganhar várias medalhas. E como namorava! Era doidinho por mulher, para dizer a verdade...

A PRIMEIRA VÍTIMA

No lugar chamado "Extração" ou Curralinho, três mi-neradores humildes trabalhavam pelo mesmo processo antigo de "canoas" usado no século XVIII. Chegou um caminhão *e* despejou o cascalho.

Havia um ripado, uma espécie de pequeno dique, represando a água que vinha de uma vertente vizinha. Retirado o tapume, começou a "fervura", isto é, a queda-d'água de cerca de um metro de altura, e que, numa primeira apuração, natural, foi lavando o cascalho que estava embaixo, e separando os satélites e os diamantes. Os mineradores se puseram a pular com força em cima desse cascalho, para "desengomá-lo", isto é, separá-lo da areia inútil. O material "desengomado" foi sendo atirado a um monte a que chamavam de "Esmeril".

Colapso? Assassinato? Não havia vestígio de tiro, nem de facada. Apenas um levíssimo sinal na testa.

— Acho que apanhei uma gripe — disse um deles.

— Eu cá também não to lá muito bão — falou o outro.

No dia seguinte dois dos mineradores faltaram. Ficou apenas o mais idoso e experiente. À hora do almoço, um deles, melhorando da gripe que o retivera em casa, resolveu trabalhar. Encontrou o "Esmeril" remexido, e o velho caído no

chão, morto. Colapso? Assassinato? Não havia vestígio de tiro, nem de facada. Apenas um levíssimo sinal na testa, um ligeiro chamuscado. . . Horas depois, o Serviço de Medicina Legal constatou que, por razão ignorada, havia sido destruído importante centro vital do cérebro do minerador, por arma e sistema totalmente desconhecidos. E a palavra Spharion, como se fosse marca, havia sido desenhada em tinta azul no rosto do morto. Logo abaixo as letras FF. Mas quase ninguém deu importância a esse detalhe, a não ser a polícia.

SUMIRAM PEDRINHAS PEQUENAS

Algum tempo se passou. Dico acordava cedo, e corria lépido para a aula, pois estava se preparando para exames. Depois do almoço, havia o trabalho. E lá ia o mocinho para o Instituto Diamantinense de Mineralogia, do qual era uma espécie de conservador. Arrumava as amostras, classificava-as, recebia e acompanhava os visitantes, dando-lhes explicações. Um dia notou que haviam sumido três pequenos diamantes brutos. O mais esquisito é que eram peças pequenas, de muito pouco valor comercial. Dico demorou a dar por falta das pedrinhas, que se achavam expostas, entre dezenas de outras, numa pequena bandeja. Teriam desaparecido exatamente quando ele estava de férias. O diretor do Instituto chamou a polícia mas não acharam pista alguma, e ninguém descobriu nada. Os colegas riram-se, quando Dico lhes contou que encontrara em sua mesinha de trabalho uma folha de papel com a palavra Spharion, escrita em letra de imprensa, bem no meio. Embaixo dela, as letras FF. A mesma "marca" deixada no rosto do minerador que fora encontrado morto dois meses atrás.

Enquanto isso. . . sozinho em seu quarto, um jovem radioamador da cidade tenta definir certas ondas que está captando. Esquisitas. Muito esquisitas mesmo.

— Ai, que mal estar. . . que enjôo. . . —- suspira ele para si mesmo, pondo a mão na cabeça. — Que tontura, poxa!. . . Pronto: passou. Fui comer manga verde e deu nisso.

DINA

Dina Saburó está aflita para entrar na história. Ei-la que vem vindo, com seu gênio forte, corpo esbelto, cabelos compridos e lisos, parecendo cortina de franjas, olhos puxados, e riso aberto que a iluminava toda.

"Você está estudando?" tinha ela a mania de perguntar a todo menino que encontrava. Se a resposta era sim, Dina dizia: "Muito bem. Deve mesmo.. .".

— Lá vem pintando a chatinha! — disse um colega de Dina. — Juro que vai repetir o papo de sempre, mandando a gente estudar! Estou noutra, viu? Por que, em vez disso, ela não vai namorar, coisa que gosta tanto de fazer? Não acha que tenho razão?

— Isso é despeito seu, porque ela não se amarra em você — comentou outro colega. — Nossa! Mas como você é linguarudo! Sua língua é tão grande que para fechar a boca, você tem de enrolar a dita cuja.. .

(Dina Saburó sai da história, para voltar depois.)

Quanto aos dons extra-sensoriais do jovem Saburó, por mais segredo que a família

guardasse, a coisa acabou — como se diz — "transpirando", pois algumas vezes acontecia que, à vista de todos, os dedos de Dico começavam a atrair involuntariamente corpos leves, como papéis, lenços, canetas, enquanto que objetos pequenos como que voavam lentamente pelos ares, mudando de lugar.

JOÃO SABURÓ

Numa decisão inflexível, e que a gente da cidade acabou compreendendo, João Saburó exigira o maior respeito para com esses fatos. Que deixassem seu filho em paz e que não lhe perguntassem nada. Tinha autoridade para pedir isso. O povo de Diamantina sabia que João Saburó controlava todo o transporte de cascalho da região, levando sua responsabilidade ao extremo de dirigir ele próprio o caminhão, carregando o material que as caçambas da Grande Draga retiravam do leito do Rio Jequitinhonha, até Canoinhas, sede da Companhia Diamantinense de Mineração, a fim de ser reduzido pelos "moinhos de bola". Mas o principal não era isso: o povo gostava e respeitava João Saburó por ser bom, inteligente e humano. Um pedido seu ninguém discutia.

O MUNDO EXPANDIA-SE

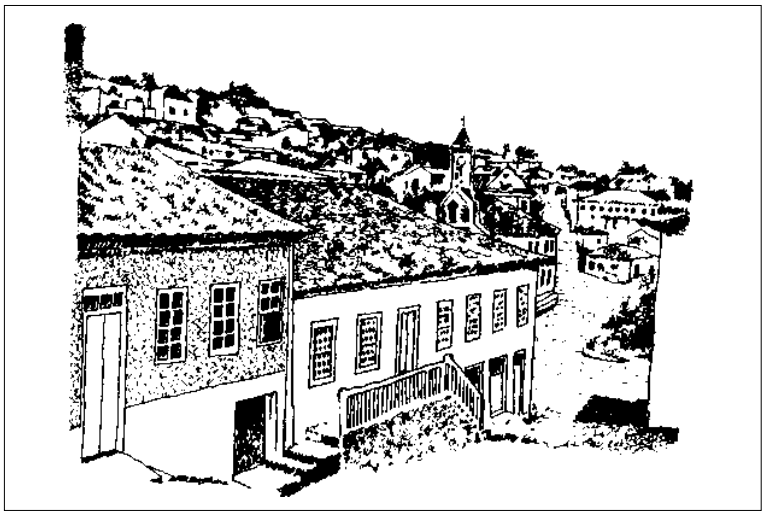
Em silêncio, a polícia continuava discretamente a procurar uma ligação entre a morte do minerador e o roubo dos diamantes miúdos.

Enquanto isso, o mundo prosseguia em sua expansão. . . Coisas diversas, mas igualmente belas, aconteciam. Minúsculas florzinhas perdidas nos matos cumpriam em silêncio, humildade e solidão, seu destino de florir, depois murchar, sem que ninguém soubesse de sua breve existência. Um sopro, apenas. . .

Entretanto, essa beleza, aparentemente inútil, era sábia e ecologicamente importante, pois atraía insetos que levavam adiante o pólen, para a perpetuação da planta. Folhas de certos vegetais de caule grosso armazenavam umidade e se fechavam durante a noite para guardar calor, enquanto astrofísicos, em seus observatórios, faziam cálculos de mecânica celeste tentando perscrutar o Cosmos até os seus confins. E humildes lavradores, manejando arados, preparavam a terra para a semeadura, enquanto cientistas enfiados em aventais brancos examinavam, através de microscópios eletrônicos, células humanas doentes, tentando descobrir a causa de sua desordenada e fatal multiplicação. . . Aves, plantas e insetos executavam cada qual o seu trabalho particular e simples, concorrendo, no que lhes competia, para o equilíbrio ecológico da Terra.

E, enquanto girassóis amarelos, sabe-se lá por que misterioso conluio, %iam girando e acompanhando a posição do Sol, atraídos por sua luz, homens e mulheres se amavam, fecundando óvulos, que por sua vez se converteriam ern outros homens e em outras mulheres.

Não só em Diamantina, mas também no Serro, fora visto algumas vezes um vulto a se esgueirar pelos becos. À noite, sempre à noite. . . Alta madrugada, quando ainda havia escuridão, e as coisas tomavam um ar misterioso e irreal. Surgia o sol e rompia-se o encanto. Começava o dia, e compradores de diamantes circulavam pela cidade e examinavam as pedras, escolhendo as que melhor se enquadrassem em seus interesses, e que seriam revendidas no Rio de Janeiro, São Paulo e mesmo nos Estados Unidos e Europa.



UM HOMEM PEQUENO E MAGRO...

Naquele domingo, o Museu do Diamante estava cheio de visitantes. Um grupo de geólogos alemães, dois casais de turistas norte-americanos, gente do Rio, São Paulo, classes inteiras de colégio, e. . . um homem baixo e magro, discretamente vestido e usando óculos sem aro.

Armários almofadados, arcas, oratórios pintados, camas românticas dos séculos XVIII e XIX reconstituíam o ambiente da época na casa colonial.

— Nestes caldeirões se cozinhava a comida grosseira dos escravos — dizia o guia, explicando peça por peça, num quarto triste, cheio de instrumentos de tortura, como argolas e correntes de ferro, chicotes, palmatórias, tenazes para marcar negros fugidos. Na sala principal via-se uma mesa redonda com pés de jacarandá torneado e tampo de mármore de Garrara, tendo em cima balanças, pesos e objetos ligados ao serviço de mineração.

— Aí estão os crivos para classificar diamantes — explicava o guia, mostrando uma espécie de placa de metal, redonda, cheia de furos de vários tamanhos. Passaram por uma sala onde havia um espelho antigo embaçado, como quê gasto e exausto por ter refletido tantos rostos que se haviam transformado em pó. E atravessaram outra sala, na qual se achava o retrato pintado de um homem moço que teria vivido no século XVIII, cujas pupilas de óleo como que se fixavam nos que o fitavam, fazendo-lhes sabe-se lá que indagações. Entraram depois num quartinho onde viram um grande cofre de ferro. O guia manipulou o "segredo", abriu-o e explicou:

— Os senhores estão vendo várias amostras de diamantes brutos de procedências diferentes, mas todos desta região.

Ninguém percebeu que o homem baixo, magro, e de aspecto insignificante, suspendia e abaixava a mão, viran-do-a ora para a direita, ora para a esquerda, disfarçadamente. Depois tirou os óculos, olhou firme para o guia, como se o estivesse magnetizando. Soou o sinal das dezessete horas para encerramento, e os visitantes automaticamente foram-se retirando. Os guardas também saíram. O homem de óculos sem aro ficou. O guia, que era

o responsável pela portaria, como um autômato fechou o Museu, dirigiu-se à sala do cofre, rodou o "segredo", abriu-o, e. . .

Na manhã seguinte o encontraram morto, esticado no chão. Com tinta azul de pincel atômico, estava gravado em sua face esquerda o nome Spharion, em cima das letras FF, escritas por pulso forte, como se a pessoa estivesse com raiva, no momento em que fizera aquilo. Um ligeiro chamuscado na testa sugeriu o que os médicos confirmaram depois: fora destruída uma parte vital do cérebro do guia, por processo absolutamente desconhecido. Não foram encontradas impressões digitais em parte alguma. Faltavam alguns diamantes no cofre. E não eram os maiores e nem os que valiam mais.

ALARME NA CIDADE

Dessa vez houve escândalo em Diamantina. O famoso Inspetor Pimentel veio do Rio de Janeiro, a ver se descobria quem era o misterioso assassino, como matava as vítimas, e por que motivo tirava diamantes de pouco valor.

As pistas eram fracas. O fato é que ninguém prestara atenção especial no homem magro de óculos sem aro que se misturara com os visitantes do Museu, e nem dera por falta dele na hora da saída. As pessoas que lá tinham estado foram chamadas a depor, e se prontificaram a isso. Todas menos uma. E foi então que aquele homem baixo e magro, de óculos sem aro, começou a ficar suspeito. Como teria assinado no livro de visitantes? Seria fácil descobrir isso por exclusão. Lá estava em letra maiúscula, um S apenas. Procedência: Planeta Terra.

— O homem já tinha o plano todinho arquitetado e estava bem seguro dele — comentou o Inspetor. — E esse negócio de assinar Planeta Terra foi de gozação pura, ou então de. . . debilidade mental.

Boatos se formavam de todos os lados. Alguém vira, noite alta, silenciosa máquina (seria motocicleta?) rodando, rápida, pela estrada Diamantina—Datas. Outro teria percebido, já mais perto do Serro, uma sombra escura, como um grande pássaro, saindo da mata e subindo em linha reta pelos ares, sem ruído algum. Alguns acreditaram, outros não. "O povo fantasia muito", diziam, e "quem conta um conto, acrescenta um ponto".

E foi quando certo conhecido jornal do Rio de Janeiro mandou a Diamantina o jovem Pedro, seu melhor repórter, com a ordem de ficar na cidade o tempo que fosse necessário até deslindar tudo.

PEDRO

Dias depois, um rapaz magro de cabelos castanhos, olhos um pouco oblíquos, e traços harmoniosos chegava à chácara dos Saburó. João ainda não voltara do trabalho e nem Joana, que era professora e dava aulas no turno da tarde. Voltavam juntos, e ainda passavam no Instituto Diamantinense de Mineralogia, a fim de trazerem Dico, aproveitando a condução. Apenas Dina estava em casa. O rapaz logo se identificou: era jornalista e viera entrevistar João Saburó, por ter sido informado ser ele o maior conhecedor do assunto "diamantes".

— Meu nome é Pedro. E o seu?

— O meu é horroroso. Eu me chamo. . . Bernardina mas tenho o apelido de Dina.

— De agora em diante Bernardina passa a ser um nome lindo! — disse ele sorrindo, com uma expressão triste, como se o sorriso o machucasse.

E aconteceu que uma instantânea afinidade ligou Dina a Pedro. Começaram a conversar, como se já se conhecessem há meses, anos, séculos, milênios. E veio a indefectível pergunta:

— Você está estudando, Pedro?

O moço fixou-a com seu olhar grave, um olhar que, por assim dizer, doía na gente, e contou que terminara dois anos atrás o Curso de Jornalismo e Comunicação.

Dina falou qualquer coisa. Pedro também falou qualquer coisa. Mas nada do que eles falaram tinha sentido, porque nem eles mesmos sabiam o que estavam falando. Sem o perceber, haviam-se desligado da terra e do próprio corpo. Olhos nos olhos, pairavam longe, bem longe, flutuando num lugar vagamente semeado de estrelas. É como que se convertiam em estrelas elçs mesmos.

— Dina. . . — murmurou Pedro, como que em sonho.. .

— Pedro... — disse ela, sem saber para onde estava sendo levada.

Oh! Nunca lhes acontecera aquilo. . . Positivamente era ridículo esse romantismo ultrapassado na era do átomo, dos vôos interplanetários, das ciências exatas... da "pílula" . . . Ridículo mesmo. Ridículo e piegas. Entretanto, acontecera. Estavam assim soltos no espaço quando chegaram João, Joana e Dico Saburó.

Meio desajeitado, Pedro explicou a razão de sua presença na chácara, e teve longa conversa com João Saburó, sobre os acontecimentos de Diamantina. Sentado no sofá, Dico estava pensativo. Súbito, seu rosto adquiriu uma expressão distante e preocupada.

— Dico, meu filho — disse Joana. Será que você está vendo alguma coisa? Adivinhou quem é o tal Spharion?

Diga-nos, Dico, pelo amor de Deus!

— Nada, mãe. Estou na dúvida se vou tomar sorvete de creme ou de limão. Só isso.

— Ora bolas! — exclamou Joana, desapontada. — Corra então para a geladeira, filho. Corra, depressa!

CERTO MAL-ESTAR SÚBITO...

Em dado momento, João Saburó pôs a mão na testa. Qualquer coisa não estava indo lá muito bem com sua saúde. Aliás, de uns tempos para cá, isso vinha se repetindo com freqüência. Um amolecimento súbito, uma espécie de interferência em seus pensamentos, como se ele não mais os estivesse podendo controlar. Uma ligeira náusea.. . Comentou isso com Pedro, que lhe sugeriu tirasse umas férias.

— Deve ser excesso de trabalho, um pouco de esgotamento, talvez. Quem sabe se uma viagem lhe faria bem? As férias estão próximas e seus filhos poderiam acompanhá--lo, não acha?

Pedro saiu da chácara de João, Saburó, ainda vagando pelas nuvens, sentindo um gosto novo na vida, como se tivesse descoberto uma coisa que existia dentro dele, sem que ele jamais houvesse suspeitado.

Os homens magros e baixinhos da cidade sentiram-se complexados. Alguns ficaram tão apavorados que — coisa ridícula! — começaram a fazer discretamente regime para engordar.

— Ainda bem que apesar de minha magreza, sou mais alto — dizia Dico para si mesmo. — Só faltava eu virar suspeito também. . .

Se alguém chegava perto de um sujeito qualquer e dizia "Como você está magro", era o mesmo que o insultar.

O homem ficava achando que recebera uma indireta relacionada com os acontecimentos da cidade. Todos os locais de trabalho dos mineradores, mesmo os dos mais humildes, passaram a ser rigorosamente vigiados, sendo que, por ordem da polícia, os homens andavam sempre armados. Vinte investigadores disfarçados foram espalhados pelos departamentos da Companhia Diamantinense de Mineração, em Canoinhas, e na região do Rio Jequitinhonha, onde a Grande Draga flutuante se achava presa às margens por cabos de aço.

Pedro, que já sabia dos dons paranormais do filho de João Saburó, pediu-lhe que fizesse um esforço e se concentrasse, concentrasse, concentrasse.. . Quem sabe se obteria alguma pista? Dico tentou várias vezes, sem resultado. Certo dia, inesperadamente, caiu numa espécie de transe e disse:

— Ouço barulho de chuva!.. . De chuva ou de ondas .. . ondas de mar, não sei bem.. .

De outra vez foi um pouco mais longe:

— Vejo tubarões brancos nadando debaixo de ondas muito altas. Ondas de mar. Apenas isso. Não fazia sentido, portanto. Sentido algum.

CONVERSA COM OS MINERADORES

Pedro continuava a entrevistar mineradores. No rumo do bairro chamado Palha, chegou até um lugar onde cinco homens lavavam o cascalho diamantífero através de processo semimecanizado, às margens de um ribeirão que desa-guava no Rio Jequitinhonha. O moço ouvia com atenção as explicações daquele que parecia ser o chefe do pequeno grupo: a água era represada artificialmente, sendo em seguida retirada por meio de uma bomba de sucção com motor a gasolina, até deixar a descoberto o cascalho diamantífero concentrado no leito do ribeirão. O "esvaziamento" demorava cerca de quatro horas. Seca a pequena represa, o material era levado até a caixa de uma bica colocada em ligeiro declive, e pela qual a água escorria. As grelhas da "bica" iam retendo o cascalho mais pesado, que era depois separado em peneiras.

Pedro prestava atenção em tudo, sem perder nada. Vendo a segurança e rapidez com que um dos mineradores — um preto velho — catava as pedras no meio do monte, perguntou-lhe como fazia para descobrir o diamante entre tanto cascalho miúdo.

— Ele tem um troço que chama a gente, moço! Um troço que faz os óio da gente gruda logo nele!

Pedro dirigiu-se a outro negro minerador e lhe fez a mesma pergunta. E o homem respondeu:

— Dou logo com ele porque é o mais. . . simpático, ora!

Pedro sorriu:

— Com certeza — disse ele —, essa espécie de faro que você tem foi herdada de seus antepassados escravos, que vieram da África para as minas do Brasil no século XVIII, você não acha?

Interessado em conhecer o aspecto social desse tipo de mineração, o jornalista ficou sabendo que o trabalho era geralmente feito pelo sistema chamado de "meia". Trinta por cento do lucro com a venda das pedras encontradas pertencia ao dono da máquina, sendo que cerca de setenta por cento era aplicado no salário dos garimpeiros. Ao minerador que achasse um diamante bom, também cabia, independente do ordenado, mais dez por cento sobre o preço da venda.

— Que acha do tal Spharion? — perguntou Pedro de repente a um terceiro minerador.

— Cruz-credo, moço! Aquilo é coisa dos capeta. Eu cá tou prevenido dos dois lado. — E mostrou-lhe um revólver, mal disfarçado no macacão sujo, e um terço depen-durado no pescoço.

— E o que você ganha é suficiente para viver?

— Pra não morrer de fome, dá — tornou o homem que tinha um rosto sofrido e gasto. Pedro olhou o relógio e sorriu sem perceber: estava na hora de buscar Dina na aula de inglês.

Enquanto isso... no aeroporto do Galeão no Rio de Janeiro, um vulto miúdo de pele curtida tomava o avião rumo à Europa, com passaporte falso. Um homem que falava muitas línguas, mas de nacionalidade indefinida.

Um homem que não levava diamantes nos bolsos, nem em sua bagagem, nem em parte alguma. Um homem que foi à França mas não ficou em Paris. Um homem que foi à Inglaterra e não ficou em Londres. Um homem de inteligência fora do normal, personalidade forte e poderosa, mas. . .

NOITE PERFUMADA E SUÉTER DE LÃ

— Nossa situação é a seguinte — comentava o Inspetor — Spharion sabe que já foi identificado, e que um disfarce se torna um pouco difícil. Agirá ainda com mais cuidado, e certamente preferirá a escuridão da noite, para não ser percebido. Quanto ao motivo pelo qual ele rouba diamantes pequenos e de pouco valor. . . isso é um mistério cada vez maior. Está claro que ele não os quer utilizar para jóias. . . Não há nada como um dia depois do outro. Vamos esperar. João Saburó que se cuide, pois obviamente será um dos mais visados. E que também abra os olhos o tabelião do cartório do Serro. Todo o mundo sabe que ele tem uma das maiores coleções de diamantes de Minas Gerais.

— Acha o senhor que Spharion age sozinho, ou trabalha, por assim dizer, em equipe? — perguntou Pedro.

— Minha impressão é de que ele "trabalha" quase só. Creio ser ele o delinqüente mais perigoso que já enfrentei em toda a minha carreira. Todos os hotéis e pensões da região estão vigiados. Ainda não tenho a menor idéia de onde ele possa, se esconder.

Dico sempre andava sozinho à noite pelas ruas da cidade. Gostava de pisar naquelas

capistranas, por onde, há quase trezentos anos, haviam trafegado arrogantes senhores de lavras, se achando os donos do mundo, só porque controlavam a produção de diamantes da região.

Àquela hora tardia, a cidade parecia definitivamente quieta. Ao passar pela Rua Macau do Meio, que estava quase deserta, Dico esbarrou num homem magro, de pele escura, desacordado, estendido no chão, coberto de trapos tão imundos, que todo ele era uma sujeira só. Um forte cheiro de álcool definia a situação: tratava-se de um bêbado, simplesmente. Alguns raros transeuntes passavam, alheios,

ignorando a existência daquele rebotalho humano. Dico parou, olhou-o com ternura e tentou perguntar-lhe uma porção de coisas: "Por que você bebeu tanto, meu irmão? Do que está querendo se esquecer? Está sem trabalho? Sem dinheiro? Sem amor?". O homem continuava desmaiado, alheio a tudo. Dico tirou do corpo o suéter de lã que Joana Saburó lhe tecera, ajoelhou-se junto do homem, e, com infinito cuidado, dobrou-o, colocou e ajeitou a improvisada almofada debaixo da cabeça do mendigo. Tolice. De muito pouco adiantava o seu gesto, ele bem o sabia. . . Não era justo. Nada daquilo era justo. Aqueles trapos. . . Aquela sujeira. . .

Nos jardins, as rosas e as "damas-da-noite" perfumavam tanto a hora noturna, que a gente tinha pena de não haver ninguém para respirar aquele ar tão gostoso e leve.

Uma forma indefinida e misteriosa — dir-se-ia um gigantesco morcego — desceu dos céus em linha reta aquela noite. Desceu e desapareceu numa espécie de clareira que se abriu e se fechou rapidamente na floresta espessa, a alguns poucos quilômetros do Serro.

ALÉM DO QUE OS OLHOS VIAM

"Nossa! Hoje estou daquele jeito. . .", pensou Dico, sentindo que seus dedos estavam atraindo corpos leves. Os papéis que se achavam espalhados no quarto voaram pelos ares até ele, e ficaram grudados em seu corpo. Era um domingo e ele decidiu passar a manhã inteira na chácara, andando de um lado para outro. Você está murchando, não é minha rosa? Pois vou rejuvenescê-la. Será que conseguirei? Tocou levemente os dedos nas pétalas, e estas imediatamente se retesaram: a rosa acabara de recuperar a frescura e exuberância de três dias atrás. Notou que as flores obedeciam às leis da geometria, e que o número de suas pétalas geralmente coincidia com o das cordas de um círculo, quando começavam a se abrir. Clarividência esquisita a sua. . . Aparecia sem ele querer e quando menos esperava. . . Naquela horinha percebeu nitidamente que as plantas tinham inteligência. Parou alguns instantes para observá-las. Viu que...

"Nossa! Hoje estou daquele jeito…", pensou Dico, sentindo que seus dedos atraíam corpos leves.

...uma trepadeira se arrastava de modo muito lento pelo chão, como que atraída por uma estaca que se achava a alguns metros de distância.

— Vou fazer você mudar de rumo, quer ver? Uma experienciazinha só. —• Andou até a estaca, arrancou-a e fixou-a em direção inteiramente oposta. Notou então que, em movimentos muito vagarosos, a trepadeira foi-se virando aos poucos até se postar na direção da estaca, conforme Dico a colocara. Reparou depois que, em sua percepção primária e indefinida, os pés de alface estremeciam de pavor à aproximação de um coelho. Eles tinham razão: em poucos segundos, o roedor comeu com voracidade as folhas. Mais além, Dico viu plantas se mexendo em movimentos leves, enquanto iam-se expandindo em direções opostas: de um lado as raízes furavam a terra, penetrando e se fixando no solo, como que puxadas pela gravidade. Por outro lado, irrompiam pelos ares, como que atraídas por uma espécie de antigravitação. Pouco adiante, viu um cipó novo se enrolando numa vara, da direita para a esquerda. Desenrolou-o, e, com os dedos, enroscou-o da esquerda para a direita. A planta resistiu e não obedeceu: foi-se desenrolando lentamente e se enrascando outra vez em espiral, na primitiva direção, isto é,

da direita para a esquerda. Parecia que ela estava suplicando: deixe-me ser como sou!

"Ninguém consegue mudar essa orientação", pensou Dico. E sentiu que a planta se expandia em direção ao hemisfério meridional, tendo secreta relação com o Sol, a rotação da Terra, e influenciando-se pelo pólo mais próximo. Sim: as plantas se comunicavam, vivendo em sintonia com o movimento dos astros. A energia cósmica realmente circulava por todas as coisas vivas e pelas aparentemente sem vida. E percebeu uma coisa mais estranha ainda e que vinha confirmar o que lera há dias em certa revista científica: havia uma identidade de estrutura entre a célula vegetal e a célula nervosa humana! Sabia que todos os seres vivos, dos elefantes aos minúsculos vírus, se baseavam no mesmo elemento químico: as proteínas. Sentiu de repente que sua cla-rividência se tornava, por assim dizer, auditiva. Começou a ouvir sons avulsos, desconexos, vagando pelos ares. Frases que ele não entendia iam-se formando. Finalmente compreendeu: eram fantasmas de palavras mortas, vibrações deixadas por conversas de gente que não existia mais, e que andara por aqueles lugares.

Dico subiu numa árvore, e encontrou um ninho que estava sendo feito por um passarinho qualquer. "Está fazendo frio, meu irmãozinho. Vou ajudá-lo a esquentar esse berço", disse ele. Desceu, subiu até a paineira vizinha, colheu um pouco de paina e forrou o ninho com ela, para fazer "kentuço" (como ele dizia).

A chácara tinha algumas plantas e árvores desconhecidas, sem beleza e sem nenhuma utilidade aparente. "Um dia", pensou Dico, "alguém descobrirá que elas servem para alguma coisa!" E mais do que nunca sentiu que, na natureza, nada era inútil, tudo tinha sua razão de ser, tudo deveria ser preservado.

E ainda uma vez começou a ouvir aquele ruído de chuva. De chuva ou de ondas explodindo contra um penhasco. Mar. . . mar. . . mar. . . Seria isso mesmo?

SILVANA

— Dina. . . — murmurava Pedro de olhos fechados, passando os dedos bem de leve pela face da moça, como se fosse um cego, tentando adivinhar pelo apurado tato, os traços daquele rosto amado.

— Pedro... — dizia ela... escondendo a cabeça no peito do rapaz.

Como fora lhes acontecer aquilo? O moço se esquecera completamente de tudo o que deixara no Rio de Janeiro. Desligara-se, limitando-se a cumprir sua obrigação, mandando as prometidas reportagens para o jornal, e nada mais. Lá haviam ficado os sábados e domingos na praia. O surfe. O sol. O gosto salgado na boca. . . Os bares. . . As garotas lindas de corpo perfeito, cabeça oca, e conquista fácil. . . E havia Silvana. Mais bonita até do que Dina. Desejara-a simplesmente. Bem diversa, entretanto, fora a complexa química que o atraíra para Dina. Imprevisível. Inexplicável. Irredutível. Melhor não defini-la, para não ficar prisioneiro de palavras. . .

Além disso, a misteriosa personalidade de Spharion fascinava-o, e Pedro estava decidido a acompanhar o caso até o fim. Aos pais escrevia dizendo que não se preocupassem, que estava tudo ótimo. E Dina, que vivia mandando todo mundo estudar, deu essa ordem para si mesma: virou uma ilha cercada de livros por todos os lados. Era preciso acompanhar Pedro, que diabo! E nem ligava quando, de gozação, algum dos ex-namoradinhos a cumprimentava, frisando as sílabas: "Então, como vamos de curtição, dona Ber-nar-di-na? Está numa boa, hem? Está na sua, hem?".

Enquanto isso. . . lá no Rio de Janeiro, a bonita Silvana não se conformava com o sumiço de Pedro. Aquele silêncio. . . Apenas dois postais lacônicos em seis meses. Será que ele não se lembrava de tudo o que houvera entre eles? Dediciu-se: iria a Diamantina. Foi, e ficou sabendo de tudo, principalmente em relação a Dina Saburó. Não suportou e voltou logo sem procurar o antigo namorado.

LEMBRAVAM CASTELOS SEM I DESMORONADOS

A polícia continuava sem pistas e o Inspetor andava muito preocupado. Naquele fim de semana, Dico e Pedro, que haviam se tornado muito amigos, seguiram de carro para o Serro depois do almoço. O jornal havia pedido uma reportagem sobre a coleção de diamantes do tabelião da antiga Vila do Príncipe, e o encontro estava combinado para a manhã seguinte. Dico e Pedro iriam se hospedar num grande sobrado do século XIX, conhecido como Casa dos Otoni, que pertencia à Prefeitura do Serro, e ficava perto da residência do tabelião. Dina manifestou desejo de acompanhá-los, apesar de saber que iriam mexer numa coisa muito perigosa. Acabou desistindo, entretanto, pois além de tudo, tinha de estudar para uma prova de Física.

Dico estava longe de imaginar a estranha cena que iria presenciar no Serro.

— Mas como é bonita e diferente a paisagem, Dico! Diferente de tudo o que tenho visto por esse Brasil afora! E olhe que, em minhas andanças de repórter, fiquei conhecendo bastante bem esse país.. .

— Muito legal mesmo, Pedroca.

— A topografia dessa região parece a de Kimberley, na África do Sul, que, como você sabe, é um importante centro de mineração de diamantes. Estive lá um ano atrás fazendo umas reportagens sobre os processos de exploração diamantífera usados pelos sul-africanos. Tive de ler muito e hoje conheço de cor e salteado tudo o que se refere ao diamante.

A perder de vista viam-se morros de quartzito espalhados pelo chão árido e de pouca vegetação. Tinham formas estranhas e lembravam castelos semidesmoronados e ruínas de fortalezas medievais. Apenas coqueiros marcavam com ligeiras pintas verdes o tom bege-cinza da paisagem tecida de quartzito pulverizado misturado com areia. O

automóvel corria rápido pela estrada asfaltada. Por mais de uma vez passaram por pequenos centros antigos de mineração, e viram montes de cascalho outrora lavado por escravos africanos.

— Você acredita, Pedro, que os diamantes dão azar? Muita gente acha isso.

— Qual nada, Dico. O caso é outro. Na realidade, tudo o que representa dinheiro e poder atrai a cobiça dos homens. A cobiça desperta o lado ruim das pessoas e é até capaz de provocar as piores tragédias.

— Que bobabem! — comentou Dico. — A gente morre e deixa tudo, tudo! Só leva, num paradoxo, o que deu de si. E a vida é curta, muito curta, para se ajudar o próximo, para fazer alguma coisa pelos outros. . . E curta para. . . namorar também — acrescentou ele com ênfase 2 um sorriso malicioso. Diga sinceramente, Pedro: Você acha que papai corre perigo? Ele mexe tanto com diamantes. . .

— Mexe, mas sem ambição, Dico. Ele trabalha para os outros, sustenta a família honesta e decentemente, e garanto que dele mesmo, é bem capaz de não ter um só diamante. . .

Percebendo que Dico estava preocupado — e com razão — Pedro começou a contar casos para distraí-lo.

— Você já ouviu falar no Ko-hi-nor?

— Não. Isso é nome de gente?

— Não.

UM RASTRO DE SANGUE...

E Pedro começou a contar para Dico a fabulosa história:

— O Ko-hi-nor (Montanha de Luz, em nossa língua) é um diamante do tamanho e forma de um ovo, que pesa quase trezentos quilates, e foi descoberto na índia há mais de quatro séculos, perto de Golconda. Automaticamente passou a pertencer ao rei, também chamado de Grão-Mogol, e depois ao filho deste, um tal Aurangzeb, que matou o próprio pai a fim de ficar com a pedra.

— Mas que monstro, meu Deus. . . Nojento. Tudo por causa de um simples pedaço de carbono cristalizado. . .

— Um pedaço de carbono cristalizado. . . Na realidade, o diamante é apenas isso, Dico. Entretanto, os homens criaram tais mitos e enredos em torno dessas pedras e de sua beleza, que elas passaram a ser o símbolo da riqueza e do poder.

— Uma rosa é mais bonita, Pedro. Para mim vale mais, porque dura pouco e é uma coisa viva.. . uma coisa de Deus. . .

Passaram perto das nascentes do Rio Jequitinhonha e pararam o carro. Dico não resistiu. Despiu-se e atirou-se na água. Nadava cada vez melhor, seguindo sempre o conselho do médico, não só para "abrir o peito" (era tão franzino.. .) como também para manter equilibrada sua parte psíquica.

— E o que fez Aurangzeb com o tal Ko-hi-nor? — disse Dico, voltando ao carro, e reatando o diálogo com Pedro.

— Chego lá. Aurangzeb era vidrado em ouro, jóias, e possuía sete tronos cravejados de pérolas, esmeraldas e rubis, imagine. . .

Dico riu.

— Com certeza, cada dia da semana ele instalava o sacratíssimo bumbum em trono diferente. . .

— E provavelmente reservava o maior deles para os dias de festa — tornou Pedro, também rindo. — Esse trono, que hoje pertence ao Tesouro do Irã, tem a forma de um pavão de ouro com asas abertas, enfeitadas com quarenta mil pedras preciosas. De acordo com um costume asiático, todas as vezes que Aurangzeb — o último Grão--Mogol da índia — se assentava nesse trono, um criado solenemente suspendia diante dele, à altura da cabeça, o Ko-hi-nor. Ouvi dizer que seu brilho é tão forte que as pessoas que o vêem fecham os olhos sem querer.

— Que besteira, esse negócio de suspender a pedra, hem, Pedro?

— Não avacalha, Dico. Isso é coisa de antigamente. Esse costume representava uma forma primária de simbolizar diante da Corte o poder e a grandeza do Grão-Mogol.

— Grande só por ser dono do Ko-hi-nor? Você não acha que a pessoa vale pelo que ela é, e não pelo que ela tem? Para mim, esse tal de Aurangzeb que matou o pai para ficar com a pedra, não passava de um crápula, que, se vivesse hoje, deveria ser eletrocutado. . . Poxa! Não há nada que você não saiba sobre diamantes, hem, Pedro?

— Já lhe contei que tive de estudar o assunto antes de escrever as tais reportagens na África do Sul. Sacou?

— Pedroca. . . Há qualquer coisa no ar. . . Não estou me sentindo lá muito bem. . .

Tentando disfarçar a própria preocupação, o outro perguntou:

— Você não quer ouvir o resto da história do Ko-hi-nor?

A paisagem mudara um pouco. Havia areia branca no chão batido, tão fina que parecia açúcar refinado. Começaram a aparecer florestas muito densas, cujas árvores escondiam a secreta vida de seus pássaros e insetos.

DESPEJARAM ÓLEO FERVENDO

— Vamos então ao resto da história do Ko-hi-nor — disse Pedro. — De guerra em guerra, a pedra foi passando de um conquistador a outro. Já imaginou a quantidade de brigas e de sangue derramado que isso custou? Li que certo rei, feito prisioneiro numa batalha, não quis contar onde escondera o brilhante. Arrancaram-lhe os olhos, e despejaram óleo fervendo em sua cara, mas o rei morreu calado, e a "Montanha de Luz" continuou em sua família.

— Que burrice. . . Que coisa monstruosa. . . Monstruosa e imbecil. . . Tanta confusão só por causa de um cascalho que vivia sossegado no fundo do rio, sem que os peixes ligassem a mínima para ele, não acha?

— Acho. Vamos continuar a história?

— Claro!

— Assim foi indo, até que o Ko-hi-nor, no século passado, chegou às mãos de

Ranjit Singh, chefe do Punjab, Marajá de Lahore, que enfeitava seu turbante com ele. Ranjit entrou em guerra com os ingleses, e, em meados do século XIX — creio eu — quando a Inglaterra derrotou o Marajá de Lahore, o Ko-hi-nor passou à Coroa Britânica. Lord Lawrence, então governador-geral da índia, trouxe-o como troféu para a Inglaterra, e, em nome do povo, ofereceu-o à Rainha Vitória.

— E onde está ele agora?

— Na Torre de Londres, dentro de uma vitrina, como parte do tesouro da Coroa Britânica.

— O Serro ainda está longe?

— Não. Daqui a meia hora estaremos lá.

DEVORADO POR LOBOS, ENTRE DIAMANTES

Estavam quase chegando ao Serro.

— Pedro. . . Pedro. . .

— Oi, bicho, o que é? -—- Nada não.

— Fale de uma vez!

A palavra que Dico aprisionara a custo, escapuliu:

— Spharion!

— Deixe de bobagem e escute mais casos sobre diamantes. Você já ouviu falar em Carlos, o Temerário, Duque de Borgonha? Se não me engano, ele viveu lá pelo século XV, mais ou menos. Possuía a maior coleção de diamantes não lapidados do mundo. Até essa época, o diamante — que é duríssimo — era usado apenas para lapidar outras gemas.

— Já era o "tal"?

— Sim, mesmo não lapidado, era uma espécie de privilégio de reis e poderosos. O Imperador Carlos Magno usava um enorme diamante não lapidado, para fechar seu manto, como se fosse uma espécie de alfinete.

— Não devia ser nada bonito. Diamante não lapidado é fosco e não tem graça. Parece obturação de dente. . . É chato. Sabe de uma coisa, Pedro. Até agora não entendo o motivo pelo qual Spharion não se interessa pelas pedras maiores e mais brilhantes. . .

— Veja se esquece um pouco esse cara, e ouça o resto da história: acontece que, em fins do século XV, o inventor belga Louis de Berquem, nascido em Bruges, esfregando dois diamantes um contra o outro, reparou que, com o pó saído deles e o auxílio de um pequeno engenho munido de uma rodinha de ferro, tornava-se possível lapidá-los e poli--los também. As pedras ganharam um brilho maravilhoso! Estava descoberta a lapidação dos diamantes!

Passaram por um pequeno sítio e viram um jovem oleiro a fazer os seus tijolos. Coisa tão nobre *é* o trabalho, que era bonito ver aquele homem executando com amor sua tarefa humilde.

Ao lado da casa do oleiro, havia um varal com roupas de mulher secando: blusa, saia de babados, sutiã, calcinhas. Dico sorriu para si mesmo, diante dessa sugestão de mulher, e recitou em voz alta certa quadrinha portuguesa, maliciosa, que lera num velho almanaque:

"Ó sua descaradona / Tire a roupa da janela / Que ao ver a roupa sem dona / Penso na dona sem ela".

Os dois começaram a rir e a contar anedotas.

— E o tal Carlos, o Temerário? — continuou Dico, retomando o assunto. — Delirou ao saber da lapidação de diamantes, não foi?

— Isso mesmo. Chamou Louis de Berquem, e entregou-lhe as pedras para que ele as polisse. O duque ficou ouriçado, mandou bordar suas roupas de gala com elas, e andava com um chapéu bicudo na frente, de modelo venezia-no, em veludo amarelo, cravejado de brilhantes.

— Tal qual uma joalheria ambulante, hem? Deixe estar que deveria estar um barato! Um sarro! Poxa.. .

— A História conta que o Duque de Borgonha saía para viagens e combates carregando sua coleção de pedras num saquinho junto do próprio peito, e que, quando morreu, vencido numa batalha, encontraram seu corpo meio comido pelos lobos, no meio de centenas de brilhantes espalhados pelo campo coberto de cadáveres.

— Os diamantes não adiantaram nada, hem? O tal duque morreu bem morridinho como vai acontecer com qualquer um de nós. Isso devia fazer a gente pensar.. .

— Devia, mas não faz, Dico.

Já estava quase escurecendo quando chegaram ao Serro. Uma sensação de paz e tranqüilidade emanava da ex-Vila do Príncipe. Ligeira neblina envolvia a cidade e diluía a silhueta de suas casas e igrejas.

UM CANTO NA NOITE...

Ao chegar à praça central, Dico teve a impressão de estar dentro de um presépio de arte popular, semeado de casinhas pintadas de azul e branco, com sua igreja ao meio, uma capela fincada no alto de um morro que a gente atingia subindo escadas ladeadas por alamedas de fícus. Ligeiramente febril (seria uma gripe?), Pedro decidiu ir logo para o solar dos Otoni, onde ele e Dico iriam se hospedar. A Casa, que ficava num lugar um pouco elevado, pertencia à municipalidade, acabava de ser restaurada e estava desocupada. Um velho zelador ia diariamente fazer a limpeza, depois trancava tudo e se retirava. A entrevista com o tabelião, que morava ao lado, estava marcada para o dia seguinte, um domingo. Decidido a ir mais cedo para a cama, Pedro comeu qualquer coisa num restaurante, tomou uma aspirina e recolheu-se a seu quarto, que ficava no segundo andar do sobrado. Havia bastante vegetação em volta, o que tornava o lugar muito agradável.

Dico foi a um cinema, e depois andou a pé pelas ruas desertas do Serro, em direção à Casa dos Otoni. Gostava da noite e de sentir o seu pulsar. Súbito começou a ouvir, acompanhada por um órgão elétrico, uma voz grave de mulher a cantar uma espécie de "lied" numa língua que ele não entendia. Seria alemão, talvez. Os sons vinham da janela entreaberta de uma casa, onde provavelmente se achava algum casal estrangeiro, talvez de passagem pelo Serro. No silêncio e solidão daquela noite, a voz entrava no sangue da gente e começava a escorrer pelo corpo todo. Fosse quem fosse que estivesse cantando, não tinha importância. Dico continuou andando, e sentiu um aperto no coração. Veio-lhe a vaga

sensação de que tudo no mundo era transitório e infinitamente breve. Mais que nunca lhe pareceu estúpida e sem sentido aquela confusão toda em torno dos diamantes.

O RITO SECRETO

Cheguei à Casa dos Otoni, afinal. Evitei fazer barulho para não acordar Pedro, que estava adoentado. Usei a lanterna de pilha, que sempre trago no bolso, pois a rede elétrica se achava enguiçada. Subi as escadas devagar, abri a porta de leve, entrei, vesti meu pijama. Já estava quase dormindo, quando ouvi um leve ruído de porta se abrindo e fechando no andar de baixo. O zelador tinha ido para sua casa às quatro da tarde: não devia ser ele, portanto. Meu sono não chegava de jeito nenhum.

Minutos depois, ouvi outro ruído, dessa vez um pouco diferente do primeiro. Achei melhor verificar de perto o que havia. Em vez de levar a lanterna, preferi usar o lampião de gás, e desci as escadas lentamente, procurando não fazer notar minha presença. Estava tudo em ordem. Janelas e portas fechadas, as coisas em seus lugares. Senti sede, e fui até a copa, onde se achava o filtro. Eu nem acabara de beber minha água, quando ouvi ligeiro ruído proveniente de um quarto grande que ficava à direita da porta de entrada da Casa dos Otoni. Seriam ladrões? Eu estava desarmado, nem mesmo tinha um simples canivete. Encorajei-me, segurei o trinco e abri a porta. Aterrorizado, não consegui reprimir uma exclamação. Foi espantosa a cena que meus olhos viram: enfileiradas em círculo, tinha à minha frente criaturas estranhas, vestindo roupas vermelhas, azuis, verdes, amarelas e roxas, todas em tons berrantes. Uma delas possuía cabelos longos e trazia na cabeça coroa de rei; outra, um homem idoso, usava mitra de bispo. Olharam-me com espanto e certo rancor, como se minha presença interrompesse alguma cerimônia secreta que estivessem praticando. Meu coração disparou, minha cabeça começou a rodar. Eu estava numa "daquelas", bem o sabia. Deveria ser algum rito satânico o deles, pois, em minha perturbação, vi um esqueleto a me mostrar seus dentes enormes. Em certo momento, ergueu o braço e o estendeu para mim, como ameaça. Fechei os olhos, e quando novamente os abri, percebi no outro extremo da sala um homem baixo e magro, normalmente vestido, com um cilindro colocado em cima da cabeça, em \sentido horizontal, a me olhar fixamente. Um olhar duro e penetrante como um punhal. Subitamente fortalecido, enfrentei esse olhar e o devolvi com intensidade. Senti como se estivesse havendo um duelo, um choque de ondas eletromagnéticas. O homem do cilindro paralisou-me. E eu, Dico Saburó, paralisei-o também. Assim ficamos os dois estáticos —• um diante do outro. E foi quando senti a esquisita sensação de que meu corpo começava a levitar. Sim: eu levi-tava! Perdi os sentidos. Encontraram-me no dia seguinte, deitado perto da porta da rua, com um F *desenhado a tinta de pincel atômico em minha face esquerda. Eu estava marcado. Marcado, mas vivo. Não consegui contar direito o que eu vira e assistira na véspera, pois falo com grande dificuldade. Só me lembro de ter pronunciado bem a palavra Spharion. Além disso, tenho a impressão de que eu estava numa das tais "crises"... Se eu dissesse tudo, não me acreditariam, e desconfiariam que eu tinha ficado maluco. Resolvi, portanto, não comentar nada sobre o esqueleto, o rei coroado, o bispo de mitra na cabeça e as criaturas vestidas com roupas berrantes que minha imaginação criara. (Teria criado mesmo?) Vão levar-me agora para a casa de meus pais em Diamantina. Sinto muita fraqueza e mal posso me locomover.*

O PAVOR DO TABELIÃO

O Inspetor Pimentel cada dia parecia mais preocupado e pediu reforços aos colegas do Rio de Janeiro.

Por precaução, daquele momento em diante, a casa do tabelião passaria a ser vigiada noite e dia, assim como todas as entradas da cidade. Providência tardia, pois Spharion já deveria estar longe, ou então escondido e bem escondidinho. O fato de Dico só ter sido encontrado e dado o alarme na manhã seguinte com certeza lhe facilitara a fuga. E fora isso o que provavelmente acontecera. Seria quase impossível alguém perceber aquela silenciosa forma indefinida lembrando um morcegão, subindo verticalmente j. para o alto e sumindo na escuridão da noite logo ali perto <• do Serro. Pedro, aborrecido por Dico não o ter acordado quando ouvira o ruído suspeito, acompanhou seu amigo até Diamantina. A reportagem sobre os diamantes do tabelião do Serro ficaria para ocasião mais oportuna. Quem sabe? Talvez fosse melhor não mais falar nela. O tabelião ficou tão apavorado com o caso todo, que anunciou sua decisão de mandar a coleção para a caixa-forte de um banco no Rio de Janeiro. O zelador, quando soube do fato, teve uma tremedeira que durou exatamente duas horas e vinte minutos! E não quis voltar mais para o trabalho:

— Prefiro morar debaixo de uma ponte e comer capim a continuar naquela casa!

SURPRESA PARA PEDRO

Um telegrama do jornal esperava Pedro em Diamantina. "Venha urgente pt. Escalado fazer cobertura situação problemas raciais África." Que chateação!.. . Logo agora, quando uma situação delicada se criara para os Saburó.. . Dina.. . Como ficar sem ela? Longe dela? Como respirar outro ar que não o que ela estivesse respirando? Além de tudo, a missão era um pouco demorada e perigosa.

DICO SE RECUPERA

Debruçados sobre um Dico febril, recostado nos travesseiros, João, Joana Saburó e o Pároco — que correra para lá — derramavam olhares aflitos sobre o rosto do moço. Bem longe estava o terrível instante em que os dois haviam assistido à levitação do filho recém-nascido, fato que — achavam eles — não mais se repetira, e que Dico deveria ignorar para sempre. Aliás, João e Joana tinham resolvido nunca mais tocar no assunto.

— Mulher — disse João — é pena que nosso filho não consiga usar o dom que Deus lhe deu para ajudar a resolver essa encrenca toda!

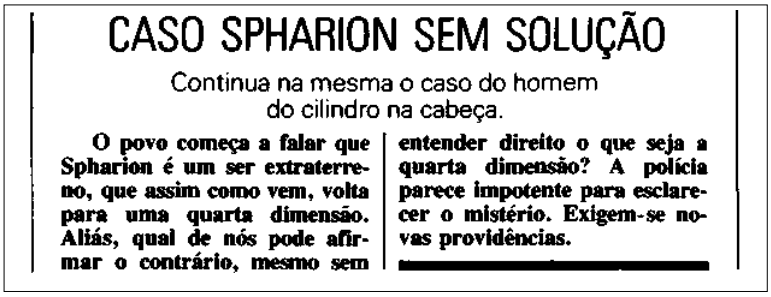
— Um dia, quem sabe — comentou o Pároco, pen-sativo.

Com febre alta, Dico repetia sempre a mesma coisa: "Vejo ondas estourando num penhasco". Nada mais. Finalmente recobrou o equilíbrio e decidiu esquecer para sempre a visão do esqueleto, do rei coroado e do bispo de mitra, certo de que fora tudo um delírio que não valia a pena comentar. Nem isso nem a clara sensação de estar. . . levi-tando.

"É o diabo se isso me acontece quando eu estiver pa-querando alguma garota", disse ele para si mesmo, começando a rir e imaginando o ridículo da cena.

Pedro, que tentara por todos os modos se livrar do compromisso com seu jornal, acabou tendo mesmo que seguir para a África.

Enquanto isso, a Imprensa de todo o Brasil começou a publicar manchetes, neste gênero:



CASO SPHARION SEM SOLUÇÃO

Continua na mesma o caso do homem do cilindro na cabeça.

O povo começa a falar que Spharion é um ser extraterreno, que assim como vem, volta para uma quarta dimensão. Aliás, qual de nós pode afirmar o contrário, mesmo sem entender direito o que seja a quarta dimensão? A polícia parece impotente para esclarecer o mistério. Exigem-se novas providências.

Dico ficou cansado de descrever para a polícia o tipo físico de Spharion. Um rosto tão comum e inexpressivo que ele nem conseguira gravar direito. Um homem igual a milhões de outros. . .

— Francamente, não sei mais o que fazer — repetia o Inspetor Pimentel. — Os fatos acontecem, todas as providências são tomadas, e continuamos na mesma. Foi um azar Pedro ter ido para a África! O garotão é danado de inteligente, e estava me ajudando muito. Esse repórter que o jornal mandou para substituí-lo é meio boboca. Não entende nada e nem se esforça por entender. Spharion tem "atacado" — se é que assim podemos dizer — de espaço em espaço, como se levasse algum tempo estudando os próprios planos. Isso nos dá oportunidade de respirar um pouco, de tomar fôlego. E o pior de tudo é que o homem não é alto nem baixo demais, nem feio nem bonito e não tem sinal algum que o identifique!. . .

Passou-se algum tempo. Dico, já convalescente, fazia longos passeios pelo campo. Na chácara, parava aqui e ali, colhendo mangas e figos. Era bom sentir a não-poluição, a intocada pureza do interior dos frutos, e fazer deles quase que seu único alimento.

O medo empestava o ar como se fosse um cheiro mau que o povo de Diamantina respirasse, intoxicado.

ONDE ENTRA BOB LEE

Preocupado, o Prefeito da cidade tentou aliviar a tensão das pessoas, desviando-lhes o pensamento para coisas mais saudáveis, promovendo festas e jogos de futebol. E o povo — os jovens sobretudo — delirou quando ele anunciou que iria trazer à cidade nada mais, nada menos do que o badaladíssimo Bob Lee com seu conjunto, para um show nos salões do melhor clube da cidade. O louro e beiçudo cantor estava no Rio de Janeiro, onde viera assistir ao carnaval, quando soube do "caso de Spharion"; achara a coisa intrigante e ficava com vontade de conhecer Diamantina e os processos de mineração. O assunto resolveu-se espontaneamente, e os entendimentos foram muito mais fáceis do que se pensava. O dia foi marcado. Todos os jovens da cidade ficaram alucinados com a perspectiva de conhecerem Bob Lee de perto. As mocinhas então, nem se fala! Já estavam até dando gritinhos histéricos quando conversavam umas com as outras. E preparavam seus jeans e faziam exercícios de expressão corporal. Todas estavam assanhadas, menos uma: Dina. . . Bob Lee

que fosse para o inferno! Só lhe importava um único homem: Pedro. E este estava longe, a lhe mandar cartas desesperadas e apaixonadas. Escrevia-lhe contando que fazia um calor terrível na África, e que mais de uma vez tivera de arriscar a vida, chegando até o "front" para fazer a cobertura de guerrilhas. "Ó mundo de desencontros e de mal-entendidos", pensou Dina. "Mundo no qual muito se fala em paz, mas quase nada se faz para consegui-la..."

A FOTOGRAFIA

Exatamente na véspera da chegada do conjunto de Bob Lee, Dina recebe cedo pelo correio um envelope grande, registrado. Abre-o. Empalidece, o coração quase lhe sai pela boca.

— Dina, o que há com você? — pergunta Joana Sa-buró, percebendo a alteração da filha.

— Nada, mãe. Nada —. Sai correndo até o quarto, tranca a porta, joga-se na cama num choro convulso e começa a atirar os objetos que encontra por todos os lados. Sapatos, bolsas, vasos com flor, frascos de perfume voam pelos ares. Quebram-se os vidros da janela e o quarto se transforma numa cela de hospício. Joana, parada e perplexa, do lado de fora, ouve tudo e não entende nada.

— Mas essa menina enlouqueceu! Que gênio horrível, meu Deus! Dina, Dina, aconteceu alguma coisa com Pedro? — pergunta ela aflita e em voz alta, para ser ouvida. — Abra a porta, Dina! Ande! Abra já e já!

— Não, mãe! Não e não! Pare de me chatear! — (Como era forte o aperto que sentia no peito!... E o coracão lhe doía quase fisicamente, como se alguém o estivesse abafando. . . Pedro.. . Pedro.. .)

Inútil insistir, percebeu Joana Saburó, angustiada. Conhecia muito bem sua filha, entretanto. Melhor esperar passar a crise, até que ela espontaneamente a procurasse e contasse tudo. Joana afastou-se com vontade de chorar.

— Dina, o almoço está na mesa — falou a mãe horas depois, batendo à porta do quarto da filha.

Algum tempo se passou até que a porta se abrisse. Joana quase não reconheceu a filha. Ali estava uma jovem mulher de fisionomia desfeita, olhos inchados, rodeados de um círculo escuro.

— Olhe isso, mãe! — disse ela, estendendo um envelope grande.

Joana tirou de dentro a fotografia de um bonito rapaz de olhos amendoados.

— Mas esse é Pedro — exclamou ela.

— É, mãe. Veja a dedicatória com a letra dele: "Para Silvana, minha única e maravilhosa mulher. Pedro".

A fotografia sem data. A letra máscula e tão pessoal do namorado. . . Dina sentia-se desmoronar e teve novo acesso de choro.

— Como Pedro pôde me enganar assim, mãe! Canalha! Ah! Eu bem o sei. Com certeza a. . . mulher está com ele na África! Foi ela — na certa — quem mandou o retrato. Soube do "capricho" que Pedro teve por mim e fez essa maldade.

— Minha filha, tanto desespero por um motivo tão f útil! Mas que bobagem! Há nisso qualquer coisa que não estou entendendo bem. De qualquer modo, não é razão para você ficar assim. Vamos dar tempo ao tempo, venha, o almoço está na mesa.

— Não estou com vontade de comer! — berrou ela. — Não e não! Que chateação! Você não vê que eu preciso ficar sozinha?

— E você não vê que isso não é modo de falar com sua mãe? — Joana afastou-se novamente, irritada.

À noite, quando João Saburó voltou do trabalho, a moça apareceu. Por dentro, sentia-se em frangalhos, mas entrou firme na sala. Decidira reagir, afinal. Resolvera até ir ao clube no dia seguinte para ver Bob Lee. . . Dina aproximou-se de Joana, deu-lhe um beijo na testa, e alisou-lhe os cabelos.

— Perdoe-me, mãe. Sua Dina está sofrendo muito. Amo você, mãe. — As duas se abraçaram.

— Sabe o que ando pensando, filha? Compadre Olavo tirou férias, vai até Portugal e África. Vamos dar a ele o endereço de Pedro, e pedir-lhe que verifique discretamente o que está acontecendo.

As duas mulheres — mãe e filha — ficaram de mãos dadas.

O SHOW DE MÚSICA JOVEM

Apesar de seu ar de santinho, um dos mais assanhados com o show era Dico. O fantasma do homem com cilindro na cabeça já estava quase diluído. Afinal de contas, já se havia passado algum tempo e nada mais acontecera. E o rei coroado? E o bispo de mitra? Será, meu Deus, que fora tudo alucinação também? Além de tudo, Dico — por assim dizer — "ajudava" a si próprio, afastando a realidade <le um problema que ele não conseguia resolver de forma alguma. O único jeito era... cair na farra mesmo. . .

Diante do espelho, o rapaz preparava olhares lânguidos para impressionar as mocinhas. "Vai ter mulher bonita em penca!" pensava ele, sorrindo para si mesmo. A Imprensa de todo o país anunciara o show, e Diamantina se encheu de gente jovem de outros lugares. Depois de um tempo de silêncio e medo, a cidade voltara a ser alegre, salpicada de blusas coloridas das mocinhas e rapazes metidos em jeans unissex, trafegando pelas pedras largas — as capistranas — das ruas do antigo arraial do Tijuco.

Estava chegando a hora do show. A aparelhagem fora preparada de véspera. Lá estavam os spots para a luz estro-boscópica, os amplificadores, as caixas de som. Dina preparou-se como se estivesse se vestindo para um velório. Tudo lhe parecia tão vazio!. . . Perdera o estímulo para as menores coisas. Até aquele impulso que a fazia perguntar "Você

No embalo da dança, veio chegando Bob Lee, viu Dina, e, num gesto rápido, deu-lhe um violento beijo.

está estudando?" a todos os jovens que encontrasse, ela já não tinha mais. Para quê? Nada adiantava.. . nada! Penteou os cabelos compridos e lisos como franjas de cortina, vestiu saia e blusa bem simples. Ficou linda: era do tipo esportivo que quanto menos se enfeita, melhor fica.

E começou a loucura dentro do Clube! Metido num blusão de couro branco, golas e punhos azul-marinho, Bob Lee corria o risco de morrer sufocado entre os fãs.

— Que cara super legal! — dizia um garotão.

— Bob! Bob! Mas ele é um barato! — exclamava uma menina-moça de short verde. — E veja como são grossos e sexy os lábios dele! O de baixo, sobretudo!

— Aquilo é silicone, sua boba. . . — comentava o amigo dela.

— Bob! Bob! — gritavam jovens vozes masculinas e femininas, acompanhando a música, que ia crescendo num ritmo alucinante.

A luz negra, com focos vermelhos, verdes, roxos, brancos, que se apagavam e acendiam alternadamente, captava e imobilizava em rápidos instantâneos os gestos e expressões dos dançarinos em seu delírio histérico. Alto, os longos cabelos louros caindo pelos ombros, Bob Lee cantava de olhos fechados e como se estivesse em transe, ora gritando num ritmo desenfreado, ora num blue mais lento, quase sentimental. Solava a guitarra; a bateria e o contrabaixo faziam tal barulho que quase abafavam a voz de Bob.

Em pé, junto da porta e alheia a tudo, Dina não participava daquela loucura. A todo instante tentavam arrastá-la para a dança, sem resultado. Seu rosto fechado surgia e desaparecia à luz estroboscópica.

— Você tá numa *pior* hem, garota? — falou um rapaz. —r Vamos dançar. Tou cruzado, tou fissurado em você, podes crer!

Dina sorriu e fez sinal negativo com a cabeça.

Um jovem, no auge da excitação, pulava e gritava, enquanto Bob Lee berrava como

um louco possesso.

Dico não perdia uma música, dançava sem parar, primeiro com as bonitas e charmosas, depois com as feias. Era bom relaxar os músculos, deixar que o corpo se movimentasse espontaneamente, acompanhando o ritmo.

— Aquele cara anda se ligando com cada bagulho! — comentou um rapaz apontando para Dico. — Se feiúra doesse, a garota que está com ele vivia gritando —. A verdade era essa mesma: Dico dançava também com os "bagulhos", com as moças que ninguém convidava. Tinha pena delas. E ficava feliz com isso.

De repente. . . oh! não era possível. . . no piscar da luz... ali estava, se requebrando no meio dos jovens, aquele rosto. . . aquele rosto de feições tão comuns que seria difícil descrevê-las... O rosto do homem de cilindro na cabeça... E olhava fixamente para Dico. Só que não trazia o cilindro. . . Mas dessa vez ele não pôde suportar a força daquele olhar.

O BEIJO

— Desculpe, preciso parar um pouco — falou Dico à sua companheira, com voz sufocada pelo terror.

Encaminhou-se para a porta onde estava Dina.

— Vamos embora "já" — disse ele, enfático.

E foi quando, no embalo da dança, veio chegando Bob Lee, viu Dina, e, num gesto rápido, pespegou-lhe um violento beijo na boca, imediatamente registrado pelos fotógrafos que estavam por ali. Num impulso espontâneo, Dico aplicou um bruto soco no rosto do cantor.

— Toma, seu animal! Seu idiota! Palhaço! — Houve um começo de tumulto, logo dominado pela turma do "deixa disso".

— Aquilo flunca foi beijo: foi um coice — comentou um rapaz moreno, rindo. — Amanhã pinto em casa da Dina para saber se sua boca inchou. . . Podes crer.

A moça chorava quando saiu da festa. E achou exagerada a violência com que Dico a puxou pelo braço e saiu correndo pela rua afora. Finalmente acalmado, Bob Lee consentiu em continuar o show, e cantou uma música meio sentimental, um de seus antigos sucessos, em ritmo lento. E, naturalmente, os namorados apertaram um pouco mais as mãos de suas namoradas.

"Não, não era possível. Deve ter sido tudo imaginação minha", pensou Dico, duvidando de si mesmo. Não. Não era imaginação. Avisaria a polícia que Spharion estava em Diamantina, e comparecera ao show de Bob Lee! Claro que sim. Mas que bobeira fora essa? Não faltava mais nada.. . Até parecia piada.. . Deveria ter feito isso ali na hora! Agora era tarde. Spharion certamente percebera que fora reconhecido, e deveria ter escapulido mais que depressa. E, além de tudo, acontecera aquele incidente tão chato com Bob Lee...

O HOMEM DE MANTO VERMELHO

Mais de um mês já se passou depois do "incidente" no show de Bob Lee. O aparato policial aumentou. Não entendo nada de nada. Por que o homem do cilindro — era ele, tinha certeza — me olhou daquele jeito? Que tenho eu com diamantes? Ou teria sido apenas efeito de sugestão? E, afinal de contas, de nada está me adiantando o fato de ser eu um "sensitivo", como diz o Pároco. Para quê?, se as tais "visões" chegam quando bem entendem e não quando eu preciso delas para ajudar alguém? Oh! meu Deus! Só ouço barulho de ondas do mar explodindo contra rochedos e só vejo águas claras, com tubarões brancos no fundo. E isso não quer dizer nada.

Até agora estou sem saber t se foi visão ou realidade. Mas que realidade maluca a da cena que vi aquela noite, no Serro, em Casa dos Otoni. Preferia não pensar mais nisso, mas acontece que aquelas figuras não me saem do pensamento. Não tenho medo — ou será que tenho? De qualquer modo, vou ao Serro sozinho, para pôr tudo a limpo. E não vou contar nada a ninguém. Hoje é Quarta-feira de Cinzas e aproveito o feriado.

Entrei de coração disparado, na Casa dos Otoni. Procurei conter-me. A porta do lado direito que dá para a sala — onde se realizava o tal culto misterioso — estava fechada. Num impulso de coragem, segurei o trinco e abri-a, sem saber nem mesmo o que lá iria encontrar. Decepção: estava completamente vazia! Fora tudo realmente um produto de minha imaginação desenfreada. Ainda bem que não comentei nada com ninguém. Teriam me chamado de doido.

Saí, andando pelas ruas, despreocupado, e de repente... de repente... vi uma coisa que vinha vindo ao- longe, e que de início não percebi bem o que fosse. A "coisa" movia-se lentamente, e aos poucos comecei a perceber os contornos das manchas coloridas, que me haviam chamado a atenção. À frente, caminhava o horrendo esqueleto, apontando para uns e outros. Em seguida vinha chegando (não é possível. . .), carregado numa espécie de andor, um homem de cabeça coroada e manto vermelho bordado a ouro, cercado de grande respeito. Um rei, certamente. A gente que estava à sua volta caminhava pausadamente, em silêncio. Havia pessoas importantes atrás do rei: vi, por exemplo, em outro andor e sentado num trono, um homem idoso com miíra de papa, solenemente cercado por quatro bispos de vestes em cores vivas. Não tive mais dúvidas: estava diante dos personagens que andava buscando! Fechei os olhos e pus a mão na testa, meio tonto.

— O Senhor está sentindo alguma coisa? — perguntou uma voz feminina.

Abri os olhos e vi uma senhora de meia-idade, fisionomia simpática e xale na cabeça, a reparar meu rosto.

— Não vai acompanhar a procissão? — perguntou ela. *Resumo: tudo explicado! Estava sendo restabelecida no*

Serro uma tradição religiosa interrompida havia quase um século: a da Procissão de Cinzas. As figuras tinham sido guardadas no sóíão de certa igreja, e ninguém se lembrara mais delas, até que o vigário resolvera em segredo, e de cumplicidade com três ou quatro senhoras da cidade, fazer uma surpresa ao povo, revivendo a Procissão. As figuras haviam sido transferidas durante alguns dias para a Casa dos Otoni, que se achava desocupada (enquanto o sótão estava sendo reparado), e voltaram depois para seu esconderijo secreto. E eu, Dico Saburó, involuntariamente participei sem saber dessas circunstâncias. . . Se houvesse perguntado o que era aquilo, teriam me explicado naturalmente. . . Que idiota eu fui! Não contei nada a tal senhora e nem a ninguém, é claro. Raciocinando melhor, percebi que o homem do cilindro, por acaso, e também por

coincidência, se escondera no tal quarto da Casa dos Otoni, lugar estratégico, e na época desabitado, preparando a "visita" à casa do tabelião que, como se sabe, fica logo nas vizinhanças. A esse fato, o tabelião poderá dizer que devia sua vida, quem sabe?

Ri muito. Ri de mim mesmo, o que é o mais engraçado e. . . irritante dos risos. De qualquer modo, fiquei contente: não estou louco.

AS RADIOGRAFIAS SAÍAM VELADAS

E aconteceu que o antigo zelador da Casa dos Otoni começou a sentir dores de dente: um molar inferior, exatamente. O homem, que tinha pavor de dentistas, teve de acabar indo a um deles. Ao melhor da cidade.

— Vamos tirar uma radiografia — disse este. — Abra bem a boca. Segure firme com o dedo esta plaquinha e fique bem quieto. Pronto! Espere aí na cadeira, enquanto minha assistente revela a chapa. Conforme for, ainda vamos tirar outra.

Poucos minutos depois, a moça trouxe a radiografia e mostrou-a ao dentista.

— Como o Senhor vê, saiu tudo confuso. Não sei o que aconteceu. Será que o Raio X enguiçou?

O dentista disse que não. Sua aparelhagem era nova e chegara havia pouco do Rio de .Janeiro. A melhor que se fazia no Brasil.

— Vamos insistir — disse ele, colocando nova chapa na boca do cliente. — Agora fique quietinho outra vez —. No exato instante em que o Raio X foi ligado, ouviu-se um barulhinho fraco de crepitação ligeira.

— Estou sentindo uma espécie de formigamento no dedo — falou o cliente, enquanto o dentista percebia uma pequena luminosidade que lhe saía da mão. Muito esquisito aquilo tudo. Ao ser revelada a segunda radiografia, verificou-se que estava tão velada quanto a primeira.

— Vamos fazer uma experiência — disse o dentista para sua ajudante. — Tiro agora mesmo radiografia de um de seus dentes e vamos ver o que dá.

Feito isso, verificou-se que o Raio X funcionara perfeitamente e que a radiografia estava ótima, revelando em seus mínimos detalhes, as raízes do dente da moça.

— O problema — disse o dentista — deve ter relação com meu cliente.

Reparando sua mão direita, notou que ela trazia um anel justamente num dos dedos que haviam sustentado a placa no céu da boca, no momento exato em que o Raio X funcionara.

— Deixe-me ver seu anel. Onde o comprou?

O homem contou então que o encontrara no chão, entre as folhas de bananeira, dois ou três dias depois que Dico Saburó vira o homem de cilindro na Casa dos Otoni. Ficara apavorado, desistira de ser zelador, e fora lá apenas para buscar alguns objetos de uso que lhe pertenciam. Achou o anel, gostou dele e enfiou-o no dedo. O dentista observou a jóia, e achou-a um tanto estranha: metade era de ouro maciço, outra metade de vidro transparente. Ao fundo desta, boiava uma substância ligeiramente fluorescente.

— Vamos fazer uma experiência e pôr tudo a limpo — disse o dentista. — Minha ajudante vai enfiar o anel no dedo e segurar a chapa no céu da boca, enquanto eu ligo o Raio

X —. Ligou. Ouviu-se novamente uma ligeira crepi-tação, uma luzinha saiu do anel e a moça se queixou de formigamento na mão. E a radiografia saiu toda confusa, tal qual a primeira. Não havia mais dúvida: aquele anel devia ser alguma coisa mais do que um simples anel. As circunstâncias em que fora encontrado (sítio, data, etc.) faziam suspeitar de que ele talvez tivesse alguma relação com... o próprio homem do cilindro na cabeça... O dentista, impressionadíssimo, pediu a seu cliente que lhe emprestasse o anel para que o levasse até Diamantina e o entregasse à polícia. Uma pista, quem sabe?

Inclinados sobre o aparelho, o radioamador e um amigo conversam.

— Que barato! Captei umas ondas que não estou sacando o que sejam. Exatamente na faixa limite inferior à dos radioamadores.

— Que é isso, cara? Por que você acha que não está sacando?

— São ondas de freqüência permanente, não moduladas. E parecem pertencer a uma faixa muito estreita e de captação difícil. . . Não sei de onde as danadinhas estão vindo, e nem como são emitidas.

— Será que dá ao menos para a gente localizar a direção de onde elas partem? Espere aí. Um minuto só. . . fique quieto. . . Acho que estão vindo de algum lugar. . . espere. . . agora! A sudeste! Sudeste de Diamantina. E, de bem longe. Mas. . . que coisa esquisita é essa que estou sentindo? Que tonteira! Minha cabeça está rodando ... ai...

— Eu também estou ficando com a vista escura. . . Acho que vou desmaiar. . .

— Coincidência, ou...

— Ou o quê?

— Efeito. . . dessas. . . ondas. — diz o outro, completamente desmilingüido. . . Estamos intoxicados. . .

E perderam os sentidos.

O ANEL MISTERIOSO

Logo que o dentista foi a Diamantina e procurou a polícia, o Inspetor Pimentel tomou um avião e foi ao Rio de Janeiro especialmente a fim. de entregar o anel para exame aos técnicos do Departamento de Física Nuclear da Escola de Engenharia da Universidade Federal daquela cidade. Tudo debaixo da maior moita. O resultado veio logo: tratava-se, nada mais, nada menos, de um contador Geiger miniaturizado, sofisticadíssimo e que captava os raios gama. A parte oca do anel, em vidro, tinha no fundo um composto químico fluorescente, feito de cianeto de bário, platina, nitrogênio e carvão. Quando alguma irradiação atravessava o gás, este se excitava e a parte fluorescente, atingida pelos íons, tornava-se bruscamente luminosa. Estava explicado o que acontecera no gabinete do dentista: os raios X haviam atingido o gás que fazia parte do composto químico, perturbando completamente o resultado da radiografia, uma vez que o cliente, ao segurar a plaquinha contra o céu da boca, trazia no dedo o anel, sem saber do que se tratava. Estava descoberta a primeira pista! Entretanto... como era esquisito tudo aquilo!

O COMEÇO DO QUEBRA-CABEÇA

Começava a formar-se o incrível quebra-cabeças. O Inspetor Pimentel logo percebeu o que havia acontecido: fracassara a "visita" que Spharion tentara fazer à casa do Tabelião do Serro, devido à inesperada aparição noturna de Dico Saburó na Casa dos Otoni. Escondido justamente no quarto onde se achavam provisoriamente guardadas as figuras da Procissão de Cinzas, o homem do cilindro talvez estivesse esperando o desenrolar da noite para esgueirar-se até a vizinha casa do tabelião. Frente a frente com Dico, Spharion tratou de fugir rapidamente, momento em que teria perdido o "anel" que trazia no dedo. O homem preparava muito bem os seus ataques. Mas como poderia ter conseguido enganar o zelador e entrar na casa? Por incrível que pareça, até o momento ninguém, nem mesmo Dico — que vira Spharion —, conseguira definir os seus traços que, de tal modo comuns, eram iguais aos de tanta gente: nem alto nem muito baixo, mais para magro do que para gordo, olhos nem grandes nem pequenos! Uma figura entre mil, apenas.

Considerou-se muito importante o encontro do tal "anel". Físicos foram novamente consultados e, em conversa com Pimentel, comentaram que aquele minúsculo "aparelho" seria até capaz de detectar o carbono 14. .. E se estenderam sobre o assunto.

— Carbono 14! — exclamou o Inspetor. — Eureca! Parece que encontramos finalmente uma pista que possa nos levar à chave do caso! Spharion — seja ele quem for — poderia andar atrás desse elemento, pois tenho uma vaga idéia de ter lido, não me lembro onde, que o tal carbono pode excepcionalmente ser encontrado em certos diamantes. É verdade?

— Duvido muito... É pouco provável.

— Carbono 14! — exclamou o Inspetor. — Eureca! Parece que encontramos finalmente uma pista.

— Quem sabe? — tornou Pimentel. — Talvez seja essa a razão pela qual ele não se importava com o tamanho das pedras! Mas quem é, meu Deus, o homem do cilindro na cabeça? Qual a opinião de vocês, físicos?

— Que ele não é uma pessoa normal, todos sabemos. Estamos certos, entretanto, de que se trata de um colega nosso, isto é, de um físico nuclear, e físico de alta capacidade científica.

Essa conclusão era alarmante, pois significava que estavam todos nas mãos de um louco, um louco inteligentíssimo e que tinha secreto, misterioso poder. Mas como era possível que ele trafegasse, por assim dizer, incólume, sem que ninguém percebesse, sem que ninguém o agarrasse?

O Inspetor Pimentel, cada vez mais preocupado, intensificou os contatos que já vinha mantendo com a Interpol.

— Como emagreci, meu Deus! — exclamou Dina. — Minha saia ficou tão larga!... — Seus pequenos seios tão bonitos haviam quase desaparecido, como se aquele busto fosse o de um rapaz. Também não era para menos: Pedro parará de escrever sem explicação alguma. Deveria ser verdade o que ela suspeitara: Silvana, sua "única e maravilhosa mulher", estava com ele na África, mais única e mais maravilhosa do que nunca! Imaginava-a metida em algum *caftan* colorido, o pescoço cheio de colares, a esperá-lo no hotel com seu corpo ardente. . . impaciente. . . exigente. . . Ou... quem sabe? Talvez ela fosse decidida e o estivesse acompanhando a lugares perigosos, no próprio centro das guerrilhas. . . Como os acontecimentos, a vida afinal, haviam cortado de repente uma coisa tão linda? Dina teve impulsos de escrever para Pedro contando-lhe o rumo que o "caso" tomara, o encontro do "anel" e tudo o mais. Ele se interessara tanto no início, e estava tão "por dentro" de tudo!... Não escreveu, entretanto.

GRUTAS E CARBONO 14

Para que Spharion precisaria do carbono 14? Era essencial descobrir isso. Essencial, mas dificílimo. Que pretendia ele fazer com aquele elemento da natureza? A fim de não perturbar as investigações, ficou acertado que se guardasse a possível reserva sobre o assunto. Não convinha de jeito nenhum que ele soubesse que seu "anel" fora encontrado e. . . "decifrado". Os jornais colaboraram, e a notícia ficou limitada a um grupo restrito de pessoas. Apenas foi noticiado que as coisas estavam tomando novo rumo.

Voltando a conversar com os físicos sobre as "intenções" de Spharion, o Inspetor ficou sabendo, por exemplo, que o carbono 14 estava sendo usado em arqueologia e paleontologia, no processo de datação de fósseis. Pimentel ficou interessadíssimo, pediu explicações, e um deles disse:

— A idade do fóssil é calculada pela quantidade de carbono 14 que atualmente existe nele, relacionada com a que existia no organismo animal ou vegetal quando vivo, e que é uma constante conhecida por nós, físicos. Por meio de um sistema eletrônico contador especial, isso pode ser perfeitamente conhecido.

— Como assim?

— Pelo número de impulsos radioativos registrados pelo tal aparelho sobre o qual lhe falei.

— Você quer dizer que o cálculo é feito na base do carbono 14 que está "sobrando" no esqueleto, isto é, no fóssil, na ocasião em que ele é submetido ao tal sistema eletrônico contador especial, não é?

— Exatamente.

— Mas que complicação, meu amigo!

— O processo é curioso — continuou o Físico. — As plantas se alimentam do carbono existente no ar, introduzindo-o em sua constituição. Os animais, por sua vez, comem as plantas, trazendo para seu organismo carbono 14. O homem se alimenta de plantas e animais, colocando esse elemento em seu próprio corpo. Enquanto vivo, a quantidade é constante, pois o que é perdido por natural caimento radioativo, é compensado pela quantidade absorvida durante a vida. Quando o animal ou vegetal morre, cessa a absorção, isto é, o equilíbrio. Aí então, o carbono que existe no organismo sem vida continua a decair num processo lentíssimo que pode durar até milênios. . .

— Milênios? Não me diga. . .

— Sim. Imagine que, através desse sistema de datação pelo carbono 14, descobriu-se que as cestas de vime já eram feitas cinco mil anos antes de Cristo!

— Incrível! — exclamou Pimentel, sentindo, entretanto, que essa fascinante explicação era quase inútil para esclarecer o mistério que tanto o preocupava. Que teria Spharion a ver com aquilo? Seria ele, por acaso, algum arqueólogo louco e. . . frustrado? Em Diamantina existiam grutas onde tinham sido encontrados fósseis, e ninguém até então havia-se lembrado de associá-las aos misteriosos acontecimentos.

— Bem — disse o Inspetor — tudo isso é muito vago. Francamente não vejo ligação direta entre uma coisa e outra. De qualquer modo é uma pequena abertura, um fiozinho de claridade na escuridão em que estamos vivendo em relação a Spharion. Ao que se pode supor, ele anda atrás do tal carbono 14, e saber disso já é alguma coisa.

CERTO MINÉRIO INEXPRESSIVO

O Instituto Diamantinense de Mineralogia fora recentemente reformado e estava, como se diz, uma "jóia". Vitrinas de acrílico, em linhas modernas e simples, espalhavam-se pelos salões, cada qual com amostras classificadas em grupos diversos de acordo com as características de cada minério. Cerca de cinco mil amostras, sendo que noventa e oito por cento eram provenientes de Minas Gerais. Os visitantes leigos eram atraídos por uma bonita amostra de "brasilia-nita", silicato de alumínio verde-amarelo, descoberta havia pouco tempo. Gostavam também de ver uma amostra de zeólita de "afrizita", turmalina negra de forma estranha, lembrando um feixe de gravetos pretos, e cujo nome "afrizita" lhe fora dado em homenagem aos escravos negros, que, no século XVIII, haviam trabalhado nas minas de ouro e diamantes. Uma das vitrinas mais bonitas era a dos berilos, com as águas-marinhas azuis, as morganitas rosadas, os heliodoros amarelos e as esmeraldas verdes. E havia a dos quartzos com suas ametistas roxas, seus citrinos amarelados e suas opalas leitosas. Não havia quem não quisesse ver uma das únicas réplicas no mundo do diamante Getúlio Vargas, de 726 quilates, encontrado em Coromandel, antes de ser levado para a Europa, onde ficou guardado no Banco Holandês em cofre de aço de uma tonelada, antes de ser fragmentado.

Dico ia nomeando as amostras e explicando as características de cada uma. Havia a mesa dedicada à Petrobrás, com amostras de enxofre extraído do petróleo, querosene de jato para iluminação, asfalto líquido, gasolina para avião e petróleo bruto.

Dico notara uma coisa que não estava entendendo: quando se aproximava, com alguma visita, do setor dos minérios radioativos e começava a nomeá-los, um por um, sentia um arrepio, uma espécie de ligeiro choque elétrico, ao pronunciar o nome de um deles. Um simples e inexpressivo fragmento de minério em cuja placa, além de sua classificação vulgar, podia-se ler Y(Nb, Ta)04. E, depois daquela sensação esquisita, vinha-lhe sempre uma espécie de moleza que ele não sabia explicar.

Dico procurou o Pároco e contou-lhe o caso.

— Mas você não vê, não sente, não ouve mais nada? Veja se consegue se concentrar um pouco.

O rapaz fechava os olhos, ficava bem quieto, e... nada.

— Quando sinto que estou fora de mim "daquele jeito" (e isso, como o senhor

sabe, acontece sem eu querer) só vejo ondas enormes se arrebentando contra um penhasco. Nada disso confere com as coisas que estão acontecendo e nem com as pistas que estão aparecendo.

E se o tal anel não fosse de Spharion coisa nenhuma? Mas que a coisa era esquisita, lá isso era.. .

LÁ LONGE EM ÁFRICA...

Um bonito rapaz de cabelos castanhos, usando uma espécie de macacão caqui, entrou na Embaixada do Brasil em Dakar.

-— Veja só que "pão" acaba de chegar — comentou a recepcionista discretamente com a companheira.

— Nossa! Será que é brasileiro? — falou a outra.

O homem identificou-se, mostrando sua carteira de jornalista profissional, em serviço na África. Tinha audiência marcada.

— O Senhor Embaixador vai receber o Senhor Pedro dentro de dez minutos — disse a secretária entrando na sala. — Gostaria de ver jornais ou alguma revista enquanto espera?

Pedro pôs-se a folhear distraidamente a primeira que lhe caiu nas mãos. Uma revista brasileira. Súbito, empali-deceu. Olhou, olhou, leu, releu, e ficou visivelmente alterado.

—• Aceita um cafezinho?

Que falta de sorte! Tremia ligeiramente, e, ao segurar a xícara, esta lhe escapou das mãos, espatifando-se no chão, depois de manchar a blusa da moça e o tapete que cobria o assoalho. Envergonhado, confuso, Pedro entrou na sala do Embaixador. Tão perturbado que nem sabia direito o que estava falando. . .

RETRATOS, MUITOS RETRATOS

Apesar de tantas dúvidas e incertezas, apesar do "des-cosido" das precárias suspeitas, a polícia discretamente conseguiu e mostrou a Dico fotografias de físicos nucleares e de arqueólogos brasileiros, alguns dos quais já haviam visitado Diamantina.

Não: nenhum deles tinha qualquer semelhança com o homem do cilindro na cabeça.

— Este lembra um pouco Spharion — disse Dico.

— Esse não — falou o Inspetor. — Esse tem quase dois metros de altura, e tamanho ninguém consegue esconder, nem com cirurgia plástica. . .

Desânimo total. Dias depois veio do norte um retrato que pôs Dico intrigado. Seria esse? A expressão era a mesma. A altura conferia. Tratava-se de certo Professor Medeiros, físico nuclear, também formado em arqueologia e que morava no Rio de Janeiro. Já fora visto com dois companheiros no município do Serro, fazendo pesquisas na Lapa do Fiscal, assim chamada por ter sido usada nos tempos coloniais como abrigo por certo intendente dos diamantes. Um filete de água potável atravessava a gruta, que era grande, e dentro da

qual viviam alguns micos e macacos maiores. Não havia lógica em nada. Se o arqueólogo fizera pesquisas — o que era uma coisa natural — não havia razão para surgir depois com um cilindro na cabeça sem mais nem menos, matando gente e levando diamantes.

— A menos que o cara tenha endoidado de repente — comentou Dico.

Sabia-se que o arqueólogo também visitara outra série de grutas situadas na região. Tratava-se de um conjunto de várias lapas e cavernas, algumas bem grandes. Segundo tradição, elas teriam servido antigamente para esconderijo de escravos fugidos, o que lhes dava certo ar de mistério e aventura.

— Vamos lá hoje mesmo — disse o Inspetor. — Você vai comigo, Dico. Se ficar concentrado lá dentro, talvez consiga esclarecer alguma coisa.

Dico achou isso uma bobagem, mas prontificou-se a ir.

FOLHAS SE ARRASTANDO

As grutas ficavam a cerca de quatro léguas de Diamantina. Para atingi-las, Dico e o Inspetor tiveram de atravessar muito mato e alguns arbustos que lhes arranharam o rosto e as mãos.

— Não será melhor voltarmos? — disse o moço. — Poderíamos vir amanhã cedo. Já são quatro da tarde.

Pimentel era teimoso, insistiu, e eles prosseguiram. Encontraram vestígios de escavações, e não tiveram mais dúvidas de que o Professor Medeiros andara por lá.

— Acabamos de saber que nosso físico-arqueólogo fez um estágio no Laboratório de Energia Atômica de Saclay, na França — falou o Inspetor.

— Quem sabe? — tornou Dico, olhando para o vácuo.

— Vamos ver se achamos alguma coisa.

Entraram por uma das aberturas e chegaram a uma comprida galeria, que, por sua vez, se comunicava com outras e mais outras.

— Seria engraçado se topássemos aqui dentro com o próprio homem do cilindro na cabeça. . . — divagou Dico.

— Estou achando esta gruta tão legal, que, se eu fosse bicho, vinha morar dentro dela.

— Que idéia, menino! — tornou o Inspetor, sempre cutucando aqui e ali com sua bengala.

— Veja o que encontrei. Parece.. . parece.. . um velho cachimbo.

E era isso mesmo: um cachimbo de barro provavelmente ali deixado por algum escravo no século XVIII. O tempo foi passando sem que eles o percebessem. Súbito a galeria começou a ficar escura. Não se via nenhuma brecha para a luz entrar. Haver, havia, mas o sol se escondera.

— Vamos embora o quanto antes — disse Dico, meio inquieto.

— Vamos.

Começaram a andar, de um lado para outro, já quase no escuro. E a pilha da lanterna

elétrica já estava no fim. (Burrice não ter posto pilha nova.)

— Não estou vendo o rumo da saída — disse o Inspetor.

— Nem eu. Como vai ser?

— Possivelmente vamos ter de passar a noite aqui. Somos homens, e isso não é nada para nós.

— Por mim, não me importo. Estou preocupado é com meus pais. Ficarão aflitos, vendo que não volto para casa.

— Vamos ser otimistas: talvez pensem que fomos dormir no Serro.

— Na Casa dos Otoni, quem sabe? — disse Dico, com ironia.

Ficaram calados. Súbito ouviram um barulhinho esquisito de coisas se arrastando. A luz da lanterna, apesar de fraca, lhes permitia enxergar um pouco.

— Cuidado! — gritou o Inspetor. — Estou vendo uns bichinhos correndo para a gente! Mas que bichos serão esses, meu Deus?

— Nossa! Estou daquele jeito — disse Dico contrariado, notando que pequenos objetos comuns dentro de grutas — folhas secas, pedrinhas miúdas — estavam sendo atraídos para junto dele.

— Que negócio é esse? — exclamou o Inspetor, arregalando os olhos e dando uma cutucada nos ombros do moço. Tanto bastou para que levasse como que um choque elétrico.

— É que. . . é que. . . isso me acontece de vez em quando, sem eu saber por quê!

— Jesus de Nazaré! — exclamou o policial, assustado. — É a primeira vez que assisto a uma coisa dessas! E logo neste lugar. . .

— O senhor me perdoe. Não tenho culpa — disse Dico humildemente. — Isso acontece quando menos espero. Vamos ficar bem quietinhos que daqui a pouco tudo passa. Não há perigo algum —. A coisa durou apenas alguns minutos. Depois a pilha da lanterna acabou e ficou tudo escuro. Era noite, dentro e fora da gruta. O Inspetor riscou um fósforo para ver as possibilidades de acomodação, e notou que do lado direito o chão da gruta era plano, liso, prestando-se para se transformar em cama improvisada. Dico tinha o sono fácil, e logo adormeceu. Com o Inspetor aconteceu o mesmo. Finalmente amanheceu.

— Que noite, arre! — comentou o Inspetor.

— Vamos embora depressa! Esse lugar é muito encrencado, muito chato — exclamou Dico. — Preciso chegar em casa já. Mamãe deve estar morrendo de aflição, pai, também.

A "vistoria" nas grutas não adiantara praticamente nada. Custaram um pouco a encontrar o rumo da saída, pois, sem perceber, haviam-se metido num verdadeiro labirinto. Finalmente se viram lá fora. Que alívio!

O TAL PROFESSOR MEDEIROS

As informações sobre o Professor Medeiros intrigaram o Inspetor: estivera em Diamantina anos atrás fazendo pesquisas arqueológicas discretamente, e — coisa curiosa — o tema de sua tese de doutoramento na Universidade onde se formara em Física Nuclear era exatamente. . . "O carbono 14 e suas Aplicações na Moderna Tecnologia". Apesai de tratar-se de forte indício contra ele, não se podia ter certeza de nada. Era rico e, apesar de jovem, abandonara aparentemente a Física para se dedicar a seu hobby favorito: a arqueologia, que praticava exclusivamente como amador.

Seria um caso de dupla personalidade? Convencida de que estava na pista certa, a polícia fez um levantamento completo sobre a vida do professor. Tudo muito estranho e cheio de coincidências. Uma parte não pôde ser esclarecida: suas ausências inexplicáveis, seus desaparecimentos súbitos. O homem vivia só, falava muitas línguas, aparentemente não tinha amigos e era ayesso a conversas. Nenhuma mulher em sua vida, ao que parecia. Um esquisitão mesmo. Tentaram localizá-lo, e souberam que partira para uma de suas misteriosas "viagens ao sítio" como ele sempre dizia à velha governanta que cozinhava para ele, arrumava as roupas e cuidava do apartamento. Mas que sítio seria esse? Segundo a empregada, seria o de um padrinho milionário, que ajudara a educá-lo, uma vez que, filho único, perdera cedo pai e mãe. E quem era esse padrinho? A governanta não sabia o nome dele e onde ficava o sítio, não sabia ou fingia não saber. Como o Professor Medeiros era muito "fechado" e a curiosidade dela sempre fora limitada, a coisa, como se diz, foi ficando por isso mesmo. .. Combinou-se que um grupo de agentes da polícia vigiaria disfarçadamente o apartamento, controlando entradas e saídas. O cerco ia-se apertando. . .

Enquanto isso. . . sentada junto de sua mesa de estudo, Bernardina se preparava para a prova de História da Arte na Faculdade e estudava o Barroco e a escultura religiosa no Brasil. No dia de seu aniversário, Dico lhe dera de presente um álbum sobre os Profetas de Congonhas do Campo, que viera mesmo a calhar. A moça pôs-se a folheá-lo, e de repente sentiu um aperto no coração: bem nítida, e de folha inteira, lá se achava a reprodução de uma das obras-primas de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho: o Profeta Daniel, no famoso adro de Congonhas do Campo. Aquele rosto de linhas harmoniosas, com um ligeiro toque oriental, lembrava Pedro. Dina fechou o livro e empurrou-o para um lado.

ONDE ENTRA UM ELEFANTE

Sempre procurando desviar a atenção do povo para coisas mais alegres e saudáveis, o Prefeito de Diamantina convidou um circo famoso a dar espetáculos na cidade. O tempo estava ruim e chovia. No dia da estréia, apareceu um pouco de sol. Não havia calçamento na periferia e o chão se tornara lamacento e escorregadio. Dico, que se dirigia ao centro, parou, a fim de ver um elefante enfeitado de panos coloridos, que se encaminhava para a cidade. Propaganda do circo, naturalmente. Um homem de turbante dirigia o animal de cima de uma espécie de palanquim, onde se achava instalado. O elefante passou, deixando impressas no barro as marcas de suas patas. Marcas enormes, e de forma bem peculiar: uma bem maior, no centro, outras menores, em torno. Dico ficou fascinado e aflito, sem saber por quê. E passou o dia inteiro repetindo baixinho, para si mesmo: pata de elefante!. . . pata de elefante!. . .

NA PISTA DE MEDEIROS

Todas as estradas que conduziam a Diamantina continuavam intensamente vigiadas. Quem por lá quisesse passar, tinha de apresentar uma série de documentos. Ou Spharion arranjara um esconderijo muito bern escondido, ou não poderia entrar na cidade. Spharion ou... Professor Medeiros?

A palavra "Spharion" virou desaforo.

"Olha um Spharionzinho passando por ali!", gritava a garotada ao ver algum magrelo baixinho. Quase sempre o suposto "Spharionzinho" respondia ao "insulto" com um gesto feio... e seguia adiante.

Um dos agentes encarregou-se de ir de casa em casa distribuindo entre os moradores do Serro e Diamantina fotografias do Professor Medeiros, a fim de que seu rosto ficasse bem gravado. Retrato comum, reproduzido de uma foto de sua formatura. Quem visse alguém de fisionomia parecida com aquela, tinha ordem de avisar à polícia e prender o indivíduo. Dico achou alguma semelhança, mas não pôde garantir nada: vira Spharion apenas duas vezes e em circunstâncias muito especiais. Além disso — como ele sempre repetia — as ruas estavam cheias de pessoas iguais a ele. Uma busca mais detalhada no apartamento de Medeiros, no bairro de Ipanema, fora programada pelo Inspetor, facilitada pela ausência do físico-arqueólogo, que ninguém sabia onde se achava. Aproveitando um feriado mais longo, Dico foi ao Rio de Janeiro, a fim de acompanhar de perto os acontecimentos.

CHICLETES E REVISTAS EM QUADRINHOS

A governanta não queria deixar o Inspetor mexer em nada. Capitulou, entretanto, diante das credenciais de Pi-mentel, que ameaçou prendê-la como cúmplice, caso se recusasse a fazer o que ele queria.

— Medeiros não seria ingênuo a ponto de deixar vestígios em sua própria casa — comentou o Inspetor — ou então age sem deixar provas, quem sabe? De qualquer modo vamos examinar tudo.

Numa estante encontraram livros de Física, de Arqueologia e — coisa suspeitíssima — uma série de volumes sobre. . . diamantes. Dois grandes posters enfeitavam as paredes: um do vale dos Reis, no Egito, e outro de. . . Diamantina! O Inspetor e Dico trocaram em silêncio um olhar significativo.

— Acho que estamos no caminho certo — disse Pi-mentel momentos depois.

— Não tenho tanta certeza assim — falou Dico.

Entraram no quarto de dormir. Não encontraram nenhum contador Geiger, nenhum aparelho eletrônico. Coisas inesperadas e que os surpreenderam bastante se achavam em cima de uma mesinha, perto do leito: várias revistas em quadrinhos bem infantis, o livro *Como Vencer a Timidez em Poucas Lições,* um estilingue de matar passarinhos, dois aeromodelos para armar e vários pacotinhos de chicletes de bola.

— Coitadinho! Deve ser meio infantil — disse Dico. — Já pensaram no "homem

do cilindro na cabeça" chupando chicletes de bola, matando sabiás e tico-ticos com bodoque? Não pode ser ele!

O Inspetor, que estava satisfeito por ter achado no Professor Medeiros um bode expiatório, protestou:

— Como não, Dico?! Trata-se de um caso de dupla personalidade, aliás relativamente freqüente.

— Perdão, Inspetor. Não combina.

— Não combina o quê?

— Spharion lendo Luluzinha e Bolinha. ..

BIGODES, PERUCAS E SUTIÃ

Apesar da imprensa ter noticiado que o misterioso e complicado ser, que se apelidava de "Spharion FF", fora identificado como o Professor Medeiros, de acordo com as afirmações do Inspetor, os próprios jornais começaram a achar a coisa fácil demais. O assunto, como se diz, "esquentou" no dia seguinte, quando Pimentel e Dico, abrindo velha arca que estava trancada no quarto de Medeiros, encontraram uma quantidade enorme de barbas, bigodes e perucas feitas com cabelos pretos, louros, avermelhados e brancos. Além disso, acharam uma estrela de xerife, um nariz de plástico, um sutiã "Darling", e uma máscara em papelão dourado imitando a do faraó egípcio Tutancâmon.

— Nosso homem gosta de se disfarçar, hem? — comentou o Inspetor. — Com certeza foi graças a esses truques que não pôde ser apanhado até hoje. . .

A governanta protestou com veemência, mas acabou contando que o professor tinha um fraco: era doidinho por carnaval. Ficava acanhado, entretanto, de sair pulando e saracoteando como um garoto qualquer. Fazia o maior segredo, e não queria que ninguém soubesse de nada.

— O senhor sabe como são essas coisas. O professor é uma pessoa muito séria, circunspecta, e cismou que ficaria desmoralizado se fosse visto sambando no desfile da Mangueira, que é a Escola dele. . . quer ver uma coisa?

A governanta entrou na sala e voltou minutos depois com uma fotografia.

— Que mulataço! — exclamou Dico, entusiasmado, segurando o retrato e admirando uma escurinha de biquíni abraçada ao Professor Medeiros, vestido de Tutancâmon.

— Que malandro! — exclamou o Inspetor. — Disfarçado com essa máscara e metido nessa fantasia, ninguém poderia imaginar que dentro dela se achava o respeitável Professor Medeiros... ou talvez mesmo. . . Spharion, quem sabe?

— Curtição de carnaval não faz mal a ninguém — comentou Dico.

A governanta contou que todos os anos, na Quarta--Feira de Cinzas, o Professor acordava com o corpo tão moído que ficava na cama o dia inteiro. Estava sempre rouco de tanto cantar, e só recuperava a voz depois de dois ou três dias.

— Fica que nem eu — comentou Dico sorrindo, e se lembrando do quanto ele mesmo era vidrado em Carnaval.

— Dico, Dico! — exclamou Pimentel. — Sinto que você não quer levar a sério a pista que estamos seguindo e que nos vai conduzir ao homem do cilindro na cabeça.

— E encontramos algum. . . cilindro, por acaso?

— Muito bem. De qualquer modo, meus homens vigiarão o apartamento noite e dia, até a chegada do Professor Medeiros. O fato dele não ter se apresentado espontaneamente à polícia, ao saber que seu nome é citado como culpado, torna-o ainda mais suspeito.

— E que vão fazer com ele?

— Será logo intimado a comparecer à delegacia para esclarecimentos.

Dico ficou em silêncio, olhando para o vácuo, pensando, pensando. Escurecia. A lua começou a aparecer no céu.

ONDE SE FALA NA PATAGÔNIA

Nessa mesma noite, inesperadamente, Medeiros foi visto entrando no prédio e subindo pelo elevador. Os agentes fizeram o mesmo, tocaram a campainha, bateram na porta e só conseguiram que esta se abrisse cinco minutos depois. . . tempo suficiente para que o Professor se evaporasse. Sumira misteriosamente, ninguém sabia como. A governanta contou que ele ficara apavorado diante daquela desordem e que, ao saber da busca, correra ao cofre, tirara papéis, dinheiro, e saíra depressa pelos fundos, dizendo que iria sumir. Por incrível que pareça, os agentes não encontraram o Professor Medeiros, apesar de cuidadosa busca.

Pimentel logo telefonou a Dico, na casa de parentes onde se hospedara:

— Não acha altamente suspeita essa fuga?

— Pensando bem, Inspetor, diante da personalidade dele e em face das circunstâncias, acho quase natural. O Professor ficou envergonhadíssimo ao ser descoberto e resolveu fugir.

— Para onde?

— Isso ninguém sabe.

— Eu saberei!

Dias depois Pimentel ficou sabendo mesmo: o Professor Medeiros voara para a. . . Patagônia!

— Patagônia, por quê? -—- comentou Dico. — Será que ele achou o nome bonitinho?

— Garanto a você que isso eu vou saber também — tornou o Inspetor, com ironia.

O povo não se impressionou muito com o caso do Professor Medeiros. A manchete do *Estado de Minas,* por exemplo, dizia apenas assim: "Nenhum cilindro na casa do Professor".

E esse título significava muita coisa...

O MOINHO MOÍA OS SATÉLITES

Dois jornalistas do Rio de Janeiro, obviamente motivados pelo caso Spharion, dirigiam-se a Canoinhas, centro administrativo da Companhia Diamantinense de Mineração. Pelo caminho iam observando a bela paisagem.

— Os diamantes desta antiqüíssima região — explicava o geólogo que os acompanhava — são originários de chaminés vulcânicas, possivelmente formadas no Rio São Francisco, de onde, num processo que teria levado séculos, foram conduzidos até outros afluentes, sendo depositados juntamente com outros minérios.

Finalmente chegaram ao laboratório de Canoinhas na sede da Companhia, onde trabalhavam cerca de cem homens. Exatamente naquele momento entrava João Saburó, com seu caminhão, transportando alguns mil quilos de cascalho, recolhidos pela Grande Draga no leito do Rio Jequi-tinhonha, e que haviam sofrido uma seleção mecânica preliminar sendo imediatamente despejados nos chamados "moinhos de bola", processo usado na ocasião. Essa manobra despertou muita curiosidade nos jornalistas. O gerente do laboratório ia explicando tudo:

— Como vocês estão vendo, esses moinhos possuem forma alongada e têm aproximadamente três metros de comprimento. Todos eles são revestidos de placas de aço. Dentro de cada um há uma tonelada de bolas de ferro um pouco maiores do que as de pingue-pongue. Quando o moinho, acionado por motor elétrico, funciona — continuou o gerente —, as bolas, misturadas com um pouco de água, começam a se movimentar rapidamente, fazendo barulho, moendo o cascalho por atrito e reduzindo-o na proporção de um para mil. À medida que as bolas começam a se desgastar vão sendo trocadas. Durante três dias e três noites esses moinhos de bola funcionam sem parar, moendo o que não é diamante, por fricção, sendo que de tantos em tantos minutos, como vocês vão ver, os operários colocam trinta litros de água dentro deles. Depois de setenta e duas horas, as pedras estarão amontoadinhas no canto. O moinho mói os satélites, e deixa os diamantes intactos.

Era bonito vê-los assim polidos, resplandecentes, como que purificados depois de penosa, mas gloriosa batalha. Os rapazes ficaram encantados.

UMA LEVE SONOLÊNCIA...

O gerente convidou-os a ver o trabalho de cata que estava sendo feito numa das salas do laboratório, no qual vários jovens especialmente treinados, e sentados em volta de uma mesa, examinavam o "superconcentrado" — isto é, o material rejeitado pelos moinhos de bola — que se achava em bandejas colocadas diante deles. Segurando pinças, iam catando manualmente um ou outro minúsculo diamante que, por acaso, houvesse ficado entre os satélites moídos.

— Estou ficando tonta — disse uma das moças, fechando os olhos e pondo a mão na testa. Mas ninguém prestou atenção ao que ela falou. A moça recomeçou o trabalho.

— Mas isso é quase impossível! — exclamou um dos jornalistas. — Como é que vocês conseguem descobrir a pedrinha no meio desse colosso de areia?

— E nem usam lentes — disse o outro. — Que negócio é esse?

— A gente vai... a gente vai...

— Vai o quê?

— A gente vai procurando o mais jeitoso, se amarra nele, e. . . pronto! Logo dá com o diamante. .. Então. . . então... en... tão...

A moça começou a gaguejar e abaixou a cabeça. Adormecera.

— Que sono — disse alguém.

— Estou ficando tonto.

— Não vejo mais nada.

Os dois jornalistas sentiram uma fraqueza súbita, e sentaram-se nas cadeiras, recostando o rosto no braço da poltrona. Um deles adormeceu. O outro, não. Reagiu um pouco e, assim como que em sonho, percebeu um vulto magro e um pouco baixo, de traços imprecisos, com um cilindro na cabeça. A criatura, segurando alguma coisa que lembrava um lápis, aproximou-se da mesa, e com outro aparelho desconhecido, como que selecionou algumas pedri-nhas minúsculas nas bandejas, guardou-as numa pequena caixa, e saiu.

A coisa foi muito rápida. O repórter tentou levantar-se para seguir o vulto, mas não o conseguiu. Quis gritar, mas não pôde. Ainda que de modo incompleto, percebeu que se achava sob o domínio mental nada mais nada menos que de. . . de. . . Spharion!

O sono coletivo demorou aproximadamente dez minutos, tempo mais do que suficiente para o homem do cilindro na cabeça poder escapulir. Mas escapulir para onde, se as estradas estavam vigiadas e se ninguém podia sair do município sem exibir identidade completa? E todos ficaram perplexos com um cartão branco deixado numa bandeja em cima da areia. Apenas com o nome, em tinta azul: Spharion FF. Nenhuma impressão digital.

O SILÊNCIO DE PEDRO

Olhando para a reprodução do Profeta Daniel que mandara enquadrar, Dina pensava em Pedro.

Como teria Spharion conseguido entrar no laboratório? O Inspetor era suficientemente inteligente para perceber que ele usaria o mesmo "sistema" de sempre. Mas que "sistema" seria esse? A suposição foi confirmada pelo depoimento dos

porteiros: de repente sentiram uma espécie de moleza, de falta de vontade própria, "como se outra pessoa estivesse mandando neles". . . Quando, por assim dizer, voltaram a si, verificaram que os portões estavam abertos. Haviam sido hipnotizados, que horror! E foi quando o medo tomou conta de Diamantina e do Serro. O Prefeito chegou a pensar em fechar colégios e cinemas. Medo é contagioso como peste: alastra-se. . . "pega". . . Melhor "manter alta", como se diz, "a moral do povo", tomando naturalmente as precauções

necessárias. Mas, . . que precauções seriam essas? Para dizer a verdade. . . ninguém sabia que precauções tomar. Quem seria capaz de enfrentar o homem do cilindro de "igual para igual"? Ninguém. Os colégios e cinemas continuaram abertos. E que tal um grande jogo de futebol entre dois times importantes do Rio e de São Paulo, para distrair o povo?

Olhando para a reprodução do Profeta Daniel que mandara enquadrar e colocar na parede de seu quarto, Dina pensava em Pedro. Nenhuma carta. Nenhuma palavra. Por quê? O silêncio era o pior de tudo: dava-lhe a sensação de nunca haver existido para ele. Entretanto. . . identificara-se tanto com Pedro que se sentia amputada de si mesma, como se um pedaço de seu próprio corpo houvesse sido arrancado... É verdade que estava começando a reagir. Pensara mesmo em arranjar outro namorado, o que lhe foi fácil. O rapaz era bonito, alto e simpático, estudava Medicina em Belo Horizonte e tinha um jeito incrível para lidar com mulher. "Não custa nada tentar mais uma vez", pensou Dina.

— Sortuda! Não sei o que você arranjou para esse cara maravilhoso ficar assim amarrado em você — comentou uma amiga, doidinha pelo estudante. Inútil. Quando o rapaz beijou Dina, ela viu que não havia jeito mesmo: seus lábios pertenciam exclusivamente a um único homem: Pedro. Era nele que ela pensava, quando o dia clareava, era nele que pensava quando o dia escurecia. Ele... ele... ele. Entretanto, esse homem estava vivendo com outra mulher. Talvez até já estivesse grávida, com o filho dele se mexendo dentro do ventre. O "Caso Spharion", já comentado em todo o Brasil, deixava Dina indiferente. Ela pouco se incomodava

que morresse mais gente, mais este, ou mais aquele.. . Sentia-se alheia. . . alheia mesmo, . . . Até que. . .

A DRAGA DE ALCATRUZES

Lá estava ela, cor de cinza, ancorada numa curva do Rio Jequitinhonha, emoldurado pelo verde-escuro da floresta. O rio parecia quieto, parado. Entretanto uma vida silenciosa e secreta pulsava no fundo das águas. Um mundo Constituído de peixes e de animais minúsculos, que viviam sua vida elementar, ignorando aqueles seixos, que, em seu mutismo de cascalho, dormiam seu sono milenar, sem suspeitar dos enredos e da cobiça desencadeados em torno deles pelos "lá de fora, os lá de cima". Assim como em qualquer lugar onde houvesse diamantes, dezenas e dezenas de agentes de polícia, disfarçados em operários, estavam atentos a uma possível aparição de Spharion. Entretanto — eles bem o sabiam — armas nada podiam contra ele, que imobilizava qualquer um, sabe-se lá por que misteriosa força. . . Pensando nisso, eles observaram a Grande Draga que se achava em plena atividade. Sabiam que era flutuante, e que funcionava por eletricidade, beneficiando milhares de toneladas por mês de cascalho, recuperando em média dois quilos de diamantes. O mestre-de-draga — o chefe — explicou que, através de aparelhos especiais, ela ia fazendo sondagens, de tantos em tantos metros, no leito do rio, a uma certa profundidade, a fim de se verificar o teor do material encontrado. Súbito ouviram um silvo agudo na floresta. Assustaram-se. Algum pássaro? O homem interrompeu a conversa e ficou pensativo. Depois abriu o blusão e mostrou aos agentes uma espécie de colete de aço a lhe cobrir o peito.

— Precaução contra Spharion? — perguntou um deles.

— Isso mesmo. Sei que adianta pouco, mas de qualquer modo, resolvi usar essa proteção.

— Talvez fosse melhor que todos nós usássemos um capacete de aço, pois Spharion sempre ataca suas vítimas na cabeça — comentou outro agente.

Após algum tempo, vendo que nada acontecia, o mestre continuou sua explicação:

— Trata-se de uma grande draga do tipo chamado alcatruz, toda de aço, e com três andares, presa ao leito do rio por uma agulha, ou melhor, uma lâmina, amarrada às margens por quatro cabos também de aço e que lhe dão movimento. Na frente da máquina há um aparelho de sucção, que, por meio de bomba, suga a parte inútil composta de areia, terra e água, e na qual não há diamantes, pois estes só são encontrados mais abaixo, a uma profundidade de seis a oito metros. Trezentos homens se ocupam da manutenção dessa draga, que é acionada por dez técnicos apenas. Correntes de ferro com oitenta caçambas chamadas alcatruzes movimentam-se ininterruptamente, raspando, penetrando vinte metros no fundo do rio e trazendo para cima o material que é automaticamente despejado num peneirão circular, que faz a primeira seleção, devolvendo ao rio, por meio de uma correia transportadora, todo o material de tamanho superior a três centímetros. Esse material selecionado é então distribuído por uma série de peneiras vibratórias mecânicas, que contêm um pouco de água. Assim sendo, o material leve e concentrado é eliminado pelas bordas externas, sendo que o mais pesado — os diamantes e satélites — permanece no interior das peneiras.

Apesar de interessados na conversa, os policiais e o mestre-de-draga, sobretudo, sentiram que havia qualquer coisa no ar. . . Qualquer coisa que estivesse por acontecer .. .

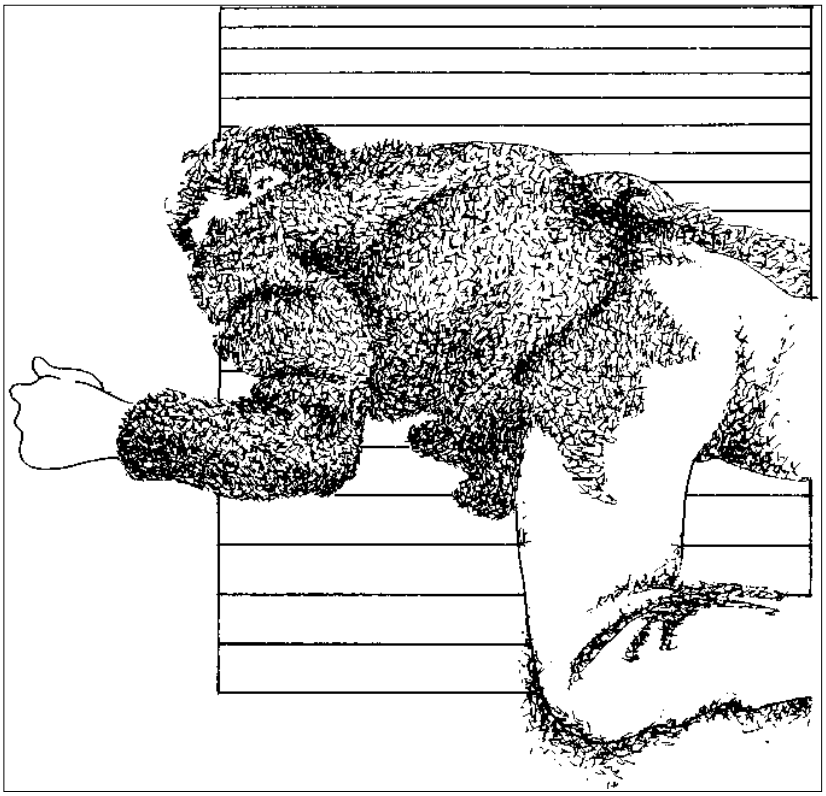
JOÃO NÃO VOLTOU...

Nas margens do Jequitinhonha, João Saburó aguardava a balsa que trazia a formação, já selecionada pelas peneiras, a fim de colocá-la em caçambas fechadas. Levaria tudo em seu caminhão até Canoinhas, sede da Companhia, para ser submetida aos tais "moinhos de bola".

Saburó era um homem alto, corpulento e saudável, que ria muito, mostrando os dentes grandes e brancos. "Esse tal de Spharion comigo não tem vez", dizia ele batendo no colete de aço que passara a usar no peito.

O caminhão era do tipo Brook Mercedes Benz, possuía braços articulados para trás, que pegavam as caçambas no chão e as colocavam em cima da própria carroceria.

— Boa sorte, João — disse um colega, despedindo-se do marido de Joana Saburó quando ele rumava para Ca-noinhas, transportando sete mil quilos de cascalho. Saburó não chegou em casa essa noite. Encontraram-no pela madrugada inconsciente, no meio da estrada. Um ligeiro chamuscado na testa, e o mesmo sinal de sempre no rosto: Spharion FF. As caçambas haviam sido abertas, ninguém sabe como, e o cascalho fora espalhado pelo chão.



MICRÓBIOS

Estamos num hospital do Rio de Janeiro desde ontem. Viemos de avião, papai continua fora de si e veio deitado numa espécie de maça. Ao que percebo, as coisas não vão nada bem. Além da destruição de certo centro vital do cérebro de meu pai, surgiu uma complicação: uma pneumonia dupla, e ele está com febre muito alta. Sua mão queima como fogo, e os médicos não dão esperanças de recuperação. Mamãe e Dina — cada qual mais calada do que a outra — continuam sentadas, olhando, ora para o doente, ora para o vazio.

Papai é tão bom, meu Deus! Bom, autêntico e singelo como o pão. . . O esquisito é que de repente começo a perceber uma porção de coisas. . . Será possível que agora — justamente agora — eu fique "daquele jeito"? Isso mesmo. Estou vendo o organismo de papai sendo totalmente invadido por milhares e milhares de micróbios. Suas formas são estranhas, e a invasão é total. Incrível: o corpo se defende e ataca-os com seus anticorpos (é tudo transparente para mim). Os glóbulos brancos estão lutando ferozmente contra as bactérias, que vão se desmanchando no líquido das mucosas. Uma batalha incrível! Algumas escapam e recomeçam a luta, reforçada por nova invasão de germens.

Logo vem novo contra-ataque, desta vez por meio de armas químicas, ou melhor, dos antibióticos, que o médico injeta no organismo de papai. Percebo que muitos micróbios morrem, outros, não. Possuem uma vitalidade brutal, e começam a ganhar terreno. Um micro-universo pulsando dentro de um simples corpo! Coisa espantosa!. . . Um dos médicos toma o pulso do doente e a pressão arterial. Olha--nos, pensativo, preocupado. Chegam outros médicos. Noto que a situação piora. O coração de meu pai bombeia o

sangue cada vez mais devagar. . . mais devagar. . . devagar. . .

— Está morrendo — diz o clínico, com ar desalentado e grave.

Concentro-mc intensamente, tentando fortalecer os glóbulos brancos e enfraquecer os inimigos. Alguns minutos de mudo suspense. Aos poucos os micróbios começam a "entregar os pontos". Vejo nitidamente a terrível, silenciosa e invisível batalha que está acontecendo dentro do corpo de meu pai. Os inimigos vão se retraindo. . , cedem. . . capitulam . . . Papai está salvo!

O PROFETA DANIEL

Diamantina ficou — por assim dizer — em estado de calamidade pública. Como sempre, ninguém podia entrar ou sair, sem ser revistado, sem apresentar uma série de documentos. Teria Spharion conseguido escapar? Como? Impossível! O mais provável é que estivesse escondido em

algum lugar. Mas. . . que lugar? Onde? Isso era improvável também. Várias famílias abandonaram a cidade, mudando-se para outros lugares até que a situação se definisse. Os colégios estavam fechados, não só por estar se aproximando o mês de férias, como também por outros motivos óbvios. Dessa vez o caso teve repercussão internacional, e foi noticiado por vários jornais da Europa, dos Estados Unidos e de toda a América Latina. Dias depois, mais magra do que nunca, Dina ouve tocar a campainha e vai abrir a porta de sua casa. Empalidece, e o coração como que lhe pula à garganta, ao esbarrar com um rapaz de rosto queimado pelo sol da África.

— Você? — exclama ela, perplexa.

Pedro não entra. E é de espanto, indignação e constrangimento o olhar que ambos trocam. Um olhar longo que revela sentimentos opostos: ódio e amor, ternura e desprezo, curiosidade e vontade de não perguntar nada, mandando tudo para o inferno! Ficam em silêncio algum tempo.

— Você trouxe a sua "única e maravilhosa mulher"? — pergunta a moça, num tom irritado e irônico.

— Mas que mulher, Dina?

— Silvana.

— Que negócio é esse? Você está doida? Eu é que pergunto: onde está o cafajeste do Bob Lee?

— O que você tem com isso, seu idiota? Pare de representar! Chega de fingimento. . .

— Por que você não respondeu a carta que lhe mandei pedindo explicações, quando

vi o retrato de Bob Lee beijando você?-

— Não recebi carta nenhuma, e nunca tive nem tenho nada com Bob Lee, seu chato!

— E nem eu com Silvana!

Olham-se longamente em silêncio. Súbito, um impulso espontâneo atira-os nos braços um do outro.

— Dina!

— Pedro!

Os dois ficam assim calados muito tempo. Dina chora, escondendo o rosto no peito de Pedro, como que encontrando finalmente a proteção de que necessitava. A proteção que só ele lhe podia dar. O moço então conta que, lendo em jornal africano o quase fatal atentado a João Saburó e as circunstâncias em que ele se dera, imediatamente decidiu largar tudo e voltar ao Brasil para ficar junto dela, apesar de toda a mágoa que guardava no coração. Telefonara a seu jornal no Rio de Janeiro, explicando que, "por motivos de força maior", não podia ficar na África nem mais um dia. O transtorno não seria tão grande pois representava apenas uma antecipação, uma vez que o tempo previsto para sua permanência na África já estava quase acabando.

Apesar de tudo, a geniosa Dina ainda não "amansara" completamente. . . Tornou a ficar de cara fechada, e foi preciso que Joana Saburó intendesse para ajeitar a situação. E os "mal-entendidos" foram sendo explicados: Pedro não escrevera mais por estar convencido de que Dina havia-se esquecido dele, e estava de caso, nada mais, nada menos do que com. . . Bob Lee!

— Mas que sufoco bobo! — disse Dina. — Logo com Bob Lee! Que "grilo" mais ridículo!

Pedro tirou da pasta a folha de uma revista que encontrara no escritório de certa Embaixada do Brasil na África. Dina arregalou os olhos. Lá estava o seu retrato, o corpo envolvido pelos braços do cantor, que lhe pespegava um violento beijo na boca. A legenda não deixava a menor dúvida e dizia assim: "Bob Lee vive intenso romance com a diamantinense Dina Saburó. Os dois estão apaixonadíssimos. Fala-se até que a linda moça fisgou definitivamente o volúvel cantor, até então rebelde a qualquer compromisso mais sério."

— Você não teve confiança em mim, não é, seu bo-bão? — E contou-lhe o que acontecera durante o show de Bob Lee.

— A gente quando ama, fica com os nervos mais sensíveis. Fica meio cretino, Dina. Fica desconfiado, ciumento. Coincidiu que você não respondeu a minha carta, e parou de escrever.

— Parei porque, além de sua carta ter-se extraviado, eu vi a dedicatória que você pôs no retrato que deu a "Silvana, sua única e maravilhosa mulher". . . E Padrinho Olavo, que procurou você quando foi à África, soube que "o jornalista brasileiro" mudara'de endereço. . .

Pedro entendeu tudo, e ficou furioso com a maldade de sua antiga namorada.

— Mas esse retrato é antigo — disse ele. — Dei-o a Silvana muito antes de conhecer você!. . . Repare que nem tem data. Nunca imaginei que ela pudesse ser tão vulgar e maldosa assim. Agora não há mais dúvidas entre nós — continuou Pedro. — E já deixei tudo combinado com o jornal, lá no Rio de Janeiro: retorno à cobertura do Caso Spharion, e só saio de Diamantina depois que for descoberto o mistério todo. O caso de

João Saburó me atingiu em cheio, Dina. Vim para ficar. Nunca mais me separo de você. E como vai seu pai?

— Está fora de perigo, mas ficou com uma lesão cerebral que talvez o afaste do trabalho para o resto da vida. Quem continua chefiando as investigações é o Inspetor Pimentel. Se ele esclareceu a transa do tal "Escaravelho do Diabo", por que não há de resolver o Caso Spharion? Ainda mais agora que você voltou e que Dico está empenhado em colaborar também.

— Vou procurar o Inspetor já. Quero participar de tudo. Quem sabe? Talvez seu irmão com suas clarividências passageiras possa nos ajudar um pouco.

— Dico? Nossa!. . . Coitado! Depois que papai foi atacado por Spharion, ele deu para rabiscar uns desenhos esquisitos e repetidos que ninguém consegue entender. Uns círculos meio desiguais e malfeitos, só você vendo. . .

-— O quê? Desenhos? Vamos logo falar com ele.

FAZENDA FINA E BOTÕES DE MALVA

O Inspetor recomendava aos comerciantes de diamante que interrompessem seus negócios e anunciassem nos jornais essa retração. Todos os que mexiam com pedras corriam perigo. As lapidações foram fechadas, mesmo assim um ou outro negociante mais afoito ou ambicioso, comerciava, escondido, diante de algum comprador rico.

— Você tem fazenda boa? Fazenda fina? — perguntava este ao seu fornecedor habitual. (Na linguagem utilizada pelos negociantes de diamante, "fazenda fina" quer dizer um bom lote daquelas pedras.)

— O senhor chegou na hora certa. Estou com dois "botões de malva" — (diamantes perfeitos, de primeira qualidade) — excepcionais. Um de três quilates, outro de quatro, ambos sem jaca alguma. Quer ver?

— Claro! Estou também interessado em alguns "cha-péus-de-frade" — (diamantes geralmente triangulares de espessura rasa) — e pingos-d'água — (diamantes de forma típica). — Tem algum corado, por acaso?

— Tenho. Diamante bala — (diamante fosco) — o senhor não quer, não é? Tenho também finquetes e fininhos.

— Diamantes de segunda e de terceira não me interessam.

— De qualquer modo, como vê, hoje estou com fazenda fina, de primeira.

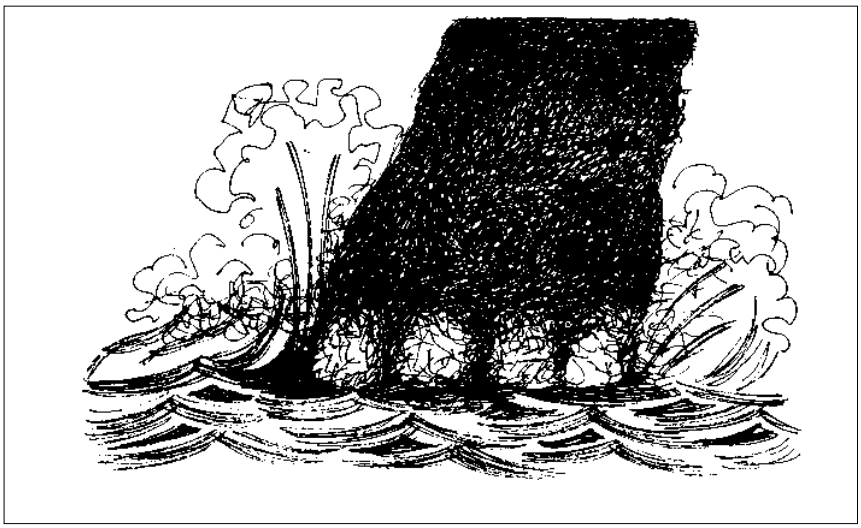
O homem tirou do bolso uma lente, e se pôs a admirar as pedras. Pagou com cheque.

OS DESENHOS DE DICO

Pedro, Dico e o Inspetor Pimentel continuaram a se entrosar muito bem.

— A verdade é que estamos na estaca zero — disse o Inspetor.

— Zero infinito. . . — acrescentou Pedro, sorrindo. — Mas. . . que fazer? De braços cruzados é que não podemos ficar. O senhor deve saber que esse nosso Dico, filho de João Saburó, é um sensitivo. Até agora o dom que ele tem não adiantou nada para ajudar a esclarecer nada de nada. . . Veja só, Inspetor, o que o rapaz tem feito. Parece que ficou meio grilado depois que o pai foi atacado e não faz outra coisa a não ser desenhar isto:



— Não tenho a menor idéia do que seja esse negócio! Serão nuvens? Rochedos? — comentou o Inspetor.

— Vamos esperar um pouco mais a ver se ele rabisca seja lá o que for, com algum detalhe mais claro —. Dico, sempre muito emocionado com a doença de João Saburó, continuava a desenhar.. . desenhar.. . Apareceram alguns riscos formando um largo quadriculado. Depois alguns círculos de forma um tanto irregular: um maior, outros menores.

— Bem melhor — comentou o Inspetor. — O quebra-cabeça vai-se formando. Ainda precisamos, entretanto, da peça principal, de certo detalhe importante como "chave" do mistério. Mais uma pista?

Dias depois, o Inspetor resolveu se distrair um pouco e foi conhecer o Museu de Mineralogia. Dico — como sempre fazia com os visitantes — parava diante de amostra por amostra, pedra por pedra, dizendo-lhes os nomes e explicando-lhes as características. Ao chegar na seção dos minérios radioativos, e ao nomear um deles, veio-lhe novamente — e dessa vez bem forte — aquela sensação de choque elétrico de desfalecimento súbito. Tão forte que ele caiu no chão. Desacordado ou morto? Pedro, que acompanhava o Inspetor, abaixou-se, tomou o pulso de Dico e verificou que ele estava apenas desmaiado. Dois minutos depois, voltou a si.

— Essa coisa me acontece sempre que pronuncio o nome desse minério. Fergusonita. . .

Pedro e o Inspetor olharam um para o outro. Um olhar comprido, longo, cheio de indagações e reticências. . .

—• Fergusonita. . . Fergusonita. . . Afinal de contas isso não quer dizer nada. . . (Ou será que, sendo minério, teria alguma relação com os desenhos feitos por Dico?) Esperem aí... Aqueles desenhos. . . aqueles desenhos. . . lembram-me pedras! Pedras grandes!

Ainda meio f ora de si Dico repetia: "Vejo ondas muito altas quebrando-se num

penhasco. Ouço um barulho parecendo chuva".

— Quem sabe? — disse Pedro. — Talvez essa fergu-sonita represente mais um pedacinho a ser encaixado nesse terrível quebra-cabeça.

— Uma coisa é certa: Spharion acha-se cercado por todos os lados, esteja onde estiver. . . Ou será que já saiu da região? Mas como? Para onde?

— Eureca! Eureca! — exclamou Dico de repente. — E eu que ainda não havia pensado nisso?

Ao contar ao Inspetor sua suspeita, este olhou-o com ar incrédulo.

— Bem — disse o Inspetor — a coisa chegou num ponto que teremos de agir juntos nós três. cada qual em seu setor. Você, Pedro, daqui a alguns dias vai ao Rio de Janeiro e São Paulo fazer determinadas pesquisas. Breve combinaremos tudo. Eu e Dico vamos continuar aqui em Diamantina. . . provisoriamente, pelo menos. Recomendo absoluto segredo. Invente uma desculpa, um pretexto alheio ao caso. Qualquer indiscrição pode "entornar o caldo todo". Spharion não pode nem de leve perceber que já temos algumas pistas, ainda que bastante vagas.

Pedro, que jurara não mais se separar da namorada, teve de concordar. Afinal de contas, o Caso Spharion sempre o fascinara, e terminara por atingi-lo em cheio, pois João Saburó era o pai de sua Dina. Partiria dali a alguns dias.

Quanto ao Professor Medeiros, ficou tudo esclarecido. Não havia nada contra ele. O padrinho riquíssimo existia, morava mesmo num sítio, e era freqüentemente visitado pelo afilhado.

Fazia pena ver Medeiros conversando com Pimentel: o homem estava vermelho como um tomate maduro.

— Mas por que não veio logo à polícia provar sua inocência?

— É que... é que. . . talvez o senhor não me compreenda bem, mas quase morri de inibição e fiquei quieto.

— Não viu que agia contra si mesmo?

— Sei disso, mas não pude controlar o medo. Que loucura, hem? Pensei até em fazer uma análise, quem sabe?

— Ótima idéia. Faça a sua análise, cure essa timidez e trate de curtir bastante os seus carnavais — disse o Inspetor, desculpando-se e dando-lhe um tapinha nas costas. E acabaram bons amigos.

ONDAS ELETROMAGNÉTICAS

Enquanto isso. . . de certo lugar distante, misteriosas ondas eletromagnéticas, emanadas de uma fonte certamente poderosa, mas desequilibrada, continuavam a atravessar o ar, sendo captadas por radioamadores na cidade mineira de Diamantina. Ondas estranhas, inexplicáveis.

Somente o Pároco e Dina souberam em que ponto se achavam as investigações para o Caso Spharion. No mais. . . bico calado. Ao povo que exigia uma solução, Pimentel apenas dizia:

— Tenham paciência, e. . . rezem!

As "pistas" foram expostas diante do Pároco, muito estudioso de parapsicologia.

— Não faz sentido — disse ele. — Por enquanto, pelo menos. O jeito, no momento, é fazer aquilo que o Inspetor sugeriu: rezar.

Pimentel, acompanhado de Pedro, que estava de viagem marcada para aqueles dias, começou a percorrer de jipe toda a região. A busca não deu resultado. Como poderia Spharion se locomover dentro da área, sem chamar atenção?

— Acha que está escondido por aqui? — perguntou Pedro.

— Nunca! Já deve andar longe.

— Mas como?

— Só há uma explicação: helicóptero.

— Se fosse isso, alguém teria visto ou ouvido o aparelho chegar ou sair. Quer dizer, que além de físico nuclear super inteligente, Spharion seria também piloto?

— Claro! Como se explica, nesse caso, o fato do radar do aeroporto de Belo Horizonte não ter detectado o aparelho?

— Spharion deve ser suficientemente inteligente e esperto para, no momento adequado, se afastar do raio de ação do radar e depois retomar a rota estabelecida. Além disso, é provável que ninguém prestasse atenção num avião-zinho de passeio qualquer. . .

— Mas para que lugar iria ele? Onde seria o seu "antro"? E que significa o FF que ele sempre escreve debaixo de sua assinatura?

— Estamos longe de saber ainda.

No dia seguinte, cedo, Pedro seguiu para o Rio de Janeiro. Dina não teve medo de que o namorado procurasse Silvana. Ele agora era seu, bem seu, e ela sabia que, quando alguém está realmente apaixonado, fica automaticamente vacinado contra outros amores. Em coração ocupado, não sobra lugar. Joana Saburó, mais magra e mais abatida pelos acontecimentos, continuava a dar as suas aulas.

ONDE ENTRA UM ALMIRANTE

Orientado pelo Inspetor, que se baseava em seu próprio "palpite", Pedro, logo que chegou ao Rio de Janeiro, procurou saber do paradeiro de certo almirante reformado, conhecido de sua família. Descobriu que o velho marinheiro morava na costa brasileira, em pequena casa construída no alto de um penhasco, junto a certa aldeia de pescadores. Pedro custou a descobrir o lugar. Subiu o morro à tardinha, conquistando aos poucos o panorama deslumbrante que se via lá de cima. Agora começava a compreender por que o homem morava naquela casa e naquele lugar: sentia nostalgia do mar, era isso. Encontrou-o sentado à janela, com seu binóculo, a observar os navios que passavam ao longe. Anoitecia e um transatlântico acabava de acender as luzes dos camarotes. Levava muita gente — cada qual para cumprir destino diferente., O Almirante usava calças de brim e trazia como paletó, uma espécie de dólmã de serviço, num azul meio desbotado com botões dourados — seus vestígios de homem do mar. Uma lanterna em cobre para fazer sinais, de fabricação inglesa (onde se lia, gravada em maiúsculas, a palavra "Eastboard"), usada em navios de guerra, fora colocada na parede em lugar de honra. Parecia uma coisa viva, mas contida,

mergulhada numa mudez cheia de ressonâncias. Uma coisa que já viajara muito, enfrentara tormentas e estava encharcada de ventos marinhos. O velho almirante, viúvo, com seu filho único viajando pela Europa, era um homem solitário, e que morava com duas senhoras também idosas: uma irmã solteirona e uma criada, que cozinhava e fazia o serviço de casa. Esse homem sofria com saudades do mar, percebia-se logo. Viam-se bússolas, lune-tas, fotografias de navios por todos os lados. Ao chegar Pedro, como que se abriram as comportas de seu silêncio. Falou em catadupas, falou muito. Contou, contou, muitas e muitas histórias. História de tempestades e de rotas líquidas que não acabavam nunca. . . Histórias de povos exóticos que praticavam ritos estranhos. Depois falou em guerras. Guerras com navios atingidos por torpedos, e cujos tripulantes, antes de se afogarem, gritavam os nomes de Deus e de suas mães. Ainda lhe doíam as cicatrizes que isso tudo deixara.. . Pedro ouvia-o perplexo, fascinado, e sentiu nele uma tal necessidade de comunicação, que se esqueceu do importante motivo que o levara até lá.

— Após tantas experiências, meu caro — disse o Almi^ rante — encontrei numa frase do filósofo chinês Lao Tséu, que viveu há cerca de dois mil e seiscentos anos atrás, a própria expressão de meus sentimentos: "O vencedor de uma grande batalha deve cobrir-se de luto, ficar em silêncio e meditação". É isso mesmo. A vida humana é coisa muito séria e deve ser respeitada.

— O senhor, pela sua profissão, foi obrigado a participar de guerras. Pensando como pensa. . . não acha isso uma incoerência?

— Devo ser claro. Não sou propriamente contra a guerra, pois, desgraçadamente, no atrasado estágio de evolução em que a humanidade se acha, há momentos em que ela é necessária, como defesa. Revolta-me, entretanto, essa necessidade de haver guerras, entende? A verdade é que até agora só temos tido paz pelo medo: duas bombas atômicas, uma frente a outra, a se ameaçarem. . . Sou um velho sonhador, entretanto, espero que um dia os povos se identifiquem pela fraternidade universal, pelo mútuo respeito, e que a paz brote naturalmente como uma flor em terreno adubado.

— Perdão, Almirante — tornou Pedro. — Mas eu não sou tão conformado como o senhor. Acho a guerra uma coisa monstruosa! Uma forma criminosa de comércio, que só interessa aos fabricantes de armas que não se incomodam de enriquecer "a custa de vidas humanas.

Fez-se silêncio entre os dois homens, o velho e o moço.

— Não entendo uma coisa — disse Pedro. — Como é que o senhor, vivendo muitos anos no mar, e o amando tanto, não viaja sempre, mesmo a passeio?

— Bem, meu caro, trata-se de uma decisão um tanto. .. sutil. Outras são as rotas, outros são os navios. O mar de hoje, apesar de sempre igual já não é o mesmo de meu tempo. Navegá-lo agora seria perturbar, macular o mar que vive dentro de mim, intacto em minha imaginação, tal como era há cinqüenta anos atrás.

Pedro olhou-o e comprendeu.

— Vamos quanto antes a seu assunto! — disse o Almirante, caindo em si e pedindo desculpas por ter falado tanto. —- Tenho lido pelos jornais que você retomou a cobertura do Caso Spharion. Que coisa terrível, nem? Cuide-se muito e não arrisque a vida, rapaz!

— Não há perigo: não lido com diamantes. . . Estou protegido, portanto —. Sem detalhar muito, Pedro explicou mais ou menos o motivo de sua visita. Conversaram mais, e ele acabou saindo com uma carta de recomendação do Almirante ao Diretor do Departamento de Hidrografia e Navegação do Ministério da Marinha no Rio de Janeiro.

A"PATA DE ELEFANTE"

Na manhã seguinte, o moço rumou para o Departamento de Hidrografia e Navegação do Ministério da Marinha, sendo imediatamente atendido. Sentado na sala da biblioteca especializada, pôs-se a examinar cartas náuticas da costa brasileira nos Anuários da Marinha. De vez em quando, tirava do bolso um pedaço de papel — os desenhos de Dico Saburó —, e os comparava. Não estava achando absolutamente nada. Voltou no dia seguinte, e ainda no outro. Finalmente deparou com uma pequena ilha arredondada, cercada de ilhas ainda menores, conhecida pelos pescadores como "Pata de Elefante", devido a sua forma peculiar. O mapa era exatamente igual aos que Dico tantas vezes desenhara em seus momentos de percepção extra-sensorial. Entretanto . . . não dava sentido. Ao voltar a Diamantina, Pedro fez um relatório completo ao Inspetor Pimentel. Dico não se achava lá: fora a uma fazenda vizinha levar um recado de Joana Saburó e ficou sem saber de nada sobre a "Pata de Elefante".

— Fique você aqui, Pedro, enquanto vou ao Rio a ver se existe algum detalhe relativo a essa ilha. Meu "faro" não costuma falhar. E lembre-se de que Dico continua a falar em ondas se quebrando num penhasco. Confesso, entretanto, que o nome "Pata de Elefante" está me intrigando. Que tem esse bicho, que nem existe no Brasil, com nosso prezado Spharion? Deixo aqui cinco agentes meus e vou eu mesmo ao Rio o quanto antes. Quero averiguar mais alguma coisa sobre a tal ilha —. Dina e Pedro foram levar o Inspetor até o pequeno aeroporto de Diamantina. Estavam-se entendendo muito bem *e* isso lhes dava forças para enfrentar tudo.

NOVA PEÇA DO QUEBRA-CABEÇA

Chegando à Biblioteca do Departamento de Hidrografia e Navegação do Ministério da Marinha, o Inspetor pediu à jovem encarregada que lhe mostrasse os registros mais antigos, sobretudo os ligados à costa brasileira. A papelada era enorme, e o Inspetor entendia pouquíssimo do assunto. Era paciente, entretanto — isso fazia parte de seu ofício — e acabou deparando com uma pequena informação que o pôs excitadíssimo. Tão excitado que chegou a sentir palpitações:

"Ilha da Pata de Elefante —'Antiga Ilha de Fernando Ferguson, assim chamada por nela ter vivido, até 1850, um homem descendente de ingleses, de profissão não-identificada, e que tinha esse nome. A ilha hoje, completamente abandonada, ainda conserva uma casa de pedra e é coberta de intensa vegetação natural. Sem interesse. Acesso muito difícil".

Bastante perturbado, o Inspetor começou a repetir alto: "Fernando Ferguson. . . Fernando Ferguson..." E logo "associou" as pistas: a insistente premonição de Dico, a repetir que via e ouvia ondas muito altas se arrebentando contra os penhascos; seu "mal-estar" no Museu de Minera-logia, sempre que passava perto dos minérios radioativos e pronunciava a palavra "Fergusonita". Fergusonita. . . Fer-guson. . . Fernando Ferguson. Os dois FF que Spharion sempre acrescentava à sua assinatura: Fernando Ferguson; não havia mais dúvida. Entretanto, uma idéia passou a afligir o Inspetor: esse Fernando Ferguson havia morrido há mais de cem anos e Spharion estava agindo agora, em fins do século XX. Não acreditava em coisas sobrenaturais, apesar de todas as circunstâncias inexplicáveis que rodeavam aquele caso tenebroso. Mas qual a causa, o motivo daquela confusão toda? Por quê? Mal saiu do Departamento de Hidrografia e Navegação, o Inspetor se dirigiu ao

aeroclube. Na manhã seguinte, alugou um avião e sobrevoou durante várias horas a costa brasileira, sobretudo na região entre Rio de Janeiro e São Paulo. De vez em quando pedia ao aviador que desse um "rasante", a fim de verificar mais de perto um ou outro detalhe. Finalmente achou o que procurava: conseguiu localizar a "Pata de Elefante". Ficava a aproximadamente cem milhas de Angra dos Reis, era coberta de vegetação e parecia completamente abandonada.

RESOLVERAM ARRISCAR...

Com todos os dados na mão, o Inspetor voltou imediatamente a Diamantina, convocando Pedro e Dico para uma reunião secreta no apartamento do hotel onde se hospedava. Todos concordaram em que as pistas eram válidas e conduziam a um mesmo lugar: à "Pata de Elefante". Esquisito, entretanto, que fosse uma ilha bastante pequena (dois mil e quinhentos metros quadrados), de aspecto deserto, coberta de pequenos coqueiros e de cerrada vegetação.

— Parecem-me bromélias — disse o Inspetor. — O acesso é impraticável, pois a "Pata de Elefante" tem rochas altíssimas e escorregadias, constituídas de penhascos íngremes. Às vezes chego a pensar que estamos no caminho errado. Quanto às ilhotas que a cercam, são lisas e muito pequenas. Não servem para nada.

— Apenas para um pequeno. . . heliporto, quem sabe? — falou. Pedro, brincando, sem perceber que acabava de dizer uma coisa certa.

— "Pata de Elefante"... — repetia Dico, lembrando-se das marcas que vira, meses atrás, no chão molhado, quando o circo estivera em Diamantina.

— Convém, antes de mais nada, observar discretamente a ilha, verificando se entra ou sai alguém — disse Pedro.

— Uma medida dessas — falou o Inspetor — exige calma, coragem, paciência, tempo e. . . muita escuridão para não sermos vistos. Vou arranjar no Ministério da Marinha uma lancha a motor — que posso perfeitamente manobrar, pois entendo disso — e estou decidido a levar a coisa até o fim.

— Nós também — disseram Pedro e Dico, quase ao mesmo tempo.

— Perto da "Pata de Elefante", há uma outra ilha um pouco maior, atrás da qual podemos nos esconder sem perigo de sermos vistos. De lá a gente pode observar tudo. Entretanto, só devemos fazer isso protegidos pela noite. . .

— Mas... e se o barulho do motor da lancha denunciar nossa presença?

— A gente vai de motor até uma certa distância. Quando for chegando mais ou menos perto, remamos sem ruído, até nosso posto de observação. Vocês topam?

— Claro.

— Combinado. Mas tudo em segredo, hem?

Pedro e Dico anunciaram que iriam se ausentar por algum tempo. O mesmo fez o Inspetor, sem dar muitas explicações aos muitos agentes que deixou em Diamantina. Dessa vez interrompeu-se definitivamente o comércio de diamantes na cidade.

O GRANDE PÁSSARO NEGRO

Não deu certo a primeira tentativa dos três. Chegaram até perto da ilha, instalaram-se no esconderijo, e nada aconteceu naquela noite nem naquele dia.

Acabaram desistindo, apesar da insistência de Dico em que ficassem lá.

— As ondas que vi tantas vezes são essas, e são esses os mesmos penhascos — repetia ele.

— Acontece que estou varado de fome — reclamou Pedro. — Lembre-se de que nessas vinte horas só comemos alguns biscoitos e bebemos água mineral. Que tal se a gente fosse a alguma vila da costa, "traçasse" uma boa macar-ronada, e voltasse trazendo "víveres" para o que der e vier?

Assim foi feito. À tardinha do dia seguinte, estavam lá outra vez. Já era noite quando se instalaram no "posto de observação", improvisado atrás da ilha. O mar estava calmo e o silêncio era quase total. Apenas o ruído monótono e repetido das ondas arrebentando nos penhascos. Havia neblina, e o contorno da ilha aparecia diluído e vago. Recos-tados no banco, debaixo da cobertura da lancha, Pedro e o Inspetor cochilavam. Dico não conseguia dormir de jeito nenhum. De repente levou um susto, e gritou sacudindo os companheiros e apontando para a ilha:

— Olhem só aquilo ali!

Então eles viram uma coisa esquisitíssima e apavorante: envolto em brumas, veio brotando da vegetação cerrada um gigantesco pássaro negro lembrando uma águia de cinco metros, asas entreabertas e bico muito agudo do qual pendia uma espécie de fio com um objeto não identificado na ponta. Esse objeto chegou até o nível do mar e sumiu. Ouviu-se um ruído ligeiramente metálico como que de correntes, e a tal águia gigante subiu e recolheu-se outra vez, sumindo na vegetação escura. Dico apertou a mão de Pedro em silêncio.

— A.. . "coisa" parece estar acorrentada! — exclamou Pedro, sentindo uma dor fininha na barriga, vulgarmente conhecida como medo. <

— Atiro, Inspetor? — perguntou ele, pondo a mão no bolso e tirando o revólver.

— Nunca! Isso atrapalharia completamente nossos planos.

— Que vamos fazer então?

— Por enquanto, nada. Veja a sombra que lá vai indo naquela direção...

A FORMA ESCURA...

Dico e Pedro olharam e viram uma forma escura lembrando uma baleia que se afastava rapidamente.

— Se não me engano. . . posso até jurar que aquilo é um barco, e que dentro desse barco vai alguém muito importante para nós. . .

— Spharion! — exclamou Pedro.

— O próprio. . .

Dico, sempre silencioso, ficou esquisito de repente como que alheio ao que se estava passando. Em dado momento, repetiu como que em transe:

— É essa a ilha que já vi muitas e muitas vezes...

— Aguardemos um pouco. É possível que o "homem do cilindro" não se demore muito. De qualquer modo, não atiraremos nele. Precisamos esclarecer tudo primeiro. Minha impressão é de que Spharion não deve ter ido muito longe.

— Está assim tão certo de que seja ele?

— Quase. Então, como é? Vamos ou não vamos até a ilha? Tenho o palpite de que essa é a nossa única oportunidade.

— Os rochedos que a contornam são íngremes e não conseguiremos subir até ela — disse Pedro. — De qualquer modo eu topo uma escaladazinha. Anos atrás cheguei a fazer alpinismo.

— Ai que tonteira! — gemeu Dico, pondo a mão na cabeça. — Mas não se incomodem. Vamos para a frente de qualquer jeito!

— Confesso que já estou me acovardando — continuou Pedro. — Esse negócio todo é muito esquisito. Muito mesmo. E além de tudo, apareceu aquela enorme águia preta para apavorar a gente ainda mais.

— Reparem como a ilha fica misteriosa envolvida pela névoa — disse o Inspetor.

— Cuidado gente! — gritou Pedro. — Lá vem "Ele" voltando.

— Pressentiu nossa presença! — exclamou Dico.

— Escondamo-nos por trás de uma das "Patas de Elefante" e fiquemos bem quietos — disse o Inspetor.

A forma escura, que lembrava uma baleia, passou devagar, como se estivesse reparando, e depois sumiu.

— Então: criamos coragem ou não? Mesmo que não possamos subir em cima, vamos tentar? — disse o Inspetor.

— Quantas lanternas temos?

— Três de alta potência.

— Vamos.

A ILHA DE FERNANDO FERGUSON

Com cuidado dirigiram a lancha para a pequena ilha. O momento era realmente emocionante. O foco da laterna mostrou um penhasco árido, alto e visivelmente escorregadio, impossível de ser escalado, como já haviam notado a distância. Apesar do desânimo, começaram a contornar a ilha lentamente, examinando aqui e ali, sempre iluminando cada detalhe.

Fizeram isso durante mais de uma hora. Já estavam quase desistindo, quando uma pequena saliência metálica grudada na pedra, ao nível do mar, chamou-lhes a atenção.

— Parece o botão de uma campainha, ou algum co-mutador de eletricidade —

falou Dico. — Vamos ver o que é.

Aproximaram-se bem rente.

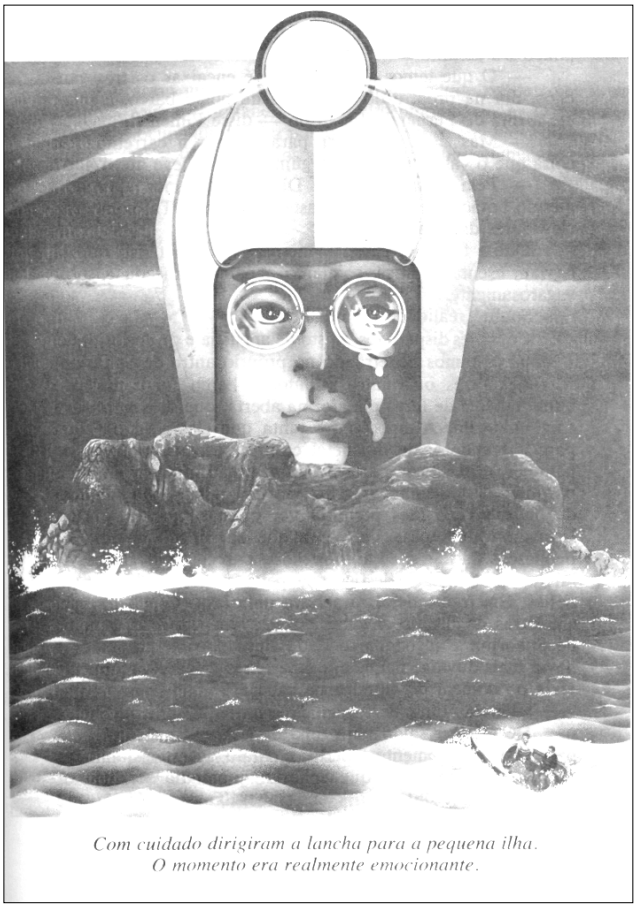
— Vou apertar o tal botão — disse Pimentel. — Rezem, porque neste momento estamos jogando com nossa sorte.

Ouviram um ruído a princípio surdo, depois metálico, enquanto uma coisa grande e escura começava a descer lentamente. Apavorados, viram então que um pássaro imenso e negro de asas abertas caminhava — ou melhor, voava — para baixo, na direção deles. A certa altura, parou e deixou cair uma grossa corrente de metal que trazia no bico.

— Meu Deus do céu! — exclamou Dico. — E esse pássaro... me parece de metal também!

— Uma extravagância de acordo com o estilo de Spha-rion — comentou o Inspetor. A corrente se partia em três e tinha ganchos nas pontas, que se jogavam para lá e para cá, de acordo com o movimento das ondas.

— Um guindaste! — exclamou Pedro, perplexo. — Um guindaste como aqueles que os marinheiros usam para



Com cuidado dirigiram a lancha para a pequena ilha. O momento era realmente emocionante.

suspender e descer os barcos! Só que eles utilizam cordas em vez de correntes. Já tive um veleirozinho e entendo um pouco do assunto.

— O que temos a fazer então é encaixar os três ganchos, um na proa, e dois na popa de nosso barco, e subir até a Ilha de Fernando Ferguson — disse Pimentel.

— Mas.. . como fazer para acionar a carretilha ou coisa que o valha, para que o guindaste nos leve até o alto?

— Pela lógica — disse Dico — devemos apertar o mesmo botão que fez o guindaste se abaixar. Tal como nos elevadores da cidade.

Dito e feito: ouviram o mesmo ruído metálico que já haviam escutado antes, enquanto o barco começou a subir vagarosamente.

Sonho, realidade ou pesadelo?

Corações disparados, misto de angústia e de curiosidade.

— Estamos penetrando no próprio antro de Spharion! Após três ou quatro minutos o barco foi depositado

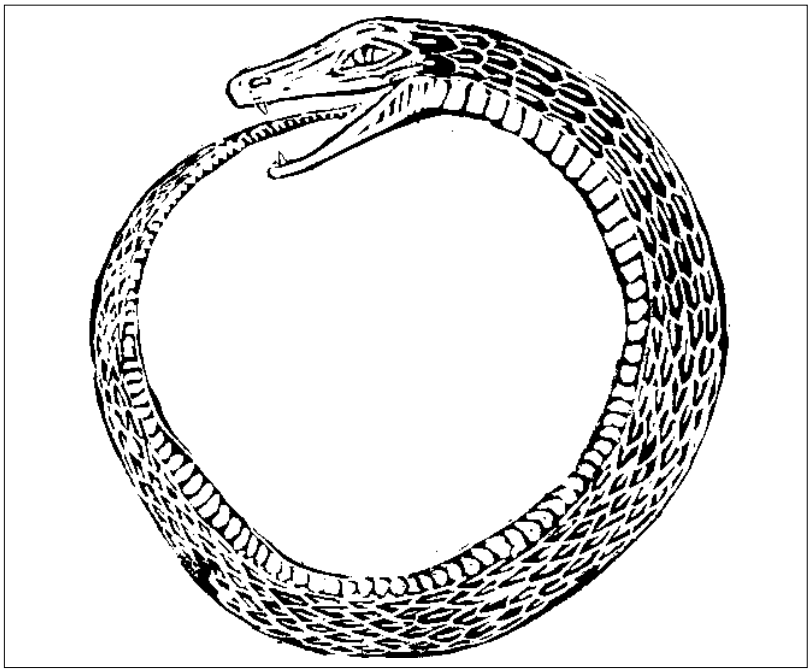
numa espécie de larga plataforma aberta, que se comunicava com uma sala. A emoção foi tanta que eles nem olharam para a grande águia de metal escuro, suspensa no alto do patamar, e que fazia parte do guindaste. Entraram no com-partimento que tinha uma luz mortiça, vinda não se sabia de onde, e que lhes permitia ver o contorno das coisas. Estavam numa casa de pedra que se confundia com os penhascos da ilha e cuja construção parecia bem antiga, de tal modo se achava desfigurada pelo tempo e pelas intempéries. Em frente deles se achava uma larga porta, na qual em letras de bronze envelhecido estavam gravados o nome de Spharion e logo abaixo o de Fernando Ferguson. Não havia mais dúvida: naquele lugar isolado e secreto realmente vivia o "homem do cilindro na cabeça"!

Silêncio total. Será que ele estaria lá? Possivelmente não. Deveria ter saído para uma de suas excursões. A casa parecia completamente deserta, e o fato de estar iluminada por dentro significava que Spharion pretendia se demorar pouco fora da ilha. Ou, quem sabe? Talvez até estivesse escondido na própria casa de pedra!.. .

— Aproveitemos o tempo, e vamos ver se descobrimos alguma coisa — falou o Inspetor.

A SERPENTE QUE ENGOLIA A PRÓPRIA CAUDA

Entraram num salão também de pedra que os deixou atônitos. Viram, formando um círculo, pintado em preto e branco, e ocupando toda a parede principal, o emblema dos alquimistas medievais gregos: uma serpente ou salamandra engolindo a própria cauda.



Em outra parede, também em bronze, e em letras enormes, fora gravada esta frase: "Os pecadores, porém, serão todos aniquilados. A posteridade dos ímpios será arrancada" (livro dos Salmos).

—• Muito esquisito! Esquisitíssimo! — exclamou o Inspetor.

Dico e Pedro, de olhos arregalados, olhavam tudo, sem dizer nada. Estavam siderados!... O salão se achava iluminado e eles puderam reparar bem. As outras duas paredes estavam cobertas de reproduções de gravuras antigas com retratos de alquimistas célebres. Embaixo do retrato de um homem de meia-idade, gordo e calvo, com cabelos anelados dos dois lados, havia uma placa onde fora escrito um nome que o Inspetor leu alto:

—• Theophrastus Bombastus von Hohenheim Paracel-sus (1493-1541).

Dico começou a rir.

—• Vê lá se isso é hora de dar risada! — falou Pedro, preocupado.

—• É que. . . é que. . ., Bombastus é um nome meio engraçado para se pôr em alguém. . .

O Inspetor não tomou conhecimento do senso de humor do rapaz e continuou a ler alto a placa de Paracelsus: "Médico suíço e um dos pais da alquimia. Reprodução de gravura em cobre feita pelo mestre HH — 1540". Logo abaixo, pintada em vermelho, uma frase de Paracelsus: "Não devemos chamar nossos irmãos de loucos, pois nós mesmos não sabemos o que somos. Só Deus pode julgar". Ao lado, numa mesa, via-se um vaso com botões de rosa bem fechados.

— Alguma homenagem especial? — comentou Dico, entre irônico e inquieto. Mais adiante, dentro de um círculo, achava-se a gravura de um homem de barba pontiaguda, mãos cruzadas sobre o peito. Na placa, lia-se: "Jacob Boehme (1575-1624), místico alemão". Também pintada em vermelho, uma frase dele: "Tudo vem da eternidade, e tudo a ela retorna".

— Esse cara deve ter tido um trabalhão enorme para reunir essas coisas, hem? — disse Pedro.

— Logo se vê que não é mesmo muito normal. Mas que têm esses alquimistas a ver com diamantes, com Diamantina, e com o atentado a pai João Saburó? — perguntou Dico a si mesmo, em voz alta. — Não sei como, mas sinto que está tudo interligado.

— Todos esses detalhes fazem realmente parte do mundinho de Spharion, Dico. E através deles é que poderemos conhecer um pouco da personalidade do homem do cilindro na cabeça.

CAGLIOSTRO E OPPENHEIMER

Na outra parede, viram o retrato de um homem elegante e de traços finos, vestido à moda do século XVIII. Leram na placa: "Cagliostro, Giuseppe Bálsamo (1743-1795). Fabricou, através da alquimia, um diamante, que ofereceu ao Cardeal de Rohan". (A palavra diamante estava escrita em letras maiúsculas.) Ao lado da reprodução da gravura com o retrato de Cagliostro, uma fotografia do famoso físico nuclear Oppenheimer. Logo abaixo, outro alquimista. Esse era de meia-idade, tinha o rosto cheio, com uma covinha no queixo. A placa dizia: "Conde de Saint-Germain. Idade e local de nascimento desconhecidos. Gabava-se de ter descoberto o elixir da vida, e contava ter vivido nada menos de dois mil anos!. . .".

— Esse aí devia ser o mais piradinho de todos, coitado!

O Inspetor continuava preocupado:

— Por enquanto ainda não chegamos a nenhuma conclusão. Estamos apenas nos. . . preparativos. . . — disse ele.

Chamou-lhes a atenção a fotografia de uma rua estreita com casas antigas. A placa explicava: "Golden Lane, a Rua dos Alquimistas, em Praga. Foi, no século XVI, famoso centro de alquimia e de ciências ocultas. Nela moravam o legendário Doutor Fausto e o próprio Paracelsus".

— O tal da bomba, não é? — falou Dico de propósito, sabendo que estava dizendo uma graça sem graça.

Também em reproduções de gravuras, lá estavam alguns árabes de turbante na cabeça. Entre estes, certo "Abu-Ali-Al Husain ibn Abdullab ibn Sima, Avicena, filósofo persa (980-1037), traduzido para o latim no século XII".

O nome complicado e comprido provocou novo acesso de riso em Dico.

— Você sempre descobre um meio de fazer gozação nas horas mais impróprias, hem?

— Vocês nunca ouviram falar em riso nervoso? Se nunca viram, estão vendo agora. Isso é para disfarçar o medo que está tomando conta de mim. Apesar disso, topo qualquer parada, e enfrento o que der e vier.

O Inspetor parecia cada vez mais aflito:

— Não podemos perder tempo! — disse ele. Precisamos aproveitar os minutos antes que Spharion se resolva a voltar. . . se é que não está escondido mesmo aqui.

— Mas que hipótese horrorosa! — exclamou Pedro.

— Hipótese pouco provável, pois se ele estivesse em casa, já nos teria atacado na certa.

— E se tiver seguido para Diamantina?

— A esta altura das coisas, não creio que se arrisque a tanto. Vamos deixar os alquimistas em paz e continuar nossa busca.

ALQUIMIA E FÍSICA AVANÇADA

Chegaram a uma espécie de laboratório, no qual, em anacrônica mistura, encontraram retortas, computadores, alambiques, contadores Geiger, provetas e ampulhetas. Tratados em francês e inglês de Física Avançada, com análises de partículas de energia, rodinhas de esmeril para extrair pó na lapidação, etc., etc. Em cima de uma prateleira, junto de atualíssimos aparelhos eletrônicos, uma cópia da *Opus Majus (Obra Maior),* de Roger Bacon, o famoso alqui-mista do século XIII. No meio de tanta confusão, vários almofarizes de material refratário onde certamente Spharion preparava as suas misturas.

— Parece o gabinete de um bruxo! — exclamou o Inspetor. — De qualquer forma, já sabemos mais algumas coisas sobre Spharion: trata-se de um físico nuclear de inteligência fora do comum, atualizadíssimo em ciências, de mente desequilibrada, possivelmente brasileiro, poliglota e que sabe pilotar. . . talvez helicóptero. Um homem espertíssimo dentro de sua loucura, e de espírito altamente criativo.

— Como se explica que viva sozinho na ilha? Como se abastece? Como se alimenta?

— Na certa deve ter um ajudante, um comparsa que, por exemplo, lhe faça a comida e cuide da roupa da casa. Mas onde está esse ajudante? — O silêncio da casa iluminada aprofundava-se cada vez mais, aumentando a tensão nervosa dos três homens.

— Um reator atômico! — exclamou Pedro, perplexo, entrando numa pequena sala.

— Não entendo como pode uma "organização" dessas existir a cerca de cem milhas da costa brasileira, sem despertar a atenção de ninguém, e nem mesmo dos aviadores que passam no alto. Se não fossem as premonições de Dico, estaríamos na estaca zero. . . Será que vista do ar, a ilha não atrai a curiosidade de ninguém?

— A Fernando Ferguson é coberta de vegetação cerrada, e provavelmente. . . Spharion, por medida de precaução, só sai à noite. Além disso, se alguém percebeu vestígios de construção na "Pata de Elefante", e procurou detalhes em antigas cartas náuticas, soube, como nós, que há mais de um século, nesta ilha viveu certo vago Fernando Ferguson. Apenas isso. E imaginou que ela estivesse completamente abandonada.

— Mas onde arranja dinheiro para — digamos — conseguir e manter essa engrenagem toda?

— Você está querendo saber demais. Só podemos fazer simples conjecturas, meu caro. Minha opinião é a seguinte: Spharion deve ter herdado uma grande fortuna de sua família, e usa-a do modo que todos sabemos.

— Mas quem é ele? Por que coloca o cilindro na cabeça? Por quê?

— Sei tanto quanto você. O tempo passa. Continuemos a explorar o antro de Spharion.

EMBRULHO GROSSO E BEM AMARRADO

Chegaram a uma sala — toda de pedra — como o resto. Uma das paredes estava coberta pelas telas quadradas, de várias televisões interligadas. Junto havia uma mesa cheia de botões.

— Não apertem nada! — avisou o Inspetor. — Ninguém sabe o que um gesto desses poderá desencadear!

Pedro, cada vez mais aflito, afastou-se disfarçadamente, pôs a mão no bolso, tirou a carteira, abriu-a e retirou de dentro o retrato de uma moça de cabelos longos e lisos: Dina.

Olhou-o com desespeso, como a pedir socorro, depois guardou-o na carteira outra vez. E foi como se tivesse recebido uma lufada de ar fresco. Um hausto, apenas. Logo voltou à dura realidade.

Entraram na cozinha, onde acharam centenas e centenas de garrafas de vinho e de latas de alimentos em conserva. E foi então que se lembraram de que o já lendário Spharion era um ser humano como eles, e que, como eles, sentia fome e sede. . . E assim como eles, também deveria ser vulnerável, apesar do misterioso cilindro na cabeça, e do raio da morte que queimava o cérebro de suas vítimas. Finalmente chegaram ao que realmente buscavam: o escritório do senhor da "Pata de Elefante", ou melhor, da Ilha de Fernando Ferguson. Mal entraram, logo viram pintada na parede, com tinta preta, uma espécie de lista: "Inglaterra: Harwell; França: Saclay e Grenòble; Estados Unidos: Ar-gonne, Brookhaven, Oak Ridge; União Soviética: Dubna".

— São todos laboratórios dê Energia Atômica! — exclamou o Inspetor.

Duas paredes estavam cobertas de estantes cheias de livros, alguns deles sobre magnetismo.

— Vejam só esses títulos! — exclamou Pedro. — O homem está a par das mais avançadas descobertas da ciência moderna! Obras de Oppenheimer, Seaborg, Heller, e de outros grandes físicos nucleares. . .

Na parede em frente, havia uma enorme gravura colorida, de 1803, representando 550 escravos ocupados no serviço de mineração em Diamantina. Diamantina. . . como estava longe tudo aquilo. . . As capistranas. . . os diamantes... a draga.. .

Os armários foram revirados, as gavetas abertas. Encontraram uma infinidade de mapas e de relatórios sobre núcleos de mineração de diamantes no antigo Tijuco, e nada menos de cinco passaportes falsos, com nomes diferentes. Qual seria o verdadeiro? Nenhum deles, com certeza.

Ao ver as fotografias, Dico exclamou, quase gritando:

— É o homem do cilindro! É Spharion!

Num dos cantos havia um grande cofre certamente com documentos importantes, cujo "segredo" para abrir ninguém sabia.

— Socorra-nos, Dico! Desvende esse segredo, pelo amor de Deus — suplicou o Inspetor.

— Não depende de mim, vocês bem o sabem. De qualquer modo, poderiam me dar qualquer objeto "dele". Até um passaporte serve.

De olhos fechados, e segurando o documento, Dico começou a se concentrar em frente ao cofre. Minutos depois, levantou-se, aproximou-se, girou o "segredo" e o abriu. Encontraram cédulas altíssimas de vários países: uma verdadeira fortuna. Além disso, envelopes de Cafiaspirina e um vidro de xarope. Havia também um embrulho grosso, que o Inspetor tomou nas mãos.

A MULHER DE OLHOS TRISTES

— Ainda estou vendo alguma coisa no fundo do cofre — disse Pedro.

Tirou-a e mostrou um retrato de mulher meio vago, como se tivesse sido

ampliado de cópia pequena e ruim. Era uma mulher ainda jovem, de rosto pensativo e olhos tristes, com uma flor nos cabelos. Muito bonita, sem dúvida. O penteado meio fora de moda

Era uma mulher ainda jovem, de rosto pensativo e olhos tristes, com uma flor nos cabelos.

mostrava que a fotografia tinha sido tirada há alguns anos. Não havia dedicatória. Apenas a palavra "Amor" escrita por todos os lados, e em várias línguas: *Amour, Amore, Love, Liebe, Amor, Azerelem, Liefde. . .* A que espécie de mulher pertenceria aquele rosto? Havia nele qualquer coisa de muito feminino que parecia suplicar em silêncio: "Protege-me! Sou frágil... Ama-me...".

Impossível identificá-la ou saber em que país havia nascido. Alguma paixão de Spharion? Parecia óbvio.

"Por onde andará essa criatura?", indagou Dico a si mesmo, com a incômoda

sensação de ter-se apossado de segredo alheio.

Aquela mulher parecia tão lânguida, romântica e sensual ao mesmo tempo. . . Inútil descobrir-lhe a identidade, e muito menos tentar saber de que forma havia sido marcada pelo amor.

Dico ficou fascinado e sentiu que teria sido bom acariciar aquele rosto pensativo e beijar aqueles olhos tristes.

Enquanto isso, o Inspetor procurava tirar a fita que amarrava o embrulho com várias voltas e nós. De repente, soltou uma exclamação:

— O Diário de Spharion!... Só peço a Deus que nos dê tempo de ler tudo antes que ele chegue.

Dico e Pedro ficaram alvoroçados.

O DIÁRIO DE SPHARION

Tratava-se de uma espécie de relatório manuscrito, um tanto resumido, que não poderia ser propriamente chamado de "diário", uma vez que seu autor passava vários dias, semanas e até meses sem escrever nada. Fora iniciado cinco anos atrás, e começava assim:

5 de maio

Finalmente instalado na Ilha da "Tata de Elefante", onde viveu um tal Fernando Ferguson. Vou acrescentar suas iniciais ao nome de Spharion, que adotei depois que deixei de ser quem eu era. Estou até com vontade de aproveitar o quindaste, o pássaro e as correntes de aço que encontrei na Ilha, atirados num canto. Tudo completamente enferrujado pelo tempo. — Afinal de contas, já se passou mais de um século desde que aqui viveu o tal Fernando Ferguson.

— Que pena! Pelo visto, não poderemos saber nada sobre o passado dele, a não ser o que já conhecemos — comentou o Inspetor.

10 de maio

Instalei o Mudo numa das ilhotas que formam a "Tata de Elefante" e que se prestava para fazer uma instalação disfarçada. Encarreguei-o de providenciar as compras e de cuidar da casa. Espero finalmente encontrar calma e sossego para me entregar ao Grande Plano! — Aqui posso estudar e fazer minhas experiências.

— Quem seria esse Mudo? — disse Dico. — E se ele surgir aqui agora? Deve ser tão doido quanto o próprio Spharion. E que Grande Plano seria esse?

14 de junho

Tenho estudado bastante.

23 de dezembro

Parece-me que através do carbono 14 chegarei a algum resultado. Devo me lembrar sempre de que o diamante é a forma mais pura de carbono que existe na natureza.

— Esses cálculos de Física, nós não entendemos — disse o Inspetor. — Vamos passar adiante. Vejamos o que ele diz um ano depois:

14 de maio

Tive confirmada minha suposição: aqui mesmo no Brasil, em Diamantina, posso conseguir a "matéria-prima" que desejo. Estou com mapas detalhados da região e já tenho uma lista das pessoas a eliminar, caso necessário, e dos lugares onde obter o tipo de diamante que necessito. Construí um minúsculo heliporto numa das ilhotas. Ficou tão bem disfarçado que mesmo do alto, ninguém percebe. Além disso, pretendo... usá-lo só à noite. Projetei e fabriquei eu mesmo um helicóptero com as pás de sua hélice de sustentação recobertas por uma espécie de penugem tão macia como a das corujas, o que amortece quase completamente o ruído. Comprei uma pequena motocicleta silenciosa de motor de pistão rotativo que cabe em meu helicóptero, apesar dele não ser nada grande.

— Está explicado como é que Spharion se locomovia rapidamente em Diamantina quase sem ser notado. É bem possível que, para seus "estudos preliminares", ele tenha andado à vontade na cidade, sendo confundido com qualquer motoqueiro comum — comentou Pimentel.

23 de novembro

Estudo minuciosamente o Grande Plano e devo ir à Europa na próxima semana para encontrar X, que tanto está me ajudando no glorioso Projeto. Ele facilitou tudo.

Achei interessante o livro sobre a aproximação entre a Física Quântica e a Parapsicologia.

5 de dezembro

Trouxe mapas e informações importantes. A prova de laboratório parece que vai dar certo. Preciso do carbono 14 para vitalizar meu poder psíquico e fazer justiça contra aqueles a quem odeio! Malditos sejam eles!

— Eles quem? — perguntou Pedro em voz alta.

— Não podemos saber.

— Como poderia ele odiar um homem como papai? — ponderou Dico.

— Minha opinião — disse Pimentel — é que o atentado a João Saburó não se acha diretamente ligado à finalidade que Spharion quer atingir, e que ainda não sabemos qual seja. Está bem claro, entretanto, que o homem é completamente maluco! Tenho a impressão de que ele passou os anos seguintes exclusivamente estudando, fazendo experiências e bolando alguma coisa. Reparem que durante esse período, ele somente registra fórmulas de Matemática e de

Física que nenhum de nós três é capaz de entender. Aí estão apenas os registros de viagens suas aos Estados Unidos, França e Inglaterra. Esperem lá, aí vem alguma coisa mais interessante. Vejam:

5 de setembro

Consegui fazer um contador Geiger miniaturizado em forma de anel, e um emissor de raio mortífero no feitio de pequena caneta. Uma "caneta atômica", dizamos. O Mouro me ajudou muito, pois já trabalhou alguns anos num laboratório especializado na França. Boa idéia trazê-lo comigo. Tenho feito com ele exercícios mentais, e consigo hipnotizá-lo com a maior facilidade.

— Mas que tem isso a ver com os diamantes, com as mortes e com esta ilha?

— Calma! Aos poucos vamos deslindando tudo!

18 de outubro

Em Diamantina, no lugar chamado Extração, fiz minha primeira vítima: um velho preto minerador. Hipnotizei-o com facilidade. O contador Geiger e a "caneta atômica" funcionam perfeitamente. Achei algumas pedrinhas.

— Reparem que depois disso Spharion passou uns quinze dias fazendo experiências. Só estamos vendo números e cálculos.

5 de novembro

Obtive três pequenos diamantes brutos no Museu de Mineralogia em Diamantina, todos com uma boa concentração de carbono 14. Não houve problemas. Bastou-me hipnotizar o zelador.

27 de novembro

Fui obrigado a usar a "caneta atômica" no guia do Museu do Diamante, porque ele reagiu quando eu tirei umas pedrinhas de tipo especial que se achavam no cofre. Escrevi no rosto do cadáver meu nome, com as iniciais de Fernando Ferguson. As pedrinhas estão comigo. Uma delas tem bôa dose do elemento que necessito. Preciso ficar de olho no tal João Taburo, pois é ele quem todos os dias leva de caminhão o cascalho que a draga tira do Rio Jequitinhonha até Coroinhas. Estou tentando prepará-lo de longe, através de ondas mentais.

— Papai! — exclamou Dico, quase chorando.

Pedro apertou-lhe a mão.

— Você não fica com ódio desse canalha que quase matou seu pai?

— Ele é doido, coitado!

Súbito o rosto do Inspetor iluminou-se, e ele deu um grito:

Vejam! Estamos chegando à parte mais importante desse Diário:

O CILINDRO

14 de dezembro

Estou exultante! Consegui finalmente fabricar o cilindro oco, feito com uma liga de cobre e pó de diamante, contendo carbono 14, a ser colocado em minha cabeça, e cujas irradiações eletromagnéticas submeterão facilmente as pessoas a todas as minhas ordens! Sinto-me tão feliz que faço questão de recapitular aqui o começo e a seqüência de tudo: formei-me em Física Nuclear na Europa, e pretendo aumentar a tremenda força mental de que sou dotado, dediquei-me a estudos que abrangiam desde os princípios dos alquimistas antigos, até as mais modernas descobertas da Física atual. Há cerca de 14 anos, indo a Londres, descobri, numa casa de antiguidades, uma verdadeira preciosidade, que passara despercebida pelo próprio dono da loja: nada mais nada menos do que um manuscrito de ... Paracelsus, datado do começo do século XVI sobre banhos minerais. O documento, do qual faltavam palavras, e até frases, era em latim e estava em péssimo estado, o que tornava muito difícil a sua leitura. Eu sabia que Paracelsus afirmava apenas coisas concretas, embora se baseasse em teorias que hoje seriam consideradas fantásticas. Com esforço consegui decifrar mais ou menos o que ele dizia, e descobri uma coisa sensacional: Paracelsus insinuava ter descoberto um meio de transmitir sua energia mental a uma outra pessoa! O processo — que não vinha bem esclarecido por estar o documento avariado — falava num cilindro de cobre, oco, que poderia produzir o que hoje seria interpretado como ondas eletromagnéticas, conjugadas com o pensamento, por meio de eletrodos colocados nas têmporas do emissor. Foi isso, pelo menos, o que percebi através da parte legível do manuscrito, embora a interpretação dada (também quase ilegível) se reforasse a supostas ondas mentais transmi-

tidas pelo dispositivo utilizado por Paracelsus. O documento — apesar de deteriorado — deixava adivinhar o modo de tornar os tais cilindros "vivos", isto é, capazes de produzir, quando convenientemente excitados, as vibrações hoje conhecidas como ondas mentais. Para ativar o cilindro, dizia Paracelsus, dever-se-ia fricciona-lo durante um minuto mergulhando-o depois num banho em alta temperatura, em cuja composição, ao que pude perceber, entravam pó de um diamante especial que contivesse certo elemento hoje conhecido como carbono 14, alguns ácidos e mais dois outros ingredientes.

— Agora sabemos a razão pela qual Spharion enfiava no dedo o contador Geiger miniaturizado em forma de anel — comentou o Inspetor.

— É claro. Usava-o para detectar quais os diamantes que possuíam em sua composição carbono 14, elemento radioativo indispensável para o que ele queria — disse Pedro.

O Inspetor parecia entusiasmado.

— Se não fosse a sua loucura, esse homem seria o gênio do século XX! — comentou ele. — Vamos continuar a leitura:

Retirado o cilindro, após ter ficado vinte e quatro horas no banho em alta temperatura, dever-se-ia colocá-lo entre duas pequenas placas muito delgadas também de cobre, as

quais eram
soldados, fios do mesmo
metal. Cada um desses dois fios se dividia
em mais dois, de modo a formar quatro pontas termi-
nais, livres. Duas dessas pontas seriam ligadas pos-
-sivelmente a um dispositivo que forneceria energia ao
sistema. As outras pontas eram ligadas à cabeça,
nas têmporas. Paracelsus não esclarecia (ou talvez eu
não tivesse conseguido entender) se o processo produzia
o que ele desejava, isto é, transmitir energia mental
a outro indivíduo, sem qualquer aparelho receptor. Co-
mo Paracelsus gostava de experiências, é possível que
tenha realmente tentado fazer isso. Não pude saber se
conseguiu ou não, pois, como já disse, o manuscrito es-
tava deteriorado. Quanto a mim, obtive êxito comple-
to! Adaptei a fórmula de Paracelsus à técnica atual,
e fabriquei uma espécie de capacete de alumínio, ao
qual adaptei um cilindro grosso e oco, feito com uma
liga de cobre e pó de diamante enriquecido por carbo-
no 14 e já passada pelo reator atômico. Da parte pos-
terior deste cilindro saem dois fios metálicos muito finos,
um de cada lado, ambos terminados por plaquetas
adaptadas às têmporas. Ligados a estas plaquetas, colo-
quei dois fios que vão ter a uma fonte de energia, isto
é, a uma poderosa pilha elétrica que posso guardar
em meu próprio bolso. Oh, vitória! As citadas pla-
quetas colocadas em minhas têmporas captam as on-
das cerebrais comandadas por meus desejos e o cilindro
funciona como uma cavidade ressonante que emite on-
das eletromagnéticas ultracurtas. Essas ondas, apesar
de pouco intensas, formam um feixe que é refletido nas
camadas superiores da atmosfera, e voltam à Terra em
feixe mais aberto, atingindo, no caso, a cidade de Dia-
mantina. Entretanto, para realizar meu Grande Plano,
preciso cada vez mais e mais de diamantes
com carbono 14, a fim de "pre-
parar" as

pessoas através das quais posso obter esse elemento. Não posso entender o fenômeno que acontece com esse tipo especial de diamante, pois a experiência tem mostrado que ele não contém radioatividade nem carbono 14. Imagino que essa anomalia talvez seja causada por uma condição especial das jazidas onde o diamante seja submetido à ação de algum elemento radioativo. Estou apenas divagando, pois essas conjecturas não alteram a execução de meu Grande Plano.

— Mas que Grande Plano será esse, meu Deus? — disse Pedro.

— Um pouco mais de calma, meu amigo. Continuemos a leitura.

O SUSTO

5 de janeiro

Acabo de chegar da França e da Inglaterra. Anotei tudo. X ficou radiante com o rumo que as coisas estão tomando. Ele continua a facilitar tudo para mim. É um homem poderoso e extraordinário!

9 de fevereiro

Passei há dias um grande susto no Serro, quando preparava minha "visita" ao tabelião, ou melhor, à sua coleção de diamantes. Escondi-me numa casa vizinha e desabitada, e quase fui apanhado pelo filho de João Faburó. Preciso ficar de olho nesse rapaz. Ele tem muita força, enfrentou-me, e é capaz de atrapalhar meus planos. Por falta de sorte, perdi na ocasião meu "anel atômico", como o chamo. Vou fabricar outro.

— Lembram-se do caso da radiografia de dente? — comentou Dico.

14 de abril

Os jornais falam em mim, e eu acho graça. — Acho mais graça ainda, sabendo que eles estão atribuindo os "crimes" a um certo arqueólogo... O Mudo também riu muito. Continuo a mandar ondas telepáticas para certas pessoas.

27 de junho

Fiago de Diamantina mais algumas pedras do tipo que preciso. Desta vez tive de aplicar a "caneta atômica" em João Faburó, quando ele transportava um caminhão de cascalho, porque ele resistiu, quando eu o abordei e tentei hipnotizá-lo. — Na primeira oportunidade farei a mesma coisa com o filho dele. — Amaldiçoados sejam os que atrapalham os meus planos!

— Coitado de você, Dico! — falou Pedro. — Sua vida está em perigo mesmo.

— Deixo-a nas mãos de Deus. É a única coisa que posso fazer. Mas para que tanta confusão? Que tal de Grande Plano é esse?

Súbito ouviram uma campainha estridente tocando sem parar. E o som provinha de uma espécie de aparelho receptor — que estava em cima da mesa.

— Não atendam! — disse o Inspetor. — Pode ser o Mudo. Talvez ele tenha percebido qualquer coisa estranha na ilha e esteja tentando ver se alguém — o seu chefe, é claro — atende.

O fato é que o inesperado ruído naquelas circunstâncias e naquele silêncio aumentou a sensação de pavor que os três experimentavam. O mar estava excepcionalmente calmo aquela noite. Tão calmo que o ruído das ondas não chegava até o casarão do Senhor da Ilha de Fernando Ferguson. A campainha tocou sem parar durante dez minutos. Dez minutos de angústia. Depois cessou. Aquele silêncio incomodava. . .

— Estou ficando tonto — disse Dico, pondo a mão na cabeça. — Pressinto que "Alguém" está se encaminhando para cá.

— 'Apressemo-nos e continuemos a leitura do "Diário". Paramos num pedaço emocionante! Atenção!

23 de julho

O esquema está pronto.
Eis a lista dos "sábios" que estão aniquilando a raça humana, e fabricando bombas atômicas para a destruição total. — Morte a eles! Só depois disso o mundo conhecerá a Paz. Eu vou salvar o mundo; e preparei-me para isso! Exterminados os criminosos, compareceri à Organização das Nações Unidas e, através de minha força mental, dominarei a todos obrigando-os a tomarem medidas radicais para o desarmamento dos povos, a começar pelas crianças! Eu vou salvar o mundo! Eu vou salvar o mundo!

— Céus! O homem é ainda mais doido do que eu pensava! Que perigo! E acontece que não vejo lista nenhuma, mas sim números, com indicação dos países onde os cientistas trabalham — disse o Inspetor, agoniado. — Com certeza nosso personagem elaborou para si mesmo um código em números, relativo a cada uma de suas futuras vítimas. A coisa torna-se clara: o Senhor da Ilha de Fernando Fer-guson, dono de uma inteligência de gênio, mas visivelmente desequilibrado, arvorou-se em salvador do mundo, e espera realizar seus planos através de toda essa confusão que aprontou. E não se incomoda de passar por cima de tudo e de todos.

— Como vamos sair dessa? É urgente tomar alguma medida! Mas. . . qual? — Ouviu-se um ruído de correntes. Um ruído metálico, enquanto o pássaro negro ia-se abaixando lentamente. . .

SPHARION, AFINAL!

Alguém tinha chegado e desejava subir. . . E eles logo imaginaram quem fosse.

— Saiamos rapidamente do escritório — comandou o Inspetor. — Deixemos tudo aberto assim como está e corramos em direção à Sala dos Alquimistas, a ver se conseguimos fugir pela plataforma aberta. A vegetação é cerrada e talvez possamos nos esconder entre as folhas.

Dico estava pálido e começou a suar frio. Pedro sentiu que seus últimos instantes haviam chegado. Em poucos se-

gundos recordou o seu primeiro encontro com Dina Saburó: a instantânea afinidade... a perturbação... os dois vagando, alheios a tudo, sem nem saberem o que estavam falando. .. Qual!

Nem essa lembrança adiantava alguma coisa naquela hora crucial! Pedro estava com medo. . . estava em pânico! O Inspetor, com a fisionomia séria e grave, olhava, desesperado, para todos os lados.

O ruído das correntes tornou-se mais forte, mais forte. .. O pássaro negro de asas abertas veio subindo, subindo, subiu mais alto, até que, com um estrondo que parecia proposital, deixou cair a lancha na plataforma. Não deu tempo de ninguém escapar. Afobados e desconhecendo a planta da casa, tinham errado o caminho e ido parar na cozinha, e com isso, perdido mais de um minuto. Chegaram à plataforma exatamente no instante em que a lancha se despencava no chão.

— Ai de nós, se "ele" estiver com o cilindro na cabeça! — gemeu Dico. E estava.

— Spharion! — exclamaram os três quase ao mesmo tempo ao vê-lo sair do barco.

Magro, pequeno, fisicamente insignificante, em frente deles, achava-se o poderoso Senhor da Ilha de Fernando Ferguson! Estranha força dele se desprendia, tornando tímidos e desarmados os que o encaravam. O homem não disse nenhuma palavra. Olhou-os apenas. Olhou-os com aquele olhar agudo como punhal. Tornara-se um mito, e o próprio cilindro na cabeça assentava-lhe como uma insígnia real. Um rei do terror, por assim dizer.

Ao ver Dico, seu olhar faiscou de ódio. Tinha finalmente em seu poder aquele moço que o enfrentara no Serro, e que poderia atrapalhar os seus planos! Para exterminá-lo era suficiente enfiar a mão no bolso, e tirar a caneta que emitia raios mortais. Bastaria apertar um botão. . . E era isso o que iria fazer agora mesmo. . . Entretanto. . . sua mão parecia de ferro e não queria obedecer. A custo conseguiu empunhar a "caneta atômica". Acionou-a. Quem caiu, atingido, entretanto foi o Inspetor. Spharion errara o alvo! Sempre de costas, Dico e Pedro começaram a se afastar até a Sala dos Alquimistas, onde estacaram, incapazes de

Spharion, que já se achava em frente ao Dico, estacou de repente, arregalou os olhos.

prosseguir. Spharion, como um robô, veio caminhando em direção a eles, em passos emperrados, quase se arrastando, sempre com os. olhos fixos nos de Dico. Dir-se-ia que um tentava hipnotizar o outro, como se duas poderosas ondas eletromagnéticas se entrechocassem no ar, anulando-se reciprocamente. Dico resistiu sem piscar os olhos, sentindo dentro de si uma explosão de energia. E, enquanto isso, coisas inusitadas iam acontecendo: -um castiçal veio escorregando sozinho pela estante, e se despencou nos ares; quadros começaram a cair das paredes, e, em pouco tempo, a Sala dos Alquimistas se transformou num pandemônio, com os móveis mudando de lugar sem ninguém saber como! No meio daquela loucura, e do ruído de louças e vidros que pareciam estar se espatifando no chão, Pedro ainda teve calma para perceber uma coisa bela que estava acontecendo: os botões do vaso que se achava na mesa, foram se abrindo, abrindo, até se converterem em grandes rosas vermelhas, subitamente desabrochadas.

Spharion, que já se achava em frente ao Dico, estacou de repente, arregalou os olhos, e foi levantando aos poucos a cabeça para cima como se acompanhasse alguma coisa que estivesse se erguendo e que o fascinasse. Só então Pedro percebeu o fato insólito: Dico, solto no ar, subira devagar até a uma altura de aproximadamente. . . dois metros: levi-tara! Levitara involuntariamente, em conseqüência do terror supremo de que se achava possuído, fenômeno muito raro, mas que pode acontecer aos paranormais em situações de extrema tensão como aquela. Pedro, perplexo com os acontecimentos, não percebeu que o pássaro negro, ou melhor, o guindaste, descera e subira trazendo o Mudo, que logo correu para dentro, certamente apavorado com o que estava vendo. Então Spharion, em pânico, e sem tirar os olhos de Dico, parado no ar, foi-se afastando. . . afastando pela plataforma aberta, até... cair no mar!

Nesse mesmo instante, Dico veio baixando. Mal tocou os pés na plataforma, tirou o paletó e fez menção de se atirar no mar.

— Vou salvá-lo! — gritou ele.

Mas seu impulso foi violentamente interceptado por Pedro, que agarrou seus dois braços.

— Você está louco? Ficou maluco? Que noite terrível! Que noite de pesadelo! Meus Deus! — exclamou, transtornado.

— Você me desculpe — gemeu Dico, lívido e encharcado de suor. — Nunca imaginei que fosse me acontecer uma coisa dessas. Estou envergonhado, espantado comigo mesmo!

— Ao contrário, Dico. Devemos a você, à sua "para-normalidade", as nossas vidas. Digo "nossas" porque espero que Pimentel não tenha morrido.

Do alto da plataforma, os dois homens olhavam as ondas que se arrebentavam no penhasco, agora visível, à claridade da aurora que despontava. Pareceu-lhes ver manchas primeiro brancas, depois avermelhadas se diluindo na água.

— Os tubarões!... — murmurou Dico.

Pedro olhou para seu amigo, e notou que uma lágrima lhe escorria dos olhos.

— Que é isso, meu chapa? Chorando?

— To com pena dele, Pedro.

— Do quase assassino de seu pai?

— Ele não era ruim, coitado. Era doido, apenas isso. . .

E foi então que Pedro e Dico se voltaram para o Inspetor, que continuava desmaiado no chão. Desmaiado ou... morto?

— Vamos sair já desse inferno! — exclamou Dico, transtornado, ajudando Pedro a carregar o corpo do Inspetor.

Ainda bem que o barco se achava em cima, com o guindaste pronto para funcionar. Desceram calados e tocaram a lancha — a própria lancha de Spharion — a toda velocidade. Cerca de cinco minutos depois ouviram um estrondo muito forte. Olharam para trás e compreenderam tudo: a Ilha de Fernando Ferguson explodira pelos ares!

— O Mudo! — exclamaram Pedro e Dico ao mesmo tempo.

Fez-se um grande silêncio. Apenas o barulho do mar. Acabara-se o pesadelo. Então o filho de João Saburó respirou fundo o ar puro da manhã. Inaugural, como se fosse o de uma criança que acabasse de nascer.

BIBLIOGRAFIA

AS GRUTAS DE MINAS GERAIS. Belo Horizonte. Publicação do Departamento

Geral de Estatística do Estado de Minas Gerais. 1.- edição, 1939. BARJAVEL, René. *A Força do Tigre.* Rio de Janeiro. Trad. de Clarice

Lispector. Ed. Artenova. 1.' edição. BESSY, Maurice. *A Pictorial History of Magic and the Supernatural.* London.

Spring Books — The Hamlyn Publishing Group. Printed in Checoslovaquia.

8.' edição, 1972. BIGARELA, João José; LEPREVOST, Alsedo; FRANCO, Rui Ribeiro e BOLSA-

NELLÜ, Aurélio. *Minerais do Brasil.* São Paulo. Ed. Edgar Blücher/Ed.

da Universidade de São Paulo. 1.' edição, 1972. CALÓGERAS, João Pandiá. *As Minas do Brasil e Sua Legislação.* Rio de

Janeiro, Imprensa Nacional. 1.' edição, 1904.

CASAL, Manuel Aires de. *Corografia Brasileira.* Liv. Itatiaia Ed.$_r$ em colaboração com a Universidade de São Paulo. CHATRION, Nicolas e Henry Jacobs. *Lê Diamant.* Paris. G. Massorç, Editeur,

1884. COLETÂNEA DE CIENTISTAS ESTRANGEIROS (ASSUNTOS MINEIROS). Trad

de Rodolfo Jacob. Eschwege, Spix *e* Martius, Belo Horizonte, Ed. da Imprensa Oficiai, 1930. 1." edição. Volume II, Tomo I. HAHN, Emily. *Diamond.* London, Weidenfeld and Nicholson Books — Simson

Shand Ltd.. 1.' edição, 1956. KOESTLER, Arthur. *As Razões da Coincidência.* Trad. de Carlos Lacerda

Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira. 2.' edição. LYRA, Roberto. *Parapsicologia e Inconsciente Coletivo.* São Paulo. EH. Pen

samento. 1.' edição. MATA MACHADO FILHO, Aires. *O Negro e o Garimpo em Minas Gerais.*

Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira. (Col. Retratos do Brasil, n.' 26.)

2.' edição, 1964. PARACELSUS. *Selected Writings.* Princeton, New Jersey U.S.A. Princeton

University Press, 1973. 3.' edição. Tradução do original alemão, por Basches

Verlag, Zurich, 1942. QUEVEDO, Oscar Gonzales. *O Que é a Parapsicologia.* São Paulo. Ed.

Loyola. Tradução da 3.' edição espanhola, corrigida e aumentada pelo

autor. 1971.

RIBEIRO DA MIRANDA, Aluizio. Serro. Três *Séculos de História.* Belo Horizonte. Edição da Imprensa Oficial. 1.' edição, 1972. ROBINSON WRIGHT, Marie. *The New Brazil, Its Resources and Attractions.*

Philadelphia, George Berrie and Sons. 1.' edição, 1907. SHERMAN, Harold. Como *Aproveitar a Percepção Extra-Sensorial.* Rio de

Janeiro, Ed. Record. TEULLIÈRES, Roger. *Lês diamants du Minas.* Bordeaux, Lês Cahiers D'Outre

Mer, 1956. 1.' edição. THE CENTURY CYCLOPEDIA OF NAMES. New York, Published by Benjamin

Smith Century. 13.' edição, 1906. TOMPKINS, Peter e BIRD, Christopher. *A Vida Secreta das P/antas.* Rio de

Janeiro. Ed. Expressão e Cultura. 3.' edição, 1975. ; TRIBUNA ALEMÃ N." 113. fev./1975. í VERSIANI DOS ANJOS, Rui Veloso. "Os Bens de Um Caixa da Real

Extração dos Diamantes", Belo Horizonte. Imprensa Oficia' de Minas

Gerais. 1.' edição, 1945.